

NEUSA INÊS PHILIPSEN

MÍDIA IMPRESSA E HETEROGENEIDADE: AS TONALIDADES
DISCURSIVAS DA ESFERA DA ATIVIDADE MADEIREIRA NA
AMAZÔNIA LEGAL

Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT
Instituto de Linguagens - IL
Cuiabá
2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

NEUSA INÊS PHILIPSEN

MÍDIA IMPRESSA E HETEROGENEIDADE: AS TONALIDADES
DISCURSIVAS DA ESFERA DA ATIVIDADE MADEIREIRA NA
AMAZÔNIA LEGAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Mato Grosso, área de Estudos Lingüísticos, na linha de pesquisa de Práticas Discursivas, como parte dos requisitos para a obtenção do título de mestre.

Orientador: Prof. Doutor Marcos Antonio Moura Vieira

Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT
Instituto de Linguagens - IL
Cuiabá
2007

P5529m

Philippsen, Neusa Inês.

Mídia impressa e heterogeneidade: as tonalidades discursivas da esfera da atividade madeireira na Amazônia Legal./ Neusa Inês Philippsen. – Cuiabá: a autora, 2007.

126 fls.

Orientador: Profº Dr. Marcos Antonio Moura Vieira.

Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Mato Grosso. Instituto de Linguagem. Campus Cuiabá.

1. Lingüística. 2. Análise do discurso. 3. Trabalho jornalístico. 4. Imprensa. 5. Mídia. 6. Notícias. 7. Linguagem. 8. Sinop (MT).

I. Título.

CDU 81'42:070(817.2)

DEDICATÓRIA

Aos muitos caminhos e caminhantes com os quais dialoguei, interagi e tomei-lhes, por empréstimo, as vozes que possibilitaram este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Ao meu marido, Marcelo, compreensivo nas minhas ausências.

À minha filha, Ana, pela colaboração nos trabalhos e digitações.

Ao meu filho, Alisson, por entender a importância desta realização.

À auxiliar e amiga, Solange, por cuidar da minha família e dos afazeres domésticos .

Ao meu orientador, Marcos, por mostrar-me outros vieses tecidos pela linguagem.

EPÍGRAFE

“Fora de sua objetivação, de sua realização num material determinado (o gesto, a palavra, o grito), a consciência é uma ficção. Não é senão uma construção ideológica incorreta, criada sem considerar os dados concretos da expressão social.”

Bakhtin, 1995, p.117-118

No entanto, “as condutas dos homens não se resumem a ‘jogos de papéis’ sociais”.

Faïta, 2005, p.30

RESUMO

PHILIPPSEN, Neusa Inês. Mídia impressa e heterogeneidade: as tonalidades discursivas da esfera da atividade madeireira na Amazônia Legal

As relações linguagem/trabalho/mídia/ideologia são as principais áreas temáticas desta dissertação desenvolvida no Programa de Estudos de Pós-graduação do Mestrado em Estudos de Linguagem do Instituto de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT na linha de pesquisa Práticas Discursivas. Trata-se de pesquisa fundamentalmente, descritivo-qualitativa de orientação enunciativo-discursiva, na qual as principais mobilizações teórico-metodológicas filiam-se à Lingüística Aplicada, à Análise Dialógica do Discurso e à Análise da Atividade Profissional. Propomo-nos a verificar, no viés dialógico, a atividade do enunciador-jornalista, ressaltando como ocorrem os procedimentos e manifestações da heterogeneidade (polifonia), especificamente no uso do discurso relatado, presentes nas notícias que constituem o trabalho realizado na mídia impressa de Sinop, cidade pólo do Norte de Mato Grosso. A proposta diretriz deste estudo, portanto, é compreender o papel da mídia impressa na constituição de notícias que têm como assunto a indústria madeireira, mobilizadas por jornalistas em textos que circulam na região, mais precisamente em dois jornais locais de maior circulação. Analisamos as notícias de tonalidade desenvolvimentista e ambientalista. Como resultado, entre os efeitos de sentido, deslocamentos e polêmicas suscitadas pelas várias vozes trazidas à materialidade lingüística, constatamos a predominância da palavra autoritária, hegemônica, cristalizada do discurso desenvolvimentista neoliberal, representante da atividade econômica e social desta região: a atividade extrativa madeireira. O discurso ambientalista aparece nesse contexto como procedimento discursivo mascarado, ambíguo, abafado, atenuado no embate ideológico social empreendido pelas organizações de trabalho e pelos sistemas políticos vigentes. Dessa maneira, identificamos e caracterizamos que as notícias sobre a esfera da atividade madeireira, tomada como a principal fonte sócio-econômica regional, refletem e refratam o estado de crise estrutural do trabalho da região de um ponto de vista monofônico. Embora mobilizem discursos relatados de representantes das idéias desenvolvimentistas e ambientalistas, o efeito de sentido final é de reforço à formação discursiva desenvolvimentista neoliberal, legitimando, em nome de um prometido progresso econômico-social, a prática capitalista que aumenta os seus lucros explorando a força de trabalho humana, silenciando as florestas e exterminando os recursos naturais.

Palavras chave: heterogeneidade, mídia impressa, tonalidades discursivas.

ABSTRACT

PHILIPPSEN, Neusa Inês. Printed Media and Heterogeneity: the discursive shades of the sphere of the wood activity of Legal Amazon.

The relations language/work/media/ideology are the main theme areas of this dissertation developed in the Post Graduation Studies Programme of Master's Degree in Language Studies of the Language Institute of the Federal University of Mato Grosso – UFMT and it belongs to the Discursive Practices research line. It concerns to a research fundamentally, descriptive-qualitative of enunciative-discursive orientation, in which main the theoretical-methodological mobilizations are filiated to the Applied Linguistics, to the Dialogical Analysis of Speech and to the Professional Activity Analysis. We aimed for checking, under the dialogical dimension, the speaker-journalist's activity, highlighting how the procedures and manifestations of heterogeneity (polyphony) occur, specifically in the reported speech, present in the news that make the work carried out in the Printed media of Sinop, pole city of the North of Mato Grosso. The guide proposal of this study, therefore, is to understand the Printed media role in the constitution of news that have as a subject the sawmill industries, mobilized by journalists in texts that go round in the region, more precisely in two local newspapers of the biggest circulation. We analysed the news under the developing and environmental shades. As a result, among the meaning effects, movements and controversies raised by several voices brought linguistics to a material state, we noticed the predominance of the authoritarian word, prevalent, crystallized of the developing and neoliberal speech, a great representative of the economical and social activity of this region: the wood extraction activity. The environmental speech appears in this context as a disguised discursive procedure, ambiguous, smothered up, attenuated in the social ideological confrontation carried out by the work organizations and by the political systems in force. This way we can identify and characterize that the news about the sawmill activity sphere, took as the main social-economical source of the region, they reflect and show the state of crisis in the work structure in the region under a monological point of view. Although they mobilize reported speeches of the representatives of the developing and environmental ideas, the final effect of meaning is to reinforce the neoliberal developing discursive formation, legitimizing, in the name of a promised social-economical progress, the capitalist practice that increases its profits exploring the human work force, making the forest keep in silence and doing away the natural resources.

Key – words: heterogeneity, printed media, discursive shades.

LISTA DE NOMENCLATURAS

ABIMCI: Associação Brasileira da Indústria de Madeira Processada Mecanicamente
APST: Análise Pluridisciplinar de Situações de Trabalho
ATPFs: Autorização para Transporte de Produtos Florestais
CDL: Câmara dos Dirigentes Lojistas de Sinop
CIN: Centro Internacional de Negócios
CNEC: Campanha Nacional de Escolas da Comunidade
CONSEMA: Conselho Estadual do Meio Ambiente
DETER: Detecção de Desmatamento em Tempo Real
FAMATO: Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Mato Grosso
FCO: Fundo Constitucional de Financiamento do Centro-Oeste
FETIEMT: Federação dos Trabalhadores nas Indústrias do Estado de Mato Grosso
FIEMT: Federação das Indústrias no Estado de Mato Grosso
FNDF: Fundo Nacional de Desenvolvimento Florestal
FUNAI: Fundação Nacional do Índio
IBAMA: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICVS: Índice de Custo de Vida de Sinop
INCRA: Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
INPC: Índice Nacional de Preços ao Consumidor
PIN: Programa de Integração Nacional
PNQM: Programa Nacional de Qualidade da Madeira
PROMADEIRA: Programa de Desenvolvimento do Agro-negócio da Madeira
PRONATUREZA: Programa de Conservação da Natureza
SEDER: Secretaria de Estado de Desenvolvimento Rural
SEMA: Secretaria Estadual de Meio Ambiente
SENAI: Serviço Nacional da Indústria
SIMENORTE: Sindicato dos Madeireiros do Extremo Norte de Mato Grosso
SINDUSMAD: Sindicato das Indústrias Madeireiras do Norte do Estado de Mato Grosso
SITICOM: Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção e do Mobiliário da Região Norte do Estado de Mato Grosso
UNEMAT: Universidade do Estado de Mato Grosso

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01: Número de empresas madeireiras instaladas em Sinop.....	23
QUADRO 02: Retrospecto da crise nas indústrias madeireiras no segundo semestre de 2005.....	28
QUADRO 03: Títulos dos textos utilizados para análise.....	53
QUADRO 04: Identificação de modalidades de ocorrência de discurso relatado.....	58
QUADRO 05: Demonstrativo dos segmentos envolvidos nas autorias/origens dos enunciados discursivos dos <i>corpora</i> – Jornal <i>O Capital</i>	59
QUADRO 06: Demonstrativo dos segmentos envolvidos nas autorias/origens dos enunciados discursivos dos <i>corpora</i> – Jornal <i>Diário Regional</i>	60
QUADRO 07: Quantitativo das principais “vozes” (discurso relatado) recorrentes nos textos das duas instituições: <i>O Capital</i> e <i>Diário Regional</i>	60
QUADRO 08: Questões norteadoras das entrevistas e respostas fornecidas pelos enunciadore-jornalistas.....	66
QUADRO 09: Título: Sinop é o 5º maior exportador de Mato Grosso.....	77
QUADRO 10: Título: Produzir floresta é alternativa para o agricultor.....	80
QUADRO 11: Título: Madeira tem uma queda de 20% nas exportações.....	84
QUADRO 12: Título: Reflorestamento da região é aprovado pelo governo.....	87

SUMÁRIO

Dedicatória.....	iv
Agradecimentos.....	v
Epígrafe.....	vi
Resumo.....	vii
Abstract.....	viii
Lista de nomenclaturas.....	ix
Lista de quadros.....	x
Introdução.....	01
Linguagem e mundo do trabalho: uma abordagem da contemporaneidade.....	01
Mundo do trabalho: breve contexto histórico.....	06
CAPÍTULO UM: REFERÊNCIAS SOCIO-ECONÔMICAS DA REGIÃO NORTE MATO-GROSSENSE.....	13
1.1 A Amazônia Legal e a atividade madeireira.....	17
1.2 A cidade pólo da região norte mato-grossense: Sinop.....	21
1.3 A Operação Curupira: uma nova postura crítica.....	25
CAPÍTULO DOIS: MÍDIA IMPRESSA: A IMPORTÂNCIA DA IMPRENSA COMO FONTE DIALÓGICA E FORMADORA DE OPINIÃO.....	31
2.1 A mídia e a notícia.....	34
2.2 A mídia e os “produtores” da notícia.....	37
2.3 A rede enunciativo-discursiva da imprensa escrita.....	39
2.4 A caracterização dos Jornais estudados.....	43
2.4.1 O Jornal <i>O Capital</i>	45
2.4.2 O Jornal <i>Diário Regional</i>	45
2.5 O “gênero” notícia: do textual ao discursivo e da atividade.....	46
CAPÍTULO TRÊS: MÍDIA E HETEROGENEIDADE ENUNCIATIVA: A MONOFONIA E A POLIFONIA DO DISCURSO DESENVOLVIMENTISTA.....	50
3.1 Delimitação do <i>corpus</i> e das noções operatórias.....	52
3.2 Reflexões metodológicas sobre a autoconfrontação enunciativo-discursiva.....	62
3.2.1 Compondo os “prescritos” da nossa pesquisa.....	65
3.2.2 (Re) compondo os ditos dos enunciadore-jornalistas.....	66
3.3 Apresentação dos textos selecionados para a análise.....	72

3.3.1 Textos selecionados do Jornal <i>O Capital</i>	76
3.3.1.1 Jornal <i>O Capital</i> – Texto 1.....	76
3.3.1.2 Jornal <i>O Capital</i> – Texto 2.....	79
3.3.2 Textos selecionados do Jornal <i>Diário Regional</i>	83
3.3.2.1 Jornal <i>Diário Regional</i> – Texto 3.....	83
3.3.2.2 Jornal <i>Diário Regional</i> – Texto 4.....	86
3.4 O processo enunciativo-discursivo do conjunto de textos anteriormente particularizados.....	89
3.5 Quando o polifônico é mascarado sob a aparência de uma única voz.....	92
Conclusão.....	100
Retomando questões e objetivos de pesquisa.....	100
A monofonia: ocultação da polêmica escondida.....	102
Referências Bibliográficas.....	105
Anexos.....	114

INTRODUÇÃO

LINGUAGEM E MUNDO DO TRABALHO: UMA ABORDAGEM DA CONTEMPORANEIDADE

Nos últimos anos a Lingüística Aplicada diversificou as suas possibilidades de atuação em vários domínios das práticas sociais, dentre elas o trabalho humano que se constituiu como um campo de estudos lingüísticos e interdisciplinares bastante promissor. Uma das grandes contribuições para a pesquisa das relações entre linguagem e trabalho vem da Análise da Atividade Profissional¹ e situa-se, fundamentalmente, sob a perspectiva da Análise Pluridisciplinar das Situações de Trabalho – APST - proposta por Daniel Faïta e Yvens Schwartz (FAÏTA, D., SCHWARTZ, Y., 1985/2005) em seus estudos que envolvem a análise da atividade e da linguagem.

Para Faïta (2002, 2005) a dimensão simbólica dos atos de trabalho constitui uma reelaboração contínua dos sentidos “no e pelo cotidiano da ação”. As atividades humanas, desta maneira, são estruturadas e transformadas por modos de trocas (diálogos), que se sucedem ou se opõem nos processos de trabalho e nas relações que se tecem entre os envolvidos em uma dada esfera da atividade humana – processo para o qual a linguagem tem papel essencial. O lingüista francês também chama a atenção para a necessidade do especialista da linguagem engajar-se nos estudos da atividade humana, bem como nas práticas discursivas e sociais, ao propor que, nas pesquisas que envolvem práticas languageiras e esferas da atividade de trabalho, caberia:

¹ A Análise da Atividade Profissional inicia na década de oitenta, na França, consolidando-se com o surgimento da APST (Análise Pluridisciplinar de Situações de Trabalho) engajada por um lingüista, Daniel Faïta, um sociólogo, Bernard Vouillon, e um filósofo, Yves Schwartz, na Universidade de Provence (Aix-Marseille).

Desenvolver um plano essencial do conhecimento, ligado ao modo pelo qual os protagonistas de um processo de trabalho constituem uma atividade própria no centro da atividade ela-mesma, nessas trocas verbais e não verbais, inscritas em uma pluralidade semiológica abundante, na qual a diversidade joga nela-mesma um papel motriz. (FAÏTA, 2005, p.99)

No desenvolvimento desta dissertação, no decorrer do curso de Mestrado em Estudos da Linguagem da UFMT, essas reflexões reforçaram o nosso interesse pela atividade jornalística e nos fizeram incursionar pelos campos da Mídia, da Economia e da Política e delimitá-los como limítrofes para estudar o universo discursivo-enunciativo em que se inscreve o trabalho jornalístico, mais especificamente, da mídia impressa.

Nosso trabalho de pesquisa associa-se ao projeto *Confrontos dialógicos de discursos sobre linguagem, pensamento e atividade humana*², que é uma articulação e continuidade do projeto *Atividade e discurso nos gêneros de ensino: um projeto de análise enunciativo-discursiva do trabalho de professores*³ (008/cap-2003), sob a coordenação do Professor Marcos A. Moura Vieira, desenvolvidos na área de concentração de Estudos Lingüísticos, na linha de pesquisa Práticas Discursivas. Este estudo integra também as pesquisas do grupo *Clínica da Atividade e Discurso*⁴ (CliAD), em associação com os grupos *Argos* (UFMT), *Atelier: linguagem e Trabalho*⁵ (PUCSP) e *Linguagem, Identidade e Memória*⁶ (PUCSP).

² O projeto estuda as relações entre práticas languageiras e práticas sociais sob a perspectiva do trabalho entendido como atividade dialógica humana. Como sub-projeto dessa pesquisa maior, o nosso estudo focaliza a prática do trabalho jornalístico a partir do estudo de textos veiculados na mídia-impressa.

³ O projeto, em fase de fechamento, estudou as dimensões não convencionais do trabalho do professor adotando como perspectiva teórica as concepções bakhtinianas que fundamentam a Análise Dialógica do Discurso. Como exemplo de sub-projetos associados citamos, o estudo de Iniciação Científica realizado por Silva (2004) “*Análise das práticas de linguagem na atividade de ensino: a atividade do professor no viés do trabalho*” e as pesquisas de Mestrado realizadas por Menegolo (2005), Souza (2006) e Prates (2006), que resultaram nas seguintes dissertações, respectivamente: “*Práticas discursivas no trabalho de avaliar textos em vestibular: da atividade à constituição dos sentidos*”; “*Gêneros discursivos nas redações de vestibular: confrontando diálogos de examinadores e candidatos*” e “*A reunião no trabalho do professor: espaço dialógico da atividade de ensino*”.

⁴ Ativo desde 2004 e coordenado por Marcos A. Moura Vieira, a *Clínica da Atividade & Discurso: linguagem e pensamento* é um grupo de estudos bakhtinianos & vygotskianos que se propõe a realizar pesquisas - refletir, correlacionar e operacionalizar as teorias da filosofia da linguagem desenvolvidas pelo Círculo bakhtiniano e as teorias da psicologia do desenvolvimento na vertente vygotskiana, na perspectiva da Lingüística Aplicada às Situações de Trabalho.

⁵ Grupo ativo desde 1997, coordenado por M. Cecília P. de Souza-e-Silva do PEPG de Lingüística Aplicada aos Estudos da Linguagem (LAEL), da PUC/SP e Vice-coordenado por Décio Rocha da UERJ. Congrega pesquisadores da USP, UFMT, UFEPe, UNIRIO e UNISINOS e mantém interlocução com pesquisadores franceses, a exemplo do Grupo Analyse Pluridisciplinaire des Situations de Travail (APST), Réseau Langage & Travail (L&T), Ergonomie de l'Activité des Professionnels de l'Éducation (Ergape), Dynamiques Sociolangagières (Dyalang) e Clinique de l'Activité (CNAM-Paris). Caracteriza-se por realizar pesquisas interdisciplinares em três vertentes. A primeira trata da relação linguagem-trabalho na análise dos discursos cujo tema é “trabalho”; a segunda dedica-se ao estudo das práticas de linguagem em diferentes contextos; e a terceira, realiza a análise das práticas de linguagem em situação de trabalho propriamente dita.

A escolha de fazer uma pesquisa voltada para o protagonista do trabalho jornalístico e ao assunto “indústria da madeira” se consolidou após a associação de tais vertentes da Linguística Aplicada às atividades de trabalho com a nossa própria atividade de trabalho na cidade de Sinop. Como professora, especialmente recebendo um convite para atuar no curso de jornalismo – FACENOP – Faculdade Cenecista de Sinop – vimos crescer a necessidade de associar as teorias aprendidas nas disciplinas⁷, pesquisas em andamento e orientações, com a nossa atividade prática de professora e refletir sobre a atividade do enunciator-jornalista, bem como os efeitos de sentido por ele mobilizados nos textos de imprensa da região norte mato-grossense, em especial na cidade de Sinop, distante a 500 Km de Cuiabá, a capital do Estado, e integrante da Amazônia Legal⁸. Neste contexto, Sinop destaca-se como cidade pólo do trabalho da indústria extrativa madeireira, base maior da economia local, sendo, portanto, o espaço privilegiado para buscar as instituições jornalísticas ali instaladas e que veiculavam, naquele momento, como assunto recorrente nas notícias e editoriais, a situação de crise na economia local.

A proposta diretriz deste estudo é buscar compreender o papel da mídia impressa norte mato-grossense no mundo do trabalho com a atividade madeireira e suas subseqüentes imbricações com os discursos mobilizados pelos enunciatóres-jornalistas por meio dos fatos trazidos pelas notícias que circulam na região, mais precisamente em dois jornais locais: *O Capital* e *Diário Regional*. Assim, torna-se essencial trilhar os caminhos interdisciplinares e interdiscursivos que se nos apresentam para o estabelecimento do diálogo Linguagem e Trabalho Jornalístico com várias áreas do conhecimento: filosóficas, sociológicas, políticas, ergonômicas⁹,

⁶ Constituído em 2000, o grupo, coordenado por Beth Brait e por José Luiz Fiorin, com sede no PEPG-LAEL da PUCSP, reúne pesquisadores, doutorandos e mestrados da PUC-SP, USP, UNICAMP, UFEPE, UFMT, UFSCAR, Universidade de Paris VIII (França), UNICSUL e Fundação Santo André. Desenvolve pesquisas que resultaram em publicações individuais e conjuntas, em defesas de dissertações de mestrado e teses de doutorado. No momento, os componentes do grupo articulam-se de forma sistemática em torno da análise dialógica de discursos brasileiros, considerados em diferentes domínios e práticas sociais, caso da educação, do trabalho, da saúde, do ensino, da mídia, das artes, configurando memórias discursivas e formas de construção de identidades.

⁷ Ressaltamos as disciplinas Tópicos de Linguística Aplicada: Interfaces da LA com a Análise Dialógica do Discurso, ministrada pelo Professor Doutor Marcos A. Moura Vieira, e Mídia e Ideologia, ministrada pelo Professor Doutor Roberto Boaventura da Silva Sá.

⁸ A Amazônia Legal compreende nove estados da Federação: Acre, Amapá, Amazonas, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins. Souza (2004)

⁹ O campo da ergonomia surge na década de cinquenta com o objetivo de realizar análise do trabalho a partir da observação da linguagem em todas as atividades observadas. Na década de oitenta, já sob o olhar pruridisciplinar da APST, a ergonomia passa a preocupar-se fundamentalmente com a compreensão da dimensão real do trabalho diferenciada e interdependente da dimensão de concepção prévia (prescrição). Vieira (2004b)

ergológicas¹⁰ entre outras, para encontrar nas articulações entre discurso econômico e esfera da atividade jornalística um espaço primordial de sentido dessas práticas sociais.

A atividade dos enunciadores-jornalistas será observada, descrita e analisada na interseção de uma variedade de enunciados discursivos que são produzidos no gênero notícia, buscando verificar os diferentes efeitos de sentido que aparecem nos diálogos entre as muitas vozes que são suscitadas no momento da produção e da circulação de assuntos e temas da atividade madeireira. Esta dimensão dialógica é fundamental para a compreensão de como acontece a (re) construção discursiva do mundo do trabalho e do trabalhador madeireiro na região norte mato-grossense e para nos indicar os efeitos de sentido que se estendem pela Amazônia legal.

Nesse sentido, a Amazônia Legal é o espaço geográfico em que se pretende compreender o contexto geral das transformações ocorridas no processo de exploração da atividade madeireira nos entornos da Amazônia Mato-grossense motivadas pelas políticas de ocupação e desenvolvimento desse espaço regional. Neste cenário regional, expressão da combinação de espaços, tempos históricos e processos sociais, buscamos averiguar a problemática do progresso econômico, isto é, a reprodução ampliada do capital emergente no norte de Mato Grosso desde os primeiros movimentos de ocupação capitalistas na década de setenta até o momento atual.

Para operacionalizar a (re) construção discursiva do mundo do trabalho e da interação do trabalhador madeireiro sinopense neste ambiente de práticas languageiras (sociais), levamos em consideração que a linguagem, segundo Foucault (1969), encontra-se determinada por contextos institucionais, não sendo, portanto, transparente e neutra nos sentidos que se depreendem da materialidade lingüística, ou seja, as funções enunciativas diferem de acordo com os campos institucionais em que estão inseridas. Desta forma, pretendemos, nesse nosso trabalho de Lingüística Aplicada, realizar uma abordagem reflexiva que recorre a princípios da Análise do Discurso para verificar como ocorre o processo dinâmico e dialético produzido pelo recorte da mídia impressa que, ao ser compartilhado por comunidades discursivas, apropria-se de marcas lingüísticas para contextualizar e identificar suas relações sócio-econômico-culturais.

¹⁰ A ergologia é definida por Schwartz (1992) como um debate entre normas antecedentes (prescritas) e renormalização parcial (apropriação transformadora).

Para encaminhar tal proposta, a concepção bakhtiniana (1929/1995) das relações dialógicas¹¹ constitui importante instrumento para a perspectiva de análise do discurso que adotamos para dialogar com as diferentes atividades/discursos que engendram o mundo do trabalho na Amazônia Legal. De acordo com Bakhtin, pode-se pensar que as várias “vozes” que interagem simultaneamente no que se diz são os grandes desafios que impulsionam pesquisadores a observar o universo das atividades simbólicas “linguageiras” e as relações de sentido que se inscrevem nas dimensões linguagem-trabalho-ideologia.

As questões sociais relacionadas ao trabalho como objeto de um estudo discursivo exigem ainda que se desloque o campo de atuação para além da ciência Lingüística, como já referido anteriormente, incorporando vertentes de saber que possam dar conta de responder questões que fogem ao domínio lingüístico, de ordem da política, da economia política e questões mais específicas, de ordem ergonômica e ergológica que dão visibilidade a fatos cotidianos do mundo do trabalho.

Dessa forma, de acordo com as contribuições da Análise do Discurso de base enunciativo-discursiva e, como pesquisadores, buscaremos possíveis respostas às questões polêmicas que se apresentam relacionadas ao enfoque constitutivo dos enunciados que são apresentados pelo trabalho (textos) do enunciadador-jornalista e as influências e interferências que esses podem ocasionar na vida social contemporânea das comunidades e universos discursivos em que esses atuam. Ater-nos-emos, desse modo, no estudo dos textos jornalísticos, prioritariamente às marcas discursivas expressas no estudo da heterogeneidade enunciativa¹², especificamente o discurso relatado (citado), que são apresentadas por um conflito de vozes entre defensores do meio ambiente e defensores do capital, supondo (hipotetizando), a princípio, que veiculem ideologias antagônicas e que, esse embate, seria o grande desencadeador de uma crise estrutural e de valores sem precedentes na região da Amazônia Legal.

A atividade madeireira, assunto de interesse primeiro e que, posteriormente, mostrou-se recorrente nos meses de seleção dos *corpora*, passa a possibilitar não só um acesso ao “mundo dos discursos” de enunciadadores-jornalistas, mas também a confluência de muitos

¹¹ O dialogismo bakhtiniano será utilizado nesta pesquisa para descrever o diálogo entre textos e que permitem recuperar várias vozes que se inscrevem na materialidade lingüística.

¹² A heterogeneidade enunciativa que será empregada em nossos estudos é a que tem proximidade com a definição de Mikhail Bakhtin sobre polifonia: o embate de pelo menos duas vozes polêmicas no confronto ideológico social.

interesses que representam a ‘simulação’ de embates de valores, que, talvez, representem o “mascaramento” e a “ocultação” de projetos políticos/econômicos nacionais e internacionais que procuramos localizar no tecido lingüístico.

Dessa forma, novamente recorremos a Bakhtin e seu círculo para nos ater à Análise do Discurso de orientação dialógica (enunciativo-discursiva) que é o eixo analítico de fundo de nossa pesquisa, juntamente com os paradigmas da Análise da Atividade Profissional que retratam as relações linguagem-trabalho. Cabe, então, mesmo que brevemente, apresentar a seguir um resgate histórico da nossa perspectiva sobre o mundo do trabalho para clarificar aspectos procedentes à análise enunciativo-discursiva que será feita no Capítulo Três desta dissertação.

Mundo do trabalho: breve contexto histórico

A Revolução Industrial foi objeto de estudos que se preocuparam com o trabalho e suas implicações na transformação e evolução das sociedades. Engels foi um destes estudiosos e nos presenteia com uma concepção fundadora do trabalho como atividade humana:

O trabalho é a fonte de toda riqueza, afirmam os economistas. Assim é, com efeito, ao lado da natureza, encarregada de fornecer os materiais que ele converte em riqueza. O trabalho, porém, é muitíssimo mais do que isso. É a condição básica e fundamental de toda a vida humana. E em tal grau que, até certo ponto, podemos afirmar que o trabalho criou o próprio homem. (ENGELS, 1876/1990, p.19)

Da mesma maneira, este autor, ao estabelecer uma analogia com os nossos antepassados primatas, faz referência à palavra articulada como estímulo principal que gerou a necessidade da agrupação humana e de gerar atividades conjuntas para uma convivência em sociedade. Os modos de produção alteraram-se no rumo da história diversas vezes; no entanto, a concentração de riquezas, domínio social e político nas mãos de uma minoria, sempre trouxeram como consequência a distribuição desigual das riquezas geradas pelo mundo do trabalho. Esse antagonismo, em que a pequena classe dominante estabeleceu hegemonia sobre os modos de produção e conseqüentemente sobre a maioria das classes oprimidas, prevalece até os dias de hoje, porém, expressas por um modo de produção capitalista que tem suas bases discursivas amparadas por um programa político denominado “neoliberal”.

Engels descreve este percurso do seguinte modo:

A ciência social da burguesia, a economia política clássica, só se ocupa preferencialmente daquelas conseqüências sociais que constituem o objetivo imediato dos atos realizados pelos homens na produção e na troca. Isso corresponde plenamente ao regime social cuja expressão teórica é essa ciência. Porquanto os capitalistas isolados produzem ou trocam com o único fim de obter lucros imediatos, só podem ser levados em conta, primeiramente, os resultados mais próximos e mais imediatos. (...) Com o atual modo de produção, e no que se refere tanto às conseqüências naturais como às conseqüências sociais dos atos realizados pelos homens, o que interessa prioritariamente são apenas os primeiros resultados, os mais palpáveis. (...) de a propriedade privada baseada no trabalho próprio converter-se necessariamente, ao desenvolver-se, na ausência de posse de toda propriedade pelos trabalhadores, enquanto toda a riqueza se concentra mais e mais nas mãos dos que não trabalham. (ENGELS, *ibid*, p.36-37)

Engels viveu numa época muito distante do atual sistema neoliberal, porém, a semelhança à política vigente é um forte argumento para a constatação da manutenção da ideologia capitalista, bem como da própria atualização dessa formação discursiva que tem como prioridade a dominação do capitalista, proprietário, que explora a mão-de-obra do trabalhador que vende a sua força de trabalho em troca de pagamento para a sua subsistência. Contudo, tal concepção de trabalho que se reduziria à atividade aparente (a tarefa e o ato) e ao salário destinado a este trabalho é insuficiente para o grupo APST que afirma ser necessário recuperar as diferentes situações de trabalho contemporâneo no cotidiano, descobrindo as novas formas de exploração capitalista (a atividade complexa), que, inclusive, continua lucrando seja com o trabalho virtual, seja com o trabalho que se mantém fora do campo dos contratos oficiais.

Dessa maneira, a análise da palavra é fundamental para que se compreendam os atos aparentemente individualizados dos trabalhadores oficiais ou não, mas socializados em sua dimensão contextual, subjetiva e histórica e sua conseqüente ação simbólica desencadeada no momento mesmo da produção da atividade. O trabalhador é visto, desse modo, como agente transformador de sua própria ação nas diferentes situações ligadas ao mundo do trabalho.

De acordo com Vieira, é importante verificar a diversidade de olhares que devem ser lançados nos sentidos que o trabalho pode veicular em diferentes situações e esferas de atividades contemporâneas:

(...) o campo de pesquisa em análise do trabalho não apresenta um olhar uniforme sobre as noções de tarefa, ação e atividade. Uma primeira diferenciação de Leplat e Hoc (1983) compreende a tarefa como ação que deve ser feita a partir da prescrição e a atividade como o trabalho que se realiza, ou seja, a tarefa prescrita e a atividade realizada. Essa compreensão, que remete às noções de trabalho prescrito e trabalho real, expõe o problema do “planificado” e do “vivido” que atinge diretamente o campo da análise do trabalho, de tal forma que se podem visualizar duas tendências da ergonomia: uma que projeta a tarefa sobre a atividade (a ergonomia da tarefa prescrita) e outra que busca apreender o inesperado considerado sempre presente e co-construtor da situação (a ergonomia da atividade). (VIEIRA, 2004b, p.217)

Desta maneira, a análise do/sobre o trabalho pode ser suscetível a um (des) compasso entre trabalho prescrito (tarefa prescrita) e o trabalho real (ato realizado). No enfoque da Ergonomia da Atividade, a tarefa é o pressuposto do trabalho nas organizações e modelos de gestão, ou seja, é aquilo que se espera que o trabalhador faça no momento da realização da atividade definindo, desse modo, o lugar e o papel do trabalhador no sistema produtivo. Por outro lado, pode haver (in) compatibilidade entre o trabalho prescrito e o trabalho real, o que pode modificar de maneira negativa ou positiva a dimensão real do trabalho e a vivência dos trabalhadores no ambiente de trabalho.

No enfoque da ergologia a atividade é uma rede complexa de negociação de valores entre o prescrito idealizado e o ato realizado. Schwartz (1992), aprofundando as noções da Ergonomia da Atividade, nos chama a atenção para o grande debate que pode ser estabelecido, dentro das esferas de atividade, entre normas antecedentes (o prescrito escrito e/ou oral e sua memória histórica) e renormalização parcial (o real e o realizado e a sua renormalização), isto é, somos detentores de saberes que interdependem das experiências e valores que se agregam às atividades e, desse modo, a renormalização sempre é amparada em experiências e dados legitimados anteriormente e que podem ser retomados, reutilizados e/ou reformulados. É importante destacar aqui que o conceito de norma antecedente de Schwartz é utilizado na ergologia num sentido amplo, ou seja, para sanar as lacunas que foram deixadas pela ergonomia sobre a complexa relação entre os aspectos prescritivos e a atividade mesma.

Retomando Vieira, esclarecemos que “para compreender a atividade que é mais global do que a ação, não seria suficiente focalizar apenas a ação de realizar uma tarefa e, então, a partir da observação restritiva, articular o sentido; é necessário levar em conta que a atividade também é composta do seu entorno não-evidente” (op. cit., p. 220).

Se por um lado os estudos ergológicos vão abrir horizontes para um olhar mais humanizado do trabalho, por outro, o conjunto de reflexões sobre a circulação discursiva dos sentidos abre caminho para as relações entre mundo do trabalho e práticas languageiras, mas ainda é um grande desafio a ser enfrentado pelos lingüistas e analistas da linguagem. Assim, com o intuito de participar desse caminho científico e tecer o nosso enfoque analítico, elegemos o trabalhador jornalista e o seu objeto a ser produzido como trabalho jornalístico em uma situação institucional específica: a mídia impressa de uma cidade pólo de Mato Grosso no início do século vinte e um como nosso substrato de interesse e formulamos questões de pesquisa pertinentes aos estudos de caráter teórico e metodológico, filiados à linguagem e trabalho, conforme abaixo:

- a) Como o discurso relatado e as marcas discursivas de opinião do enunciador-jornalista aparecem nos textos da mídia impressa e como manifestam a heterogeneidade enunciativa na construção de sentidos da atividade madeireira na região norte mato-grossense?
- b) Como a dimensão dialógica da linguagem verificada no discurso da mídia impressa pode ser avaliada frente ao posicionamento ideológico que as instituições e os enunciadore-jornalistas acabam revelando no viés discursivo?
- c) Como os trabalhadores do setor madeireiro são representados no embate de vozes responsáveis pela produção de efeitos de sentido que instituem “identidades discursivas” num horizonte social ampliado?

As questões de pesquisa acima citadas buscaram coadunar em primeira instância com o objetivo geral da dissertação: *abordar a dimensão dialógica da linguagem, no trabalho do enunciadore-jornalista, referente à esfera de atividade da indústria madeireira e a sua inscrição nos gêneros do discurso (notícia/editorial e artigo) que circulam nos jornais, via*

discurso relatado e marcas discursivas de opinião; e, em instâncias complementares, com os objetivos específicos, listados abaixo:

- a)** reconhecer, por meio de marcas lingüísticas expressas nos textos de imprensa regional, como se manifesta o discurso relatado pelo enunciator-jornalista, que permite recuperar “outras vozes” no texto/intertexto, bem como os efeitos de sentido por ele mobilizados;
- b)** descrever, confrontar e analisar os materiais discursivos relevantes para a verificação de como ocorre o (re) dimensionamento do mundo do trabalho, desenvolvido na esfera da atividade madeireira em suas relações sócio-econômico-culturais;
- c)** identificar mecanismos e processos discursivos que mobilizam os gêneros do discurso e sentidos construídos nessa prática;
- d)** verificar como os trabalhadores do setor madeireiro são representados na materialidade lingüística pelo enunciator-jornalista e as estratégias discursivas utilizadas para manifestar ou silenciar essas vozes.

Para responder as questões apresentadas e atingir os objetivos propostos, pretendemos buscar resultados reais que apontem os modos de inserção dos sujeitos participantes nessas práticas languageiras e sociais relacionadas ao trabalho, os efeitos de sentido que delas se depreendem, bem como verificar as implicações constitutivas das organizações de trabalho da indústria madeireira e como estas podem interferir nas articulações entre linguagem-trabalho-mídia-ideologia.

Assim, para ancorar nossas reflexões partiremos do pressuposto de que cada grupo sociocultural cria suas próprias normas dentro de formações discursivas específicas e disponibiliza valores coletivos que são (re) atualizados, aceitos e legitimados. A mobilização das diferentes formações discursivas¹³ que se embatem no cerne dos supostos discursos “polifônicos” são, na verdade, de acordo com Sant’Anna “inter-relações no mundo do trabalho, mudando ou introduzindo novas normas em determinadas atividades sociais” (2004, p.31). Estas constatações nos levam a questionar também a ‘autenticidade’ dos embates que se

¹³ Formação discursiva é utilizada em nosso contexto de pesquisa como o conjunto de regularidades entre as práticas discursivas e práticas sociais tal como nomeadas por Foucault (1969).

apresentam nos vieses discursivos, isto é, até que ponto estes embates realmente se contrapõem ou se eles são apenas segmentos de uma única e mesma “intenção” discursiva.

Em suma, esta dissertação apresenta os resultados da nossa pesquisa que deram corpo a este trabalho e encontram-se divididos em cinco partes com as seguintes características organizacionais:

A **Introdução**, apresenta o nosso interesse e justificativa para a escolha do objeto do nosso estudo, o ambiente institucional e as associações e parcerias de pesquisa, as questões de pesquisa, os objetivos gerais e específicos e dá o tom do caminho teórico metodológico escolhido para ser trilhado.

O **Capítulo Um**, intitulado *Referências econômicas da região norte mato-grossense*, trata de um resgate histórico que contextualiza, brevemente, o processo de colonização da região norte mato-grossense, especialmente a cidade de Sinop, cidade pólo deste espaço geográfico, a partir da segunda metade do século XX. Nesse contexto, caracterizamos o universo de sentido que se espraia no viés da esfera da atividade representante da economia desta região: a atividade extrativa madeireira. Abordamos, também, o estado de crise que se instalou no setor madeireiro nos últimos anos. Este marco histórico é importante para a compreensão das atuais referências sócio-econômico e políticas que permeiam os discursos da imprensa na Amazônia Legal.

O **Capítulo Dois**, *Mídia impressa: a importância da imprensa escrita como fonte dialógica e formadora de opinião*, apresenta, de forma sucinta, um olhar dialógico sobre as práticas discursivas e sociais da mídia impressa da cidade de Sinop, especificamente dos dois suportes jornalísticos utilizados para a seleção dos *corpora* desta pesquisa: *O Capital* e *Diário Regional*. Procuramos não só verificar as evidências enunciativo-discursivas expressas entre as relações impressas e as relações empíricas, como também dar ênfase aos mecanismos e processos discursivos que atualizam os gêneros textuais e da atividade e revelam as tensões entre informar e opinar. Dentre as práticas discursivas e sociais da mídia impressa sinopense, destacamos a dimensão dialógica da linguagem e as suas relações com o fazer jornalístico e o gênero do discurso ‘notícia’. Os aspectos conceituais que adotamos são os da teoria dialógica bakhtiniana e da análise dialógica do discurso. Ao tecermos um panorama descritivo dos jornais que circulam na Amazônia Legal, bem como sobre noções, conceitos e deslocamentos

teóricos o fazemos no intuito de instrumentalizar nosso trabalho de pesquisa para o resgate da ‘trama’ heterogênea relatada nas notícias e das condições histórico-ideológicas que as produziram.

No **Capítulo Três**, *Heterogeneidade enunciativa: exemplificando os ditos do outro*, apresentamos o diálogo analítico entre os materiais coletados em nossa pesquisa de campo, nos textos jornalísticos, em especial das notícias, que tratam do assunto da crise da indústria madeireira no espaço geográfico da Amazônia Legal. No desenho metodológico enfatizamos a delimitação do *corpus*, as noções operatórias e os dispositivos metodológicos necessários para a realização da autoconfrontação entre os feixes dialógicos observados: o texto jornalístico (notícia), o prescrito institucional (normas antecedentes) e a representação do enunciator-jornalista sobre o seu próprio trabalho (entrevistas). Tais níveis enunciativo-discursivos servem para a realização do trabalho de resgate da dimensão dialógica no conjunto de textos particularizados. Fazemos, então, a recuperação discursiva da heterogeneidade mostrada na circulação de sentidos das instituições jornalísticas, priorizando um olhar sobre as suas características de polifonia e/ou de monofonia.

Para as **considerações finais** tecemos reflexões que associam questões norteadoras de pesquisa e objetivos com as análises realizadas. Nesse sentido, retomamos os dados quantitativos, qualitativos e procedimentos metodológicos desenhados ao longo da dissertação e aprofundamos nossa reflexão sobre a correlação entre assuntos e temáticas que circulam nas notícias. Destacamos, por um lado, a ideologia marcada no(s) efeito(s) de sentido e, por outro lado, a sua estrutura de funcionamento na tensão monofonia x polifonia. Enfim, discutimos a questão das vozes silenciadas nessa arena de lutas instaurada pelo discurso midiático.

CAPÍTULO UM

REFERÊNCIAS SOCIO-ECONÔMICAS DA REGIÃO NORTE MATO-GROSSENSE

O projeto de ocupação da região norte de Mato Grosso, no período contemporâneo da República brasileira, tem início a partir da década de sessenta do Século XX, consolidando-se, no entanto, efetivamente nos anos setenta. Surge, nesse período, um estímulo crescente à colonização de toda a Amazônia Legal, considerada, até então, uma região distante e inacessível. Um dos primeiros programas implantados que objetivavam ocupar os espaços do imenso território florestal foi o Programa de Integração Nacional – PIN, desenvolvido com o propósito de promover uma rápida integração da Amazônia Mato-Grossense à economia nacional. Muller & Cardoso (1977, p.124), nos informam que “a primeira etapa do PIN compreende a construção da Rodovia Transamazônica e da Cuiabá-Santarém e o Plano de irrigação do Nordeste. A colonização e exploração econômica das áreas desapropriadas ao longo destas rodovias serão efetuadas com recursos do PIN.”

O sancionamento desse Projeto de Integração Nacional se efetua pelo então Presidente da República General Emílio Garrastazu Médici, especificamente pelo Decreto-Lei número 1.106 de junho de 1970. De acordo com Souza (2004), entre os principais motivos para oficializar o PIN estavam os de aliviar a pressão demográfica e os conflitos fundiários existentes no Centro-Sul do país. Assim, inicia-se a mais ambiciosa estratégia política geo-econômica da Ditadura Militar: o processo de transformação, exploração e ocupação da última fronteira agrícola do país, induzido por propagandas de terras férteis, incentivos fiscais, financeiros e promessas de lucros fáceis e ascensão social. Dois slogans são amplamente propagados neste período: *Integrar para não entregar e Levar os homens sem-terra para as terras sem homens.*

As grandes rodovias projetadas como a Cuiabá-Santarém (Rodovia de Integração Nacional) e a BR-163 iniciam as obras de construção no ano de 1972, mas apenas têm a sua pavimentação

asfáltica inaugurada em dezembro de 1984, pelo Presidente General João Baptista de Oliveira Figueiredo. Com a finalização da malha asfáltica inicia-se o processo de colonização com a vinda de grande leva de migrantes que se instalam ao longo destas rodovias com o intuito de cultivar as terras ‘desabitadas’. Assim, promove-se não só a ocupação, bem como investimentos de capital trazidos por grandes empresas que, aproveitando-se dos incentivos propiciados pelo governo federal, como a política de juros baixos, instalam-se neste espaço territorial. Os primeiros recursos econômicos empreendidos na Amazônia Mato-grossense destinaram-se aos setores agrícolas, pecuários e, em especial, aos madeireiros.

No entanto, é indispensável ressaltar que a região, desprovida de infra-estrutura básica, mesmo com as promessas, propagadas pelo governo federal, de amplo incentivo fiscal e dotações orçamentárias para fins de subsídios creditícios aos diferentes setores, não recebe os recursos disponibilizados pelo poder público porque, segundo Carvalho (1997), o sistema de incentivos fiscais regionais foi ineficiente, pois ocorreram grandes desvios para outros fundos concorrentes, bem como houve grande desvalorização inflacionária nesse período.

Vale ressaltar também que a questão das apropriações de terras nesta região, longe de ser ‘inocente’ e ter propósitos políticos louváveis, trouxe outras conseqüências nem sempre disponibilizadas para os leitores da história oficial. Podemos observar esta realidade nas palavras de Souza quando nos diz que “ocorreu também a destruição de matas e cerrados, a expulsão de populações indígenas que viviam nessa região, como as Tribos Kayabi e Paraná, que foram levadas para o Parque Nacional do Xingu pelos irmãos Cláudio e Villas Boas” (2004, p.45). Além da expulsão dos povos ‘originários’¹⁴, da destruição da floresta e, conseqüentemente, da biodiversidade, há um reflexo imediato na fauna e flora deste espaço territorial.

A política de ocupação da Amazônia, consolidada em 1970, e conduzida pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), já em 1976 anuncia que a colonização oficial não dera certo e, dessa forma, incentiva as empresas privadas a encarregarem-se de colonizar as terras da Amazônia Legal. Tal atitude foi reforçada por argumentos que defendiam e priorizavam a agricultura moderna e extensiva, sendo que, naquela perspectiva somente o espírito empresarial é que poderia realizá-la com eficiência. Este é o primeiro passo para uma chamada “sólida aliança” entre ‘cofres públicos’ e ‘espírito empresarial’. Começa, assim, a apropriação de grandes porções

¹⁴ Termo utilizado por Picoli (2004a e b).

de terra pelas colonizadoras particulares que, aproveitando-se das condições e incentivos da política fundiária de regularização e venda de terras no Estado, denominadas terras devolutas/públicas, passam a comercializar os grandes latifúndios adquiridos a pequenos agricultores, a maioria proveniente do sul do país onde enfrentavam dificuldades financeiras. Esta transferência de responsabilidade da venda das terras é vista de maneira positiva pelos governos militares e foi o principal instrumento da contra-reforma agrária, centralizadora e seletiva, impedindo o acesso espontâneo dos migrantes às terras da União. É o que nos mostra Moreno:

Em 1950, o DCT (Departamento de Terras e Colonização) vendeu cerca de 1866ha no norte do Mato Grosso, quantidade que aumentou para 694.561ha em 1955, em terras situadas entre o Rio Araguaia e Barra do Garças, entre os Rios Xingu e Teles Pires e no setor noroeste de Cuiabá; e em 1960, 1.918.334ha, no norte do Estado. Destas terras, muitas foram revendidas, em grandes glebas, aos comerciantes fundiários para projetos particulares de colonização. (MORENO, 1998, p.12)

Assim, quando em 1971 o Decreto-Lei número 1.164, de primeiro de abril, declara indispensáveis à segurança e ao desenvolvimento nacional as terras devolutas situadas na faixa de 100 km de largura de cada lado do eixo das rodovias da Amazônia Legal, entre elas a BR-163, encontra poucas terras nessas condições. A maioria já possuía proprietários, muitas delas de segunda revenda, e ao INCRA coube, apenas, aprovar os projetos particulares de colonização, de acordo com a legislação vigente.

O mesmo autor também chama a atenção para os grandes atos de corrupção ocorridos nesse período de acesso as terras. Entre os envolvidos encontravam-se funcionários, representantes do grande aparato jurídico-político que foi montado para a distribuição e legitimação de propriedades rurais aos interessados de diferentes espaços brasileiros. Desta forma, grandes transações de terras foram efetuadas nesse momento histórico e marcaram, fundamentalmente, a apropriação capitalista de grandes latifúndios que trouxeram benefícios pessoais ou políticos, segundo interesses específicos da burguesia rural e empresarial.

Desse modo, após a instalação da iniciativa privada, gradualmente, começa a ocupação das terras norte mato-grossenses, tendo como pioneiros migrantes agricultores vindos do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul que, ao venderem suas pequenas propriedades naqueles estados, instalavam-se nas áreas oferecidas pelas colonizadoras particulares da Amazônia Mato-

Grossense. Entre estas empresas destacam-se a Gleba Celeste (Sinop) e a Indeco (Alta Floresta). A “nova fronteira” começa, assim, a modificar, definitivamente, a sua paisagem territorial de acordo com os novos propósitos econômicos. A Amazônia Legal passaria então a exercer atividades primárias, tais como o extrativismo florestal, seguida de agricultura extensiva, bem como a pecuária.

Nesse cenário, porém, as bases econômicas e políticas ainda incipientes refletem uma outra realidade aos recém chegados migrantes, como nos alerta Shaefer (1985), a população que chega encontra terras para serem desmatadas e condições totalmente desfavoráveis à instalação das propriedades rurais, tais como dificuldades com o clima, doenças tropicais e isolamento devido às grandes distâncias de centros urbanos maiores. Assim, os pequenos camponeses empobrecem ainda mais e sentem-se obrigados, muitas vezes, a revenderem suas propriedades ao grande capitalista e latifundiário. Sem dinheiro para retornarem às regiões de origem acabam aglomerando-se nas comunidades que começavam a surgir no meio das matas ou aceitam submeter-se às difíceis condições de trabalho que lhes são impostas pelo novo dono das terras. Os movimentos de ocupação ocorridos nesse período serviram, como nos alerta Picoli (2004a), para a ‘frente de expansão’ da forma capitalista de produção, contribuindo ainda para a acumulação capitalista em termos de oferta de mão-de-obra abundante e barata e na abertura do espaço para uma posterior ocupação pela frente econômica.

Esse mesmo autor também é bem incisivo ao se posicionar criticamente sobre o processo de ocupação:

Não é objetivo do capital exterminar totalmente os povos originários e os posseiros da região amazônica, mas sujeitar a força de trabalho à sua disposição. (...) O processo de colonização da Amazônia nas últimas décadas foi realizado de forma extensiva, agressiva e repressiva, pois foi promovido pela burguesia nacional e internacional, apoiado pelo Estado brasileiro, dizimando grande quantidade dos povos originários. (PICOLI, *ibid*, p.19)

No entanto, vale refletir sobre a afirmativa do autor quando este enuncia que “não é objetivo do capital exterminar **totalmente** os povos originários e os posseiros da região amazônica”, ou seja, a palavra totalmente remete-nos ao efeito de sentido de que os povos originários e os posseiros podem ser exterminados, mas não totalmente. Do mesmo modo, isto é, sobre a aceção crítica do processo de ocupação, Costa alerta para a mudança de postura do trabalhador que, privado da produção agrícola, passa a atuar, na maioria das vezes, nas frentes madeireiras que se instalam na

região porque estas não exigem alto índice de escolaridade e mão de obra qualificada. No entanto, esta transição não é tão simples para os sujeitos envolvidos, principalmente se forem levadas em conta as diferenças existentes entre um espaço e outro:

Tal contexto traduz-se, sobretudo, pela mudança radical na função e nas características do trabalho que essas pessoas passam a desenvolver, bem como do significado desse trabalho na vida desses trabalhadores. (...) Isto porque, enquanto no primeiro (produção agrícola), o sujeito vivenciava uma divisão de trabalho bastante simples, circunscrita quase que exclusivamente à divisão de tarefas entre homens e mulheres, onde pressupõe-se que o mesmo detinha a propriedade sobre parte dos instrumentos de trabalho, capacidade para decidir sobre qual seria o produto de seu trabalho, além de certa autonomia sobre o uso do seu próprio tempo, no segundo (indústrias madeireiras), esse quadro muda substancialmente. Sendo a divisão de trabalho mais complexa, os instrumentos e o produto de seu trabalho pertencem à instituição que o emprega, ele não pode decidir sobre o produto de seu trabalho e não detém qualquer controle sobre o uso de seu tempo e a intensidade do trabalho. (COSTA, 2004, p.24-25)

Este breve contexto sócio-histórico-econômico é imprescindível para compreendermos o atual universo de sentido que se espraia no viés das esferas de atividades existentes neste tão recente espaço político-geográfico, mas que certamente tem sido o alvo de grandes interesses do capital desde o início do seu planejamento. Muitos desafios sociais, no entanto, foram suplantados e muitos outros ainda estão surgindo. Entre eles, encontra-se o mais resistente e o que mais tem causado polêmica, a dicotomia entre discursos de pessoas ligadas aos movimentos ecológicos e discursos das pessoas ligadas ao neoliberalismo.

1.1 A Amazônia Legal e a atividade madeireira

Com o fluxo migratório ocorrido fundamentalmente a partir da década de setenta do século XX, o norte do estado de Mato Grosso passa a exercer a atividade que é até os dias de hoje o ‘carro-chefe’ do desenvolvimento econômico da região: a atividade madeireira. É dessa forma que as maiores comunidades do norte mato-grossense, compreendendo as áreas dos municípios de Sinop, Vera e Itaúba conseguem ser destaque no cenário de devastação das florestas nativas, implantando, inicialmente, serrarias de pequeno porte. Assim, com vistas a possibilitar a agricultura na Amazônia norte mato-grossense e viabilizar a construção de cidades neste espaço territorial, surgem as primeiras madeireiras na localidade de Vera, em 1972, e em Sinop, às margens da BR- 163, em 1975.

Em seguida, muitas madeireiras começaram a implantar-se nessa região, não só respondendo aos apelos geopolíticos dos militares, como também atendendo aos propósitos das propagandas empreendidas pelas colonizadoras privadas. A devastação, nesse momento histórico, era sinônimo de progresso. E, nesse sentido, as madeireiras serviam apropriadamente para “limpar o terreno” que posteriormente seria uma terra fértil para o agricultor que buscava fixar-se na terra. A este respeito Arima nos esclarece:

A exploração madeireira também catalisa a ocupação desordenada e contribui indiretamente para o desmatamento regional. Atualmente, são os madeireiros que, em muitas regiões, abrem e mantêm estradas de acesso às florestas. O estabelecimento destas estradas geralmente conduz à colonização por agricultores e fazendeiros, fatos que têm ocorrido nas regiões sul e oeste do Pará e norte de Mato Grosso. (ARIMA, 1999, p.04)

O setor industrial madeireiro, responsável pela extração da matéria-prima da floresta, criou condições para que a ocupação da Amazônia norte mato-grossense se efetivasse, e a madeira tornou-se, conseqüentemente, o principal produto de industrialização e comercialização da região. No entanto, Souza (2004) nos chama a atenção para a escassez de recursos empreendidos nesta atividade econômica. A ineficiência do capital empregado reflete-se tanto nas empresas implantadas como nas políticas disponibilizadas pelo poder público.

Segundo Souza, os investimentos efetuados em Mato Grosso não eram e não são suficientes para, especificamente quanto ao setor madeireiro, creditar-lhes venturas e organização industrial, mesmo porque a produtividade do trabalho e a ineficiência do capital investido não conseguem operar em um limite necessário, em termos de produção e consumo. As pequenas indústrias do setor não estavam capacitadas tecnologicamente e se utilizavam de técnicas rudimentares para o beneficiamento da matéria-prima extraída. Porém, mesmo com estruturas em que o planejamento não recebeu a atenção necessária, a atividade desenvolve-se a passos largos, principalmente nas cidades¹⁵ que compunham o Projeto Gleba Celeste idealizado pela Colonizadora Sinop S.A.

Essa ascensão do número de empresas madeireiras deve-se, principalmente, pelas propagandas que enalteciam a região e a apresentavam como um paraíso à espera de homens que o desbravassem. Alguns mitos foram propagados nesse período para impulsionar ainda mais a

¹⁵ As cidades que constituíam oficialmente a Gleba Celeste eram: cidade de Vera (instalada em 27 de julho de 1972); cidade de Sinop (em 14 de setembro de 1974); cidade de Santa Carmem (em 15 de setembro de 1974) e cidade de Cláudia (em 1978). Souza (2004).

vinda dos eufóricos agricultores do sul do país, tais como “herói colonizador”, “plantador de cidades”, e “colonização como missão”. Envolvido por este espírito inovador e pela esperança de obter lucros fáceis com a devastação do grande ‘império’ florestal, já na década de 80, de acordo com Souza (1999), o parque madeireiro de Sinop, contando com aproximadamente 500 indústrias, despontava como um dos maiores parques industriais do país.

Picoli (2004b), de outro modo, nos leva a refletir sobre as regras estabelecidas pelos grandes grupos econômicos que se estabeleceram nessa região. Segundo esse autor, os processos migratórios para a Amazônia representam apenas a livre vinda do ‘exército industrial de reserva’, ou seja, o setor de transformação de madeiras é o grande responsável pelo deslocamento de trabalhadores que servem aos propósitos da formação de capitais e força de trabalho. Assim, a nova fronteira de expansão torna-se atrativa para o capital porque este disponibiliza de um grande contingente de mão-de-obra barata para a sua reprodução.

O contexto socioeconômico que consolidou a indústria madeireira e proporcionou um crescimento acelerado para a Amazônia Legal, teve o seu auge na década de oitenta com cerca de três mil indústrias madeireiras¹⁶ espalhadas no Estado de Mato Grosso, período em que foi a maior empregadora de mão-de-obra no setor industrial e a maior arrecadadora de ICMS (Imposto sobre Operações Relativas à Circulação de Mercadorias e sobre Prestações de Serviços de Transporte Interestadual e Intermunicipal e de Comunicação). No entanto, entre os anos de 1988 e 1998 inicia-se o que os economistas denominam de um grande desaquecimento deste setor de base florestal em todo o Estado. Nesse período, foram fechadas aproximadamente 1.300 empresas, resultando na diminuição de mais de 39 mil postos de trabalho.

Uma das hipóteses desenvolvidas pelo Governo do Estado de Mato Grosso (1999) para a desativação de um número tão elevado de indústrias extrativas advém da área econômica que responsabiliza os processos inflacionários registrados naquele período, decorrentes da implantação do Plano Real e a conseqüente valorização desta moeda, por tornar as importações inviáveis e pouco atrativas. Do mesmo modo, o setor de construção civil – principal consumidor de madeira – retraiu-se, diminuindo o consumo dos produtos de base florestal. As altas taxas de juros aliadas às grandes distâncias dos maiores compradores da madeira do Estado – região Sul – também entram no rol dos responsáveis pelo “desaquecimento” do setor. E, ainda, começam a

¹⁶ Dados fornecidos pela Câmara de Política de Desenvolvimento Econômico do Governo do Estado de Mato Grosso.

surgir as grandes polêmicas ambientais, movidas, inclusive, por interesses internacionais para a preservação do grande tecido verde Amazônico. Iniciam-se, gradativamente, imposições e restrições mobilizadas por novos decretos legais que impunham uma nova política nacional para o setor.

O ápice da crise, porém, ocorre no ano de 2005, com as intervenções da Polícia Federal¹⁷ desarticulando operações fraudulentas e a chamada máfia “verde” da corrupção. Muitas empresas sucumbiram e o caos comercial se instalou no setor madeireiro e nas cidades que têm nesta atividade o seu grande potencial de circulação econômica. No momento atual, muitos acordos têm sido articulados entre Estado e indústrias, mas, a conjuntura aponta para o “reaquecimento” do setor está comprometido e a retomada do crescimento será lenta, tendo que obrigatoriamente as indústrias se adaptarem às novas imposições da legislação.

Muitos são os pesquisadores que apóiam as mudanças e reformulações na legislação, apontando o desmatamento como o processo indiscriminado resultante de interesses ligados essencialmente ao desenvolvimento agrícola e pecuário. Estes, condenam a falta de infra-estrutura das indústrias madeireiras que não investem em equipamentos apropriados, em mão-de-obra especializada e na modernização de seus parques industriais. Estas, por sua vez, atribuem a culpa à falta de fontes de financiamento condizentes com suas necessidades, bem como a precariedade de estradas, energia e comunicação. Dentre as muitas críticas teóricas, tomamos como exemplo Barros & Veríssimo:

À primeira vista, a paisagem enfumaçada das cidades madeireiras da Amazônia dificilmente transmite a visão de um futuro promissor para a região. O acúmulo desordenado de pedaços de madeira e as montanhas de pó de serragem em combustão ao ar livre falam por si só de uma atividade econômica que subvaloriza a própria fonte de riqueza - as florestas tropicais da Amazônia Oriental. Como se o desperdício que tanto chama a atenção nas serrarias não bastasse, os danos diretos causados na floresta por uma exploração não planejada não deixam dúvidas sobre a natureza predatória do empreendimento. (BARROS & VERÍSSIMO, 1996, p.28)

¹⁷ Esta intervenção da Polícia Federal ocorreu no final do primeiro semestre de 2005 quando foi deflagrada a Operação Curupira. Nessa desarticulação da máfia da corrupção foram presas 102 pessoas – entre madeireiros, fiscais do Ibama e outros funcionários públicos – acusados pela devastação de quase 2 milhões de metros cúbicos de árvores em troca de propina e lucro fácil.

É importante lembrar ainda que uma das razões para o esgotamento das reservas naturais florestais de outros estados brasileiros, como o Sul e o Sudeste, foi exatamente a extração exacerbada e indiscriminada dos seus recursos. Alguns pesquisadores (Freitas & Hummel, 2001; Schneider, Arima, Veríssimo, Barreto & Souza Junior, 2000), defendem que há a possibilidade de concatenar a especificidade econômica da indústria madeireira à exploração da floresta, sem prejuízos ambientais. A este processo denominam Manejo Florestal e alertam para as mudanças profundas que devem ocorrer para que ele seja implantado, não só estruturais como também investimentos políticos e ações governamentais que incentivem a atividade e a oferta contínua de bens e serviços.

Antes de darmos continuidade ao nosso propósito de verificar como ocorre a manifestação da dimensão dialógica da linguagem na mídia impressa sinopense, abordaremos, no próximo subitem, o contexto histórico da cidade de Sinop, enfatizando as formações discursivas das indústrias madeireiras presentes nesse espaço geográfico.

1.2 A cidade pólo da região norte mato-grossense: Sinop

Uma vez que trabalharemos mais diretamente com a mídia impressa que circula na região a partir do estudo de textos de dois jornais com sede na cidade de Sinop e também pela posição de destaque que a cidade ocupa no centro dessa questão madeireira, passaremos a uma contextualização mais detalhada desse município.

Fundada em 14 de setembro de 1974, Sinop recebe este nome em homenagem a colonizadora privada que a projetou (Sociedade Imobiliária do Noroeste do Paraná). Pertencia até então ao município de Chapada dos Guimarães. Foi elevada a Distrito em 29 de junho de 1976 pela Lei 3.754, sancionada pelo então governador do Estado de Mato Grosso Garcia Neto e transformada em Município em 17 de dezembro de 1979 pela Lei 4.156, aprovada pelo governador Frederico Campos. A cidade dista 503 km de Cuiabá, a capital do Estado, e tem uma população oficial de 99.490 habitantes (IBGE 2005).¹⁸

¹⁸ Dados fornecidos pela Secretaria de Indústria e Comércio do Município de Sinop, mai.2006.

A mesma colonizadora instalou, neste mesmo período, o processo de ocupação de mais três cidades próximas a Sinop, Vera, Santa Carmem e Cláudia, espaço territorial então denominado Gleba Celeste. Souza nos mostra que os avanços na fronteira agrícola, especificamente em Sinop, decorreram porque:

a colonização de Sinop, lastreada também pela experiência adquirida na colonização de glebas no noroeste e norte do Paraná e pelo planejamento da ocupação dos 465 mil hectares da Gleba Celeste, à qual não faltou o apoio do Governo Federal, foi desde o primeiro momento (1971) tido como um complexo e abrangente processo de colonização, entre dezenas de outras, levadas à prática na pré-Amazônia. (SOUZA, 1999, p.45)

Assim, a partir de 1972 começam a chegar os primeiros migrantes, lembrando que a BR -163, no entanto, apenas chegou a Sinop em 1974, desprovida ainda de pavimentação asfáltica. As chuvas de verão encarregaram-se de transformar o trajeto ao longo da BR num grande atoleiro, dificultando muito o acesso à cidade. Porém, as promessas de terras férteis e uma vida melhor daquela que os colonos levavam no Sul do país, propagadas por efusivas propagandas nos meios de comunicação da época, não abalaram os ânimos dos colonizadores que se arriscavam nas mais difíceis jornadas, enfrentando todos os tipos de perigos. Guimarães Neto relata o perfil do esperado do “colonizador” da seguinte maneira:

Necessitava-se, nesse momento, de homens fortes que ‘acolhessem os fracos e oprimidos’, desde que não saíssem do próprio povo e que não representassem alguma liderança política emergente de uma experiência de luta pelos direitos dos trabalhadores. O ‘empresário do Sul’, o ‘bandeirante moderno’, que se interessava pelas riquezas da Amazônia, revelava-se o ‘comandante ideal’ de uma política que apontava do alto a estratégia mais eficaz para ‘preencher os espaços vazios’. (GUIMARÃES NETO, 1986, p.75-76)

Entre as muitas propagandas impressas dessa região ‘próspera’ que circularam naquele momento histórico destaca-se um folheto da própria colonizadora, denominado *O Sinopiano*, editado em Curitiba - PR, que descrevia, prioritariamente, as visitas de representantes dos órgãos federais que vinham à jovem cidade do norte de Mato Grosso e não dispensava elogios ao futuro promissor que teriam os recém chegados migrantes a “terra prometida”.

Os migrantes, que vinham principalmente na expectativa de realizar o seu projeto de pequenos produtores agrícolas e melhorarem suas condições de vida, enfrentavam dificuldades para fazê-lo.

Aubertin nos informa que no início da Gleba Celeste, “foram desenvolvidas lavouras de café e de pimenta-do-reino como lavouras permanentes, arroz e mandioca como lavouras temporárias” (1988, p.31). Mas, por questões climáticas, problemas de infra-estrutura e principalmente por falta de incentivos à produção e comercialização estas culturas gradualmente foram sendo abandonadas. Assim, a economia sinopense consolidou-se através da extração da madeira. Muitas empresas do setor madeireiro começaram então a se instalar na cidade, movimentando a base econômica local. Esse exemplo mostra claramente que, a despeito de uma tentativa de fomentar a agricultura local, o plano político-econômico desfavorecia essa opção, impondo, desde o início da ocupação, a indústria madeireira como a única opção “sustentável” para o desenvolvimento da região.

Entretanto, a Revista Capital, em homenagem aos 30 anos da cidade, em 2005, disponibiliza uma matéria com dados históricos de Sinop e retrata, do seu ponto de vista, a ênfase à atividade madeireira ao expor que:

a abundância da madeira atraiu várias pessoas que poderiam extrair a farta matéria prima nos arredores da cidade. As toras derrubadas nos primeiros anos de colonização chamavam a atenção pela qualidade e pelo porte. Em 1980 o parque madeireiro de Sinop era composto por aproximadamente 100 indústrias que apenas serravam a madeira bruta que era vendida para o Sul do país, onde era beneficiada e transformada em móveis. Naquele ano o município de Sinop era a nona economia do Estado de Mato Grosso. (REVISTA CAPITAL, 2004a, p.16)

Em função da reconhecida importância que a esfera da atividade madeireira passou a ter para o município de Sinop, sendo a principal fonte econômica da cidade e com reflexo imediato na renda familiar, empregos diretos e indiretos e na qualidade de vida dos seus habitantes, traça-se, a seguir, um quadro demonstrativo para acompanhar o desenvolvimento da atividade madeireira e verificar os momentos do chamado “desaquecimento industrial” na cidade de maior circulação do produto extrativo madeireiro e com a maior concentração de empresas do setor na Amazônia norte mato-grossense:

QUADRO 1: NÚMERO DE EMPRESAS MADEIREIRAS INSTALADAS EM SINOP

ANOS	NÚMERO DE MADEIREIRAS	VAR. %
1975*	109	-
1982*	602	452.3
1994	570	- 5.3
1997	428	- 24.9
2006	151	- 64.7

Fonte: Secretaria de Indústria e Comércio do Estado de Mato Grosso - Sinop, 2006

* Os dois primeiros anos refletem dados condensados da região Norte, no entanto, 95% das empresas citadas localizavam-se em Sinop.

A tabela nos revela dados surpreendentes sobre a ‘involução’ das empresas madeireiras na cidade e, conseqüentemente, uma possível diminuição da matéria prima natural, a madeira, explorada predatoriamente. Para darmos continuidade às nossas reflexões nos remetemos novamente a Souza quando afirma que:

por volta de 1998, as reservas florestais do município já apresentavam sinais de esgotamento. O uso de uma tecnologia obsoleta faz com que se retardem os ganhos de produtividade e ampliem-se os resíduos, acelerando o consumo de matéria prima natural, levando o pequeno madeireiro e o “pica-pauseiro”, sempre prontos a seguir adiante, em busca de novas áreas que possam ser exploradas, sem a necessidade de grandes investimentos de que não dispunham para poder dar continuidade a essa atividade, já que a prática de reflorestamento e manejo sustentado (planejado) é ainda incipiente. (SOUZA, 2004, p.180)

Tal constatação nos apresenta ainda outra realidade: a atividade madeireira, tão explorada e difundida nos anos 80, não conseguiu se estabilizar e nem garantir ganhos substanciais aos empresários madeireiros. Sem infra-estrutura, sem investimentos e recursos para se capitalizar e sem incentivos políticos governamentais para o fortalecimento do setor, o madeireiro, em geral com um perfil de pouca instrução (escolaridade) e de gerenciamento muito abaixo dos padrões exigidos para uma inserção competitiva nos mercados nacionais e internacionais, não encontra apoio para prosseguir na atividade.

Além disso, o desrespeito ao meio ambiente denuncia esta atividade como predatória e fornece aos ambientalistas argumentos que revelam o grande número da devastação florestal que ocorre porque não há planejamento e reconstituição da matéria-prima, o que causa grandes e graves danos às áreas ambientais. A devastação, de acordo com Kowarik, tem reflexo direto no “clima, na fauna restante, nos solos, no ar e na conseqüente piora da qualidade de vida da população” (1995, p.210).

1.3 A Operação Curupira: uma nova postura crítica

Em meio a todo esse quadro de declínio da atividade madeireira e de crise econômica nessa região da Amazônia Legal, no início do mês de junho de 2005 o país foi surpreendido pela divulgação de um esquema de corrupção que atuava há 14 anos dentro do IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis.

O esquema consistia basicamente na fraude de autorizações para exploração de madeira, as chamadas ATPFs (Autorização para Transporte de Produtos Florestais), bem como na emissão de falsos laudos de vistoria atestando a existência de madeireiras-fantasmas que eram criadas unicamente para aumentar a cota de desmatamento dos empresários da madeira e, ainda, na abertura de empresas, também fantasmas, de recomposição florestal, necessárias aos madeireiros que esgotavam suas cotas de desmatamento, que, para manter ou aumentar a sua permissão de corte, teriam obrigatoriedade de contratar uma “empresa de reflorestamento”.

As guias, exigidas para o transporte e escoamento da madeira para outros estados e/ou países, eram vendidas ilegalmente aos madeireiros por uma quadrilha de funcionários públicos, empresários e prestadores de serviço. O jornalista Rizek, ao tornar pública a Operação Curupira, desbaratada pela Polícia Federal – PF, manifesta-se da seguinte maneira:

Um dos expedientes usados pela quadrilha para assaltar as florestas passava por um pedaço retangular de papel chamado ATPF: Autorização para o Transporte de Produtos Florestais. Concedido em duas vias aos madeireiros pelo Ibama, ele descreve o tipo de madeira e a quantidade que cada caminhão está autorizado a transportar. No caso da quadrilha de Mato Grosso, o madeireiro preenchia a primeira via do documento (aquela que acompanha o caminhão com o carregamento de madeira) de uma forma e a segunda (que seguia para o Ibama), de outra. Obviamente colocava na primeira uma quantidade de madeira sempre superior à permitida. (RIZEK, 2005, p.123)

Esta operação ambiental prendeu 102 pessoas entre madeireiros, fiscais do Ibama e outros funcionários públicos. A quadrilha, também conhecida como “máfia dos cupins”, era chefiada, segundo a PF, pelo então gerente executivo do Ibama em Cuiabá, Hugo Werle, membro do conselho fiscal do Partido dos Trabalhadores – PT no estado de Mato Grosso. A Revista Veja, suporte de circulação da notícia acima citada, nesta e em outras edições pronunciou-se sobre o caso denunciando o esquema como parte de corrupção e falcaturas que envolvem filiados e parlamentares petistas ligados ao Ibama na facilitação e extração de madeira irregular em troca de dinheiro para candidatos do partido.

Da mesma forma, Coutinho nos informa que a CPI da Biopirataria¹⁹ revela em seus relatórios a participação de petistas, pedindo, inclusive, o indiciamento dos acusados. “Logo no início das investigações, a comissão recebeu de um sindicalista da região a denúncia de que parte da propina paga pelos madeireiros para conseguir autorizações para o desmate e o transporte ilegal de madeira era depositada em contas bancárias de uma assessora da senadora, Maria Joana da Rocha Pessoa” (2006, p.40). A senadora em questão seria Ana Júlia Carepa (PT -PA).

As operações da Polícia Federal, independentemente das questões de responsabilidades individuais, que são de ordem investigativa e punitiva da justiça, nos revelam uma questão de fundo: o envolvimento de políticos e funcionários de alto escalão do governo em esquemas que buscavam burlar as leis que começaram a ser implementadas para controle do desmatamento desordenado.

Rizek (2005) também nos fornece a informação de que entre os anos de 2003 e 2004, Mato Grosso dizimou sozinho, metade das árvores derrubadas na Amazônia Legal. E, muitas áreas desmatadas foram substituídas pelo cultivo da soja ou pelas pastagens utilizadas pela pecuária. Desta forma, a economia do Estado desponta como maior produtor e exportador nacional de grãos, tendo como segundo produto mais exportado uma variação entre a madeira e o gado. A Polícia Federal revela, ainda, que somente a “máfia dos cupins” desmatou aproximadamente dois milhões de metros cúbicos de árvores nos últimos dois anos, aproximadamente 43 mil hectares de floresta. Não podemos esquecer que dados como esses devem ser associados às reflexões tecidas por pesquisadores do desmatamento, a exemplo de Léna & Oliveira:

¹⁹ A CPI da Biopirataria foi implantada logo após o escândalo mobilizado pela Operação Curupira e teve a primeira parte do relatório final revelada apenas no final de fevereiro de 2006, apontando como chefe do esquema de desmatamento ilegal o gerente executivo do Ibama no Pará, Marcílio Monteiro.

O desmatamento está aumentando na região Amazônica, como resultado da soma das diversas forças ligadas ao desenvolvimento agrícola nesta e em outras regiões do Brasil. A maior parte da área desmatada é utilizada de maneira não sustentável, tal como pastagens. Esforços para conter o desmatamento e redirecionar o desenvolvimento para usos sustentáveis da terra somente serão eficazes se os processos subjacentes que estão empurrando a derrubada da floresta são enfrentados. (LÉNA & OLIVEIRA, 1992, p.93)

Lembramos ainda que, somado a facilitação de um desmatamento predatório ocorrido nos últimos anos, uma leitura do universo da economia já apontava desde o início da década de 90, que o setor passaria por um desaquecimento, indicando a inevitabilidade de uma crise. De certa forma a “operação curupira” desviou a percepção dos reais motivos que levaram a esta crise. Nesse sentido, vamos observar os efeitos de sentido que circularam na imprensa da região em três fontes que são representativas da chamada imprensa “neutra”, ou seja, da imprensa de circulação geral, da imprensa da indústria madeireira e da imprensa dos trabalhadores da madeira.

Primeiramente, o discurso da imprensa geral atribuiu a crise à falta de investimento e, fundamentalmente, à falta de visão empresarial que teriam tornado as empresas rapidamente obsoletas, com máquinas defasadas, sem qualificação de mão de obra e sem investir no uso racional da madeira (desperdício de madeira), ou seja, tomou para si o discurso da economia neoliberal.

A imprensa regional continuou assinalando as dificuldades dos municípios integrantes da Amazônia Legal. Em entrevista ao Jornal *Diário News*²⁰ (2005) o prefeito de Nova Bandeirantes, Valdir Barranco, declara que o ano de 2005 é para ser esquecido, pois, “com o fechamento de um grande número de empresas madeireiras e com a dificuldade em trabalhar, as demissões foram inevitáveis. Milhares ficaram sem emprego. O resultado disso foi o aumento no atendimento nas áreas do social das prefeituras.”

Quanto à postura da imprensa do sindicato, ela se faz representar com voz própria na imprensa de circulação regional. Nesse sentido, Jaldes Langer, presidente do Sindusmad – Sindicato das Indústrias Madeireiras do Norte do Estado de Mato Grosso, já em 2004 chamava a atenção para o desperdício que ocorria na extração da madeira – indicando que a preocupação não era

²⁰ Entrevista disponibilizada no Site <http://www.icv.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm>, acessado em: 22 nov. 2005, às 10h.

exatamente com a floresta, ou com o desenvolvimento sustentado, mas sim de atender ao mercado externo. De acordo com os dados fornecidos pela Revista Capital (2004a), apenas 15% de uma tora se encaixavam nos padrões de exportação, os denominados “restos” representavam 85% da madeira serrada e abasteciam indústrias de outros estados, principalmente nos estados do Sul do país, sem contar ainda que deste percentual 30% de cada árvore era considerada imprópria para a comercialização, sendo totalmente descartada, queimada na maioria das vezes.

Quanto aos efeitos de sentido que o trabalhador da madeira veiculou para esta crise vamos observar o *Informativo Siticom*. Trata-se de um jornal informativo, distribuído à população da região pelo Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção e do Mobiliário da Região Norte do Estado de Mato Grosso – Siticom, que publicou, em dezembro de 2005, uma retrospectiva da situação, que organizamos no quadro 2, abaixo. Uma leitura atenta da retrospectiva nos permite acompanhar, do ponto de vista do porta voz dos trabalhadores, os passos da desestruturação das indústrias madeireiras, bem como as conseqüências que essa desestabilização ocasionou no entorno socioeconômico da Amazônia Legal, tais como desemprego em massa e o fechamento de empresas ligadas ao setor madeireiro.

QUADRO 2 – RETROSPECTO DA CRISE NAS INDÚSTRIAS MADEIREIRAS NO SEGUNDO SEMESTRE DE 2005

Mês do ano	Relato dos acontecimentos
Julho	Dá-se início a crise no setor madeireiro, ela tornou-se mais grave devido à chamada “Operação Curupira”, que fez um desmanche dos empresários do setor da madeira e funcionários corruptos do órgão gerenciador, o Ibama. Começa também o sofrimento e a ameaça do desemprego, vendo um futuro nada agradável; o Siticom toma a iniciativa de mostrar à sociedade que os trabalhadores são os mais penalizados com a situação.
Agosto	A situação para a economia que gera mais renda ao Estado tem início consumado de uma crise, o que leva alguns empresários a iniciar as demissões, colocando o empregado e a classe trabalhadora em maus momentos.
Setembro	A situação do setor madeireiro fica a cada dia que passa mais crítica, o Ibama continua sem proporcionar qualquer esperança de melhora, pois, o órgão não tem estrutura para atender as necessidades da classe do setor e continua a demora para a liberação das ATPFs. Começa o desespero da classe empresarial. A situação fica mais grave e a classe empresarial pede ajuda para os que mais sofrem com a crise, os trabalhadores, através da entidade que os representa, o Siticom. O Sindicato faz um manifesto em prol do emprego da classe trabalhadora no dia 28, lá foram colocadas todas as indignações contra a atuação e falta de compromisso que o Ibama tinha naquele momento e ainda tem até hoje. Visto que várias empresas são fechadas e o desemprego cresceu.
Outubro	Este ano de 2005 será o que mais vai trazer boas recordações com relação às lutas em defesa dos trabalhadores, mesmo passando por momentos difíceis.

Novembro	O Sindicato esteve presente nas discussões referente às novas determinações com relação à mudança do novo órgão gerenciador para liberação das ATPFs e projetos de manejo florestal. Na visão do Sindicato, a Secretaria Estadual de Meio Ambiente – SEMA, como novo gerenciador poderá proporcionar uma melhora; o aspecto favorável a ser considerado é a forma que possivelmente venha a encarar a administração do setor, ou seja, sendo um órgão do Estado, ele vai trabalhar com uma abrangência regionalizada.
Dezembro	2005 foi um ano atípico. Com acontecimentos diferenciados da rotina, onde se caracterizou como um dos anos mais difíceis para as categorias que o Sindicato tem abrangência, ficando o setor madeireiro como o mais penalizado. É triste, mas a verdade, a tão propagada “Operação Curupira” foi o maior pivô desta triste página do setor. Foi nela que se descobriu quem realmente estava sendo lesado, escravizado e definitivamente enganado, os trabalhadores.

Quando refletimos sobre os sentidos apresentados no quadro acima, que descrevem a tensão e os conflitos que foram vivenciados pelos habitantes da região norte nesse período, nos perguntamos por que a percepção dos trabalhadores (Siticom) não parece diferir da percepção do sindicato patronal (Sindusmad), ou do enfoque da imprensa em geral. Desse modo, mesmo deixando o enfrentamento desta questão para o capítulo das análises, nos parece adequado adiantar a hipótese de que nenhum dos três segmentos faz reflexões ou aponta questões estruturais vinculadas do projeto econômico neoliberal em desenvolvimento. Entretanto, quando a proposta de ocupação da região, iniciada pelos governos militares, optou por transferir a responsabilidade do desenvolvimento da Amazônia Legal para a livre iniciativa, ela assumiu um caminho associado a um projeto capitalista, que foi aprofundado nos governos posteriores, a despeito de se dizerem de transição, social-democrata ou dos trabalhadores.

Enfim, o declínio acentuado das empresas do setor madeireiro, de 1997 a 2006, que nos foi revelado pelo quadro 1 e a percepção dessa realidade, em 2005, como apenas decorrente da falta de visão empresarial, má gestão administrativa e improbidade localizada de funcionários de órgãos governamentais, que ficou marcada no quadro 2 – indica um desvio do sentido de responsabilidade política de um projeto compromissado com seus cidadãos, para um sentido que se submete às leis do mercado globalizado, naturalizando de um tipo de política que tenta administrar o Estado para usuários, não governá-lo para cidadãos - atada aos princípios da economia neoliberal.

Uma vez feita a contextualização histórica das bases sócio-político-econômicas que permeiam os discursos da imprensa na Amazônia Legal, passaremos, no capítulo posterior, a apresentar as práticas discursivas e sociais da mídia impressa de Sinop, bem como verificar as evidências

enunciativo-discursivas dos mecanismos e processos discursivos que atualizam os gêneros textuais e revelam as tensões entre informar e opinar. A ênfase nas práticas e evidências do discurso jornalístico é importante para compreendermos a atividade realizada por enunciadores-jornalistas, revelada por meio da dimensão dialógica da linguagem.

CAPÍTULO DOIS

MÍDIA IMPRESSA: A IMPORTÂNCIA DA IMPRENSA COMO FONTE DIALÓGICA E FORMADORA DE OPINIÃO

Ao delimitarmos brevemente, no capítulo anterior, o contexto histórico, sócio-econômico e político da região norte mato-grossense, o realizamos no intuito de disponibilizar referentes do mundo do trabalho que fossem relevantes para o foco central desta pesquisa, o de verificar a atividade realizada por enunciadores-jornalistas no cronotopo (tempo e espaço) da constituição de notícias que têm como assunto principal a indústria madeireira. No presente capítulo, aprofundaremos o olhar dialógico sobre as práticas discursivas e sociais da mídia impressa sinopense evidenciando o gênero do discurso ‘notícia’ na perspectiva da análise enunciativo-discursiva.

Ao tempo em que comentaremos noções sobre a mídia nas suas relações com o fazer jornalístico e a notícia, introduziremos aspectos conceituais da teoria dialógica bakhtiniana e da análise dialógica do discurso (na prestativa enunciativa da AD francofônica), e, ao final, apresentaremos um panorama descritivo dos jornais, com sede em Sinop, que circulam na Amazônia Legal e, mais precisamente, daqueles jornais com os quais trabalharemos mais diretamente no momento das análises.

Compreendendo que a mídia impressa tem um papel relevante na construção de sentidos relativos ao mundo do trabalho²¹, buscaremos observar a correlação linguagem midiática – trabalho e

²¹ Os seguintes autores podem ser consultados para uma melhor compreensão das concepções da mídia impressa e da transmissão de informações: Sant’Anna (2004), Moraes (2004), Sant’Anna, V., Daher, Maria del C., Rocha, D., Silva, L. C. da, Giorgi, M. C., Carvalho Jr., P de (2004), Mariani (1998).

ideologia nas diversas dimensões que entram “em ação” na estruturação da notícia, entre elas a atividade do jornalista e os sentidos propagados pela difusão e a interação dos textos fornecidos à sociedade como peças legitimadas para a “construção da realidade”. Entre os procedimentos e manifestações revelados pelo viés dialógico, procuraremos ressaltar a heterogeneidade²² (polifonia), especificamente no uso do discurso relatado, expressas nos diversos planos enunciativos e discursivos que constituem o trabalho do enunciador-jornalista.

Ao concordarmos que a linguagem tem um papel central na construção de conceitos de/sobre o trabalho, também podemos atribuir à mídia o papel de mobilizadora de informações pertinentes à estabilização e às mudanças que ocorrem incontornavelmente no percurso histórico dos sistemas político-econômicos no embate com as reivindicações sociais humanas. A este respeito Moraes nos esclarece que:

A mídia assim atua tanto por adesão ideológica à globalização capitalista quanto por deter a capacidade única de interconectar o planeta, através de satélites, cabos de fibra óptica e redes infoelétricas. Não creio existir outra esfera habilitada a interligar povos, países, sociedades, culturas e economias. A característica integradora é algo intrínseco aos complexos de difusão, e isto se viabiliza por sua conjugação ao sistema tecnológico que rege a vida contemporânea. Potencializada tecnologicamente, a mídia concatena, simbolicamente, as partes da totalidade, procurando unificá-las em torno de determinadas significações. A partir de uma retórica que demonstra sutil sensibilidade para lidar com símbolos abrangentes, extravasam emoções que suscitam identificações sociais e psíquicas, influenciando em hábitos de consumo e direcionando pontos de vista. (MORAES, 2004, p.17-18)

Assim, entendemos que a mídia tem um papel central na produção simbólica, visto que é realizada no processo da relação social e que, de acordo com Bakhtin (1995), tem como aparato primordial o “signo ideológico” (a palavra) ligado às formas concretas da comunicação social. Nesta mesma linha de raciocínio encontramos Vigotski que nos afirma que o desenvolvimento cognitivo constitui-se e aperfeiçoa-se por meio de sistemas de signos produzidos culturalmente, ou seja, o significado das palavras: “nunca se refere a um objeto isolado, mas a todo um grupo de classe de objetos. Por essa razão, cada palavra é uma generalização latente, toda palavra já generaliza e, em termos psicológicos, é antes de tudo uma generalização.” (2000, p.9)

²² A noção de heterogeneidade aqui utilizada é originária dos trabalhos do “círculo de Bakhtin” (Bakhtin, 1929/1995, 1979/1992, 1929/1992).

Moreira também chama a atenção para a interação social dos significados da linguagem sêmica: “para internalizar signos, o ser humano tem que captar os significados já compartilhados socialmente, ou seja, tem que partilhar os significados aceitos no contexto social em que se encontra, ou construídos social, histórica e culturalmente” (1999, p.113). Dessa maneira, importam a esta pesquisa focalizar e compreender as produções simbólicas compartilhadas especificamente nas notícias veiculadas pela imprensa sinopense, em especial as divulgadas nas instituições denominadas *Diário Regional* e *O Capital*, em que os organizadores do texto trazem argumentos sobre as alterações empreendidas no universo discursivo da esfera da atividade madeireira.

De acordo com as observações e constatações que fizemos em nossa pesquisa de campo percebemos que a imprensa escrita é um dos principais meios de informação da cidade de Sinop, aliada à comunicação oral e aos programas locais de televisão transmitidos por emissoras com filiais neste espaço geográfico. Desta forma, diferentes leitores dos jornais citados participam da divulgação simbólica veiculada por estes suportes, sendo, portanto, influenciados pelas estruturas enunciativo-discursivas que esta mídia propaga, no âmbito das relações sociais, no espaço em que circulam as notícias.

Quanto às pesquisas, leituras e reflexões que realizamos ao coletar todos os jornais com sede em Sinop, que circulavam na região no período de março a outubro de 2005, e que serviram para a composição dos nossos *corpora* (descritos nos itens 2.1 e 2.2, mais à frente), verificamos que dentre os principais assuntos abordados abundavam polêmicas sobre a crise da atividade madeireira. Tais embates envolviam discussões de projetos político-econômicos nacionais e internacionais mobilizadas por diferentes interesses entre os quais vamos, por uma questão de organização, delimitar e denominar de discursos dos defensores da indústria *versus* discursos dos defensores do meio-ambiente. Essas duas “tonalidades” discursivas acabaram determinando a seleção das notícias que compõem o nosso *corpus*.

Constatando a recorrência e extensão do assunto veiculado nas notícias selecionadas e aos inúmeros interesses que movimentam essa atividade econômica e discursiva, optamos por olhar essa imprensa escrita do ponto de vista das diferentes formações discursivas (FDs) que ali se embatem. De acordo com a concepção foucaultiana (1969) de FD, torna-se necessário designar os conjuntos de enunciados no interior de uma formação social (em nosso estudo os discursos específicos da sociedade sinopense), e estabelecer a associação destes ao sistema de regras que

permite escrever a história discursiva desta comunidade, bem como fazer a distinção dos grupos de enunciados que estão aí presentes. Desse modo, o conjunto de enunciados pode revelar posicionamentos ideológicos que as instituições acabam atravessando no viés do discurso a que se submetem os enunciadores-jornalistas.

É importante ressaltar que os próprios movimentos históricos que levaram à mudanças de sistemas econômicos nos revelam uma imprensa cada vez mais entrelaçada e comprometida com os eventos políticos/ideológicos. Assim, ao nos referirmos a posicionamentos ideológicos estamos nos referindo às representações (idéias e valores) que são adotadas pelos jornalistas em consonância, por exemplo, com os moldes ditados pela formação discursiva do discurso político predominante em cada empresa jornal analisada, ou ainda, aos elementos discursivos que são disponibilizados pelos enunciadores-jornalistas na organização textual e que, de acordo com Marx e Engels, permitem abstrair “o laço entre sua crítica e seu próprio meio material”. (1965, p.14)

De certa forma, a reflexão quanto aos valores (ideologias) que atravessam os discursos da imprensa sinopense já foi iniciada no capítulo anterior, quando começamos a designar os enunciados no interior de uma formação social, do ponto de vista do assunto que permeava as preocupações dos protagonistas do diálogo com a atividade madeireira. Naquele momento, ressaltamos citações do porta voz da indústria e do porta voz dos trabalhadores, e constatamos que, na superfície enunciativa, pareciam falar do ponto de vista da ideologia neoliberal. Essas citações, que são o ponto de ancoragem para distinguir os grupos de enunciadores e buscar seus temas discursivos, serão aprofundadas no capítulo das análises.

Cabe-nos, a partir de agora, indicar os caminhos que elegemos para estudar o sistema de regras que permite escrever a história discursiva desta comunidade discursiva e os deslocamentos teóricos dele decorrentes para dar conta de estabelecer a associação dos assuntos inicialmente percebidos e dos temas que os conjuntos de enunciadores mobilizará.

2.1 A mídia e a notícia

Em nosso estudo buscaremos compreender o sistema de regras que determina uma FD nos limites das coerções mínimas necessárias para a compreensão das notícias como gênero social,

ou seja, das características que as estabilizam como gênero do discurso na perspectiva bakhtiniana.

Nesse sentido, a partir dos posicionamentos ideológicos possíveis de serem identificados no fio discursivo da materialidade lingüística, é necessário que se faça uma reflexão sobre a notícia e a “objetividade informativa”. A notícia, tomada como um gênero do discurso, quer apresentar-se como “neutra”, ou seja, de acordo com Sant’Anna et. al. “ao não ser apresentada como se constituindo em espaço qualificado para a opinião, a notícia não cria no receptor potencial as estratégias para captar possíveis opiniões inerentes a qualquer manifestação da subjetividade humana” (2004, p.285).

Essa pretensa objetividade é vista por alguns autores como um “mito”, o que, no nosso entender, coaduna com a ideologia da “imprensa neutra”. A esse respeito nos diz Rossi sobre a arena de lutas que é a mídia:

A batalha pelas mentes e corações, entretanto, é temperada por um mito – o mito da objetividade – que a maior parte da imprensa brasileira importou dos padrões norte-americanos. Em tese – salvo, é óbvio, nos jornais de cunho ideológico ou partidário – a imprensa, de acordo com o mito da objetividade, deveria colocar-se numa posição neutra e publicar tudo o que ocorresse, deixando ao leitor a tarefa de tirar suas próprias conclusões. (ROSSI, 2000, p.9)

Entretanto, na prática da circulação do produto do trabalho jornalístico, é possível que um texto quando apresentado com “ausência” de objetividade e de posições neutras, possa levar o leitor a reconhecê-lo não como notícia, mas, por exemplo, como um artigo de opinião. O problema aqui é deslocado da produção textual para a sua recepção, ou seja, quais implicações de efeito de sentido são possíveis ao se ler um texto como notícia – que tende a ser recebida como uma verdade estabilizada e quais outras se determinariam se esse mesmo texto fosse lido como um artigo de opinião - como um lado da verdade com o qual se pode argumentar.

Desse modo, deslindar as tensões entre informar/opinar constitui um dos meios de confrontar essa pretensa neutralidade da notícia. Neste trabalho, buscaremos fazê-lo por meio da identificação dos mecanismos e processos discursivos revelados pela heterogeneidade enunciativa expressa no viés discursivo, especificamente na realização das análises da utilização do discurso relatado pelo enunciator-jornalista e dos efeitos de sentido que as instituições mobilizam neste processo.

Lembramos que, do ponto de vista da Análise do Discurso, a ideologia, independentemente do texto informativo (ex: notícia) ou opinativo (ex: editorial), estaria sempre instaurada entre o embate de pelo menos duas formações discursivas divergentes.

Retomando as características de reconhecimento de um texto como gênero notícia, destacamos a “espetacularização dos acontecimentos” como um fenômeno que os estudiosos do discurso midiático (Rubim, 2003; Gregolim 2003) têm apontado como estabilizador de um efeito de “verdade” discursiva. Esse ‘novo’ efeito de construção discursiva utilizada pela mídia em geral, principalmente a televisiva, tem sido recurso frequente dos profissionais da comunicação como uma estratégia eficiente para ‘camuflar’ a transparência discursiva.

Este fato é levantado por Mariani da seguinte maneira:

A produção de sentidos nas notícias dos fatos se realiza a partir de um jogo de influências em que atuam impressões dos próprios jornalistas (eles também sujeitos históricos), dos leitores e da linha política dominante no jornal. Por outro lado, há eventos políticos produzidos para se imporem como notícia. Nesse caso, a imprensa torna-se um veículo usado por determinados grupos/partidos para ganhar visibilidade (ou notoriedade) política. (MARIANI, 1998, p.60)

A autora chama a atenção para o fato de que ao enunciar sobre determinado assunto o sujeito enunciativo transforma em objeto a temática sobre a qual fala, dessa forma, o enunciativo-jornalista distanciar-se-ia do dito e se transformaria num ‘aparente’ observador imparcial. Esta diferença explicaria que, mesmo emitindo juízos de valor, opiniões e outras marcas pessoais ao texto, dispersariam o leitor, levando-o a interpretar essas marcas como uma ‘suposta’ imparcialidade e neutralidade e, em consequência, “verdades”.

Do nosso ponto de vista, em relação à “objetividade”, à “neutralidade” e à “verdade” pretendidas pelos prescritos do trabalho jornalístico de como se deve fazer uma notícia, elas refletem e refratam, em si mesmas, uma posição ideológica de não deixar o leitor entrever a polêmica, a contradição, o jogo de forças do campo social. Uma vez que a notícia constitui-se em um objeto a ser produzido pelo enunciativo-jornalista, exige-se deste uma posição ideológica de base positivista. Essa atitude responsiva ativa do campo do trabalho jornalístico acabou elevando a “objetividade”, a neutralidade, e, provavelmente, a espetacularização à categoria de característica

que estabiliza a notícia como um gênero do discurso reconhecido e legitimado (Philippsen & Moura-Vieira, 2007, no prelo).

Esse raciocínio nos leva a destacar ainda um outro aspecto do trabalho prático do jornalista: que o enunciator-jornalista, autor dos textos noticiosos e das idéias e argumentações socializadas à comunidade circundante, passa pela ‘peneira’ das ideologias inerentes à instituição, ou seja, tem a sua matéria aprovada pelo editor-chefe quando atender às exigências organizacionais da formação discursiva sócio-historicamente circunscrita.

2.2. A mídia e os “produtores” da notícia

Observamos, no item anterior, a importância de considerar a notícia como o produto do trabalho de um enunciator-jornalista que é ele mesmo um trabalhador de uma instituição jornalística, devendo pois responder a uma rede de pressões ideológicas estruturantes dos gêneros que ele deve praticar. Aprofundando essa linha de compreensão, propomo-nos a averiguar quais são os atores discursivos e sociais autorizados ou legitimados que levam determinadas formações ideológicas a renormalizarem²³ suas esferas de atividades e como esses sujeitos participam da construção dos sentidos relativos ao mundo do trabalho das indústrias madeireiras. Faremos essa identificação em particular por meio das marcas discursivas manifestadas no discurso relatado.

Para tanto, cabe destacar a distinção entre o prescrito das instituições jornalísticas e o real vivido pelos enunciators-jornalistas. Assim, é importante verificar os procedimentos e mecanismos adotados pelos funcionários das empresas-jornal com relação às práticas languageiras nas situações de trabalho, ou seja, como tais práticas interagem com as normas antecedentes (prescrito) das instituições jornalísticas e, conseqüentemente, como o jornalista atua na atividade real de produção de notícias. Nesse sentido, ressaltamos aqui uma reflexão de Nouroudine, ao afirmar que:

Essa abordagem analítica do real apresenta a vantagem de permitir identificar mecanismos de funcionamento da relação trabalho/linguagem. Contribuindo para o conhecimento, tal

²³ O conceito de renormalização empregado aqui é o que se aproxima da noção empregada pela Clínica da Atividade (Clot & Faïta, 2000) que compreende que a fala e o pensamento têm origens diferentes e é somente no encontro social entre a atividade e o discurso que a linguagem e, conseqüentemente, as formações discursivas se atualizam.

facilidade metodológica permitirá, sem dúvida, ter em vista uma ação transformadora melhor focada sobre os constituintes do trabalho, dentre os quais a linguagem. (...) Dentre os múltiplos problemas que poderiam ser examinados, retém nossa atenção aquele que articula a questão do sujeito no trabalho, tendo em vista a complexidade da relação trabalho/linguagem. (NOUROUDINE, 2002, p.17)

Porém, se a referência ao sujeito no trabalho se torna o objeto central para a análise e averiguação dos sentidos na imprensa escrita, temos, no entanto, que levar em conta as relações interdiscursivas adotadas por esses sujeitos e os interesses circundantes nas comunidades discursivas em que veiculam o “mundo” contextual das notícias, dessa forma:

A imprensa não é o ‘mundo’, mas deve falar sobre esse mundo, retratá-lo, torná-lo compreensível para os leitores. O cotidiano e a história, apresentados de modo fragmentado nas diversas seções de um jornal, ganham sentido ao serem ‘conectados’ interdiscursivamente a um “já-lá” dos assuntos em pauta. E essa interdiscursividade pode ser reconstruída através da análise dos processos parafrásticos presentes na cadeia intertextual que vai se construindo ao longo do tempo. (MARIANI, 1998, p.61)

Maingueneau nos orienta sobre as relações interdiscursivas da seguinte maneira: “o discurso só adquire sentido no interior de um universo de outros discursos, lugar no qual ele deve traçar seu caminho. Para interpretar qualquer enunciado, é necessário relacioná-lo a muitos outros – outros enunciados que são comentados, parodiados, citados etc.” (2004, p.55). Esta relação interdiscursiva nos leva também a compreender a notícia a partir da perspectiva bakhtiniana (1979/1992, 1929/1995), indissociável de todas as vozes mobilizadas pelo “sujeito” produtor, já que todo discurso é dialógico, ou seja, todo enunciado mantém relações ao mesmo tempo com os enunciados do destinatário, tanto real quanto virtual, e com enunciados que se articulam sobre o mesmo objeto, os interdiscursos articulados numa rede dialógica de sentido.

A orientação dialógica é bem entendida um fenômeno característico de todo discurso. O discurso encontra o discurso do outro em todos os caminhos que levam a seu objeto e ele não pode deixar de manter com esse discurso senão uma interação viva e constante. É exatamente de acordo com esses pressupostos que pretendemos verificar como se manifesta a heterogeneidade enunciativa²⁴

²⁴ A heterogeneidade enunciativa será utilizada em nossa pesquisa para a verificação dos modos de organização e de efeitos de sentido que constituem o gênero notícia, bem como os embates, contradições e mediações que se apresentam nos vários planos das formações discursivas analisadas.

na construção de sentidos, mobilizada pelo enunciador-jornalista, presente nas notícias que abordam a atividade madeireira na Amazônia norte mato-grossense.

2.3 A rede enunciativo-discursiva da imprensa escrita

Mesmo com todas as evidências discursivas de que a imprensa é parcial como postulam teóricos críticos do evento comunicativo, a imprensa escrita (sua comunidade discursiva) insiste em apresentar-se como informadora e isenta de juízos de valor. Neste esforço há um grande investimento do autor do texto em expor os dados recolhidos no mundo empírico de forma objetiva, como se estivessem fora do evento, entretanto, Sant'Anna compreende que:

Cria-se uma tensão entre esses dois pólos constitutivos da natureza do que se prescreve como o papel da imprensa escrita: por um lado, deve estar fora, isto é, transpor o fato social para o espaço discursivo do jornal, mantendo a objetividade; por outro, deve estar dentro, isto é, ser espaço discursivo que reenvia sentidos ao espaço social, abrindo-se a posicionamentos ideológicos, já que ela mesma é integrante da sociedade na qual ocorrem os fatos sociais. (SANT'ANNA, 2004, p.98-99)

Desta maneira, retomando o desenho de estudo deste trabalho - que busca permitir a compreensão dialógica da atividade do enunciador-jornalista nos diferentes planos enunciativos e discursivos, ou seja, desde a escolha do assunto/fato selecionado, as vozes de autoridade ou não utilizadas na produção textual, os critérios institucionais prescritos das notícias até a publicação efetiva de notícias sobre as indústrias madeireiras e os temas que ela faz circular; pretendemos averiguar como se manifestam as formas de enunciação sobre os fatos selecionados e que marcas são utilizadas para revelar as contradições ou mediações entre estar 'fora do evento' ou 'dentro dele'. Esta análise torna-se essencialmente relevante para a compreensão dos sentidos que são disponibilizados pela mídia e a sua real participação nas mudanças e transformações pelas quais a esfera da atividade madeireira vem passando desde a sua implantação, bem como sobre as polêmicas nacionais e internacionais que levam os chamados ambientalistas a estigmatizarem esta atividade.

Sendo assim, a notícia não pode deixar de ser considerada um importante elo de transmissão dos fatos que 'supostamente' retratam o real, e, dessa forma, tem por função relatar crises e eventos que envolvem a quase totalidade dos habitantes de uma região, principalmente quando refletem questões econômicas e sociais. Mas, entretanto, ao "transmitir os fatos" a imprensa os reformula

– participa da reconstrução dos sentidos tecidos no espaço discursivo social. Os instrumentos lingüísticos dos quais os jornalistas se servem são utilizados, desse modo, para argumentar e adequar-se aos interesses exigidos nas especificidades discursivas. Essa comprovação nos certifica que os sujeitos jornalistas agem na língua/linguagem de acordo com as normas estabelecidas pelas formações discursivas em que estão inseridos (estar fora) e ao mesmo tempo deixam marcas próprias no texto (estar dentro) com as quais pretendem alcançar uma cumplicidade e a aceitabilidade do leitor.

Mariani acrescenta, ainda, que o discurso jornalístico tem como característica atuar na institucionalização social de sentidos. Isto significa que o enunciado discursivo representado pelo enunciadador-jornalista contribui para “a constituição do imaginário social e na cristalização da memória do passado, bem como na construção da memória do futuro” (1998, p.61). Quanto ao que chamou de memória do futuro, preferimos aproximá-la da concepção bakhtiniana de “projeto discursivo”, que serve para orientar as posições enunciativo-discursivas de um locutor perante o seu auditório social e seu horizonte social ampliado.

E, finalmente, se pensarmos que os profissionais da escrita jornalística se utilizam de uma dimensão simbólica em situações específicas de trabalho, prescritos em manuais de estilo e documentos pré-formulados que lhes servem de guia, podemos tomar esse projeto de atividade idealizada como um mote que estrutura um movimento contínuo de reformulação do mesmo gênero, neste caso da notícia. É Faïta que nos remete às reflexões sobre os modos como as atividades humanas são reestruturadas e modificadas nos contextos de ação:

Não há dúvida alguma que a dimensão simbólica dos atos do trabalho, dos quais a linguagem participa, constitui o lugar de uma reelaboração contínua de seus parâmetros e que os lances contraditórios que atravessam esse processo continuam ainda opacos. O modo como se sucedem e/ou se opõem, nas relações tecidas pela atividade em um meio de trabalho dado, o banal e o inesperado, o normal e o excepcional, o genérico e o modal etc., se integram ao processo não entregando facilmente a parte da significação que eles contribuem para construir. (FAÏTA, 2005, p.99)

Finalmente, ao encontro do pensamento de Maingueneau, verificaremos no trabalho do enunciadador-jornalista a disposição do “primado do interdiscurso”, ou seja, como se evidencia, no viés discursivo das notícias jornalísticas selecionadas, a constituição do discurso ‘segundo’ que

surge através do discurso ‘primeiro’. “No interior de um espaço discursivo anterior, é compreensível que o discurso segundo (o citado) remeta no todo ou em parte ao Outro através do qual ele mesmo se constituiu” (2005, p.42). A noção de espaço discursiva a que nos referimos é a concebida por Maingueneau como recortes discursivos ou subcampos de um determinado campo discursivo tais como político, filosófico, econômico que, não sendo passíveis de serem estudados na sua integralidade, são demarcados em espaços isolados pelo analista e confirmados ou não ao longo de sua pesquisa.

Assim, dando continuidade ao nosso propósito de demarcação de espaço no interior do campo discursivo midiático e no intuito de recuperar dialogicamente os sentidos que os enunciadores-jornalistas empreenderam na realização da tarefa de escrever o gênero notícia, iniciaremos com uma breve contextualização dos eventos históricos da mídia impressa sinopense. Os primeiros folhetins jornalísticos, documentos escritos e arquivados na Colonizadora Sinop que tem a sua sede nesta cidade, datam da década de 80, mas é apenas nos anos 90 que as pequenas empresas se fortalecem, porém, com poucos recursos e um número limitado de circulação, típico de cidades interioranas e com pouca disponibilidade de qualificação profissional. Arruda posiciona-se da seguinte maneira sobre os primeiros escritos históricos:

Nos registros históricos oferecidos pela Colonizadora, o que prevalece é o relato do progresso e a história daqueles pioneiros que conseguiram acumular capitais, ou seja, os bem-sucedidos. Identificar aqueles que fracassaram em seus sonhos e não conseguiram a projeção social dentro da sociedade que se constituía, não é fácil dentro desse contexto histórico preestabelecido. A história da cidade deveria ser uma história de progresso e conquistas, não existindo espaço para os derrotados. E, uma vez mais esses cidadãos são excluídos da cidade; da sua história. (ARRUDA, 1997, p.96)

Arruda deixa claro no seu viés discursivo o posicionamento ideológico da Colonizadora. A história é alterada de acordo com os interesses e propósitos comerciais desta empresa colonizadora privada. A cidade e sua memória nascem e se fundamentam em um espaço do discurso empresarial. A instituição manipula e seleciona as informações da realidade que ostentem uma história de progresso e glórias e, dessa maneira, imputa a ela mesma os feitos grandiosos da construção do progresso. Toda produção discursiva, dessa forma, moldada por suas ideologias tem marcas características de juízo de valor inscritas em dado momento histórico e que mobilizam efeitos de sentido específicos para diferentes esferas de atividades humanas.

Dentre os registros históricos disponibilizados pela Colonizadora Sinop encontra-se o primeiro folhetim publicado, nos moldes informativos, denominado *O Sinopeano*. As três primeiras edições foram datilografadas numa máquina IBM, no ano de 1980, por Nicim Baccila Neto, jornalista e então redator do Jornal *Gazeta do Povo* de Curitiba – PR e colaborador do Jornal *O Estado de São Paulo*. A partir da quarta edição passou a ser editado em Curitiba. O objetivo deste informativo, com distribuição gratuita, era descrever as muitas visitas de representantes de Órgãos Federais, inclusive presidentes da república que visitaram a região e inauguraram novas cidades no extremo Norte do Estado de Mato Grosso, para enaltecer os feitos da colonização e o progresso que despontava neste espaço regional²⁵.

Além da divulgação comercial das terras da colonizadora outra empresa também era divulgada neste folhetim, a Sinop Agroquímica S.A.– Usina de álcool que incentivava a produção de mandioca. O fundador do primeiro informativo sinopeano era também integrante da primeira diretoria desta empresa junto com outros idealizadores de Sinop e donos da Colonizadora citada. O projeto da usina, mesmo recebendo vultosa concessão do Governo Federal, através da SUDAM, para a sua instalação, faliu em 1994 e encontra-se totalmente desativada.

O informativo acima citado foi substituído pelo atual Jornal *CSSA News* que contou com sua primeira edição em 14 de fevereiro de 2003. Este jornal também tem distribuição gratuita. Conta com apenas duas páginas, na primeira há sempre comentários e entrevistas com pioneiros da cidade e/ou pessoas de destaque na sociedade sinopeense, a segunda serve como página de classificados para divulgar a locação e vendas de imóveis. Como se pode perceber, mesmo com o formato modificado, a impressão terceirizada e três funcionários fixos que cuidam da organização do marketing da empresa, a ideologia da instituição permanece inalterada e a ênfase continua a ser dada aos empresários bem sucedidos e pioneiros que enriqueceram explorando as terras e/ou o comércio da região.

A cidade de Sinop conta atualmente com 11 (onze) jornais impressos; entre eles, encontram-se pequenos folhetins que circulam unicamente com o intuito de promover vendas, ou seja, apresentam longas listas de classificados, já outros, de porte médio, têm abrangência em várias cidades do Norte do Estado como os Jornais *O Capital*, *Celeiro do Norte*, *Gazeta Regional e*

²⁵ Informação obtida por meio de entrevista com o pioneiro Ascâneo Batista de Carvalho, assessor comercial da empresa Colonizadora Sinop (Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná), ligado a esta empresa há 54 anos.

Diário Regional, este último sendo o único com circulação diária. Temos, assim, estes jornais: *Diário Regional*, *Celeiro do Norte*, *O Capital*, *Gazeta Regional*, *Folha de Sinop*, *Novo Milênio*, *CSSA News*, *Conexão Mercantil*, *Ligue Negócios*, *Vende Fácil e a Cidade*. Além dos jornais impressos existem hoje estes sites jornalísticos e de entretenimento: *sonoticias.com.br*, *diariodanoticia.com.br*, *neidelopes.com.br*, *semprebom.com.br*, *topsinop.com.br*, *socialnews.com.br*, *girodanoticia.com.br*, *sinopgospel.com.br*, *canaldainformacao.com.br*, *agitodacidade.com.br*, *nortaonegocios.com.br*, *noticiasdonortao.com.br*, *akitemagito.com*, *tonofervo.com* e *showdoesporte.com.br*.

É importante ressaltar que os investimentos na mídia impressa são muito recentes na cidade. O primeiro folhetim, como já descrevemos, surge em 1980 com o propósito único de enaltecer as terras do Norte do Estado de Mato Grosso. O primeiro Jornal, *Gazeta Regional*, com formato tablóide, nasce em 1984, como prestador de serviço informativo à Prefeitura Municipal. Os primeiros proprietários eram médicos pioneiros no município. Atualmente, com novo proprietário desde 1999, tem edição apenas semanal (terça-feira) com aproximadamente 2000 exemplares de tiragem²⁶.

Os demais jornais citados são todos da década de noventa e, a maioria, é da virada do milênio, ou seja, surgem no século XXI. Não há ainda nenhum jornal de grande porte e, exceto o Jornal *Diário Regional*, todos os demais têm a diagramação e a impressão terceirizadas. Desta maneira, existem problemas com a qualidade do material impresso e, principalmente, em decorrência da não especialização da equipe redatora, revisores, repórteres, colunistas e colaboradores todas as instituições descritas apresentam sérios problemas com a estruturação e constituição dos textos apresentados.

Após o relato do levantamento e visita aos jornais impressos citados, faremos uma breve apresentação dos dois jornais selecionados e das principais informações que foram adquiridas através das conversas com os funcionários administrativos e dos documentos que nos foram fornecidos.

2.4 A caracterização dos Jornais estudados

²⁶ Informações cedidas pelo atual proprietário, Tsutomu Bando, em entrevista realizada em jun. 2005.

O **início** do percurso para a seletiva dos suportes jornalísticos e, conseqüentemente, dos *corpora* acontece a partir de março de 2005 até junho do mesmo ano. Neste período, o nosso trabalho preparatório consistiu em fazer um levantamento dos jornais em circulação na cidade de Sinop. Após este passo, começando um trabalho formal de reconhecimento do “campo da pesquisa” fomos visitar algumas instituições jornalísticas para verificarmos a viabilidade da realização do trabalho de pesquisa.

É importante ressaltar que a escolha do nosso objeto de pesquisa encontrou limitações com relação aos suportes jornalísticos a serem selecionados, ou seja, por ocasião da recente colonização da região norte mato-grossense, a partir da década de setenta do século XX, as instituições de jornal encontram defasagens infra-estruturais no âmbito da mídia impressa num comparativo às grandes regiões desenvolvidas do Brasil, a exemplo das regiões Sul e Sudeste. No entanto, no esforço de diminuir as distâncias das barreiras comunicativas e tecnológicas surgem timidamente as empresas jornais desta região.

Nesse sentido, os jornais, *O Capital* e *Diário Regional*, ambos com data de fundação na primeira década do século XXI, mesmo sendo os veículos informativos da mídia impressa sinopense com maior número de circulação, apresentam deficiências e limitações em sua estrutura gráfica, redacional e no quadro de profissionais com habilitação específica, o que diminui a qualidade e o produto final é apresentado ao co-enunciador leitor com problemas relacionados às normas internas, ortográficas, gramaticais e de estilo que constituem o roteiro básico do texto noticioso.

Ao nos decidirmos sobre os dois suportes com maior circulação no município, mantivemos um primeiro contato com alguns funcionários administrativos que nos forneceram importantes informações sobre a estrutura e funcionamento das instituições escolhidas: *Diário Regional* e *O Capital*, bem como conhecemos todas as repartições físicas de cada estabelecimento. Estas circunstâncias práticas nos levaram ainda às entrevistas com jornalistas dos dois jornais que serão comentadas no Capítulo Três desta dissertação. O passo seguinte foi a seletiva de textos jornalísticos para a constituição dos *corpora* que aconteceu entre os meses de agosto a outubro de 2005.

Antes de realizarmos as análises das marcas lingüísticas expressas nos textos de imprensa dos jornais selecionados e verificarmos como o discurso relatado se manifesta pelo enunciad-

jornalista, bem como os efeitos de sentido por ele mobilizados, faremos uma breve apresentação dos dois jornais em estudo, a partir de uma mirada em textos de arquivo.

2.4.1 O Jornal *O Capital*

A primeira edição foi impressa em 05 de fevereiro de 2001, tinha inicialmente circulação semanal. Foi inaugurado, no entanto, com outro nome, *Folha da Amazônia*, seu proprietário era o então empresário Olavo Reihers. Naquele momento contava com cinco funcionários e cada edição continha oito páginas. A partir de 18 de setembro de 2001, com novo proprietário, o administrador Zeno Scheineder, responsável atual pelo maior grupo de telecomunicações da região Norte, atuando em uma rede integrada de empresas midiáticas, entre elas uma emissora de televisão, o Jornal é reinaugurado com novo nome que, aliás, remete à expressão máxima da semântica capitalista e dos moldes da sociedade mercantil, torna-se *O Capital*.

Desde então o Jornal passaria a ter três edições semanais (terças-feiras, quintas-feiras e sábados) com aproximadamente doze páginas durante a semana e vinte nos finais de semana. Conta atualmente com 6 redatores, 4 colunistas fixos, 3 repórteres (1 graduado), 3 diretores, 1 editor executivo, 1 revisor. Tem 2 páginas terceirizadas: a social e a esporte. Também tem muitos colaboradores, entre eles representantes de destaque na mídia sinopense que enviam regularmente matérias para serem publicadas. A impressão também é terceirizada. A circulação atinge cerca de 2000 exemplares e as cidades de abrangência deste jornal são os municípios de: Vera, Itaúba, Santa Helena, Cláudia, Cuiabá e Sorriso.

Segundo o editor executivo Jamerson Mileski, que nos concedeu entrevista para a coleta desses dados, o jornal “prima pela interatividade com a comunidade.”

No entanto, os reflexos dos problemas estruturais da crise econômica que se instaura na região e da falta de investimento na instituição jornalística, levam este jornal, ainda no período da coleta dos textos dos *corpora*, agosto a outubro de 2005, especificamente no mês de setembro, a reduzir novamente o número de circulações, passando a ser editado somente aos sábados.

2.4.2 O Jornal *Diário Regional*

A primeira edição deste Jornal surge apenas em outubro de 2003. O seu fundador e ainda proprietário é o administrador Rui Demilson. Trata-se de jornal diário, com exceção das

segundas-feiras, circula com 12 páginas durante a semana, 2 coloridas (capa e contra-capas) e aos domingos apresenta 16 páginas, com 4 coloridas (capa, contra-capas, capa do segundo caderno e folha política). Tem aproximadamente 30 funcionários fixos e conta com produção própria (nenhuma página terceirizada), inclusive sendo o único jornal de Sinop com parque gráfico (máquina rotativa) que imprime também jornais de outros municípios. Entre os funcionários, 8 atendem o parque gráfico e 4 são jornalistas (3 graduados).

O Jornal conta atualmente com três sucursais nas cidades de: Sorriso, Matupá (abrange o vale do Peixoto - extremo norte) e Cuiabá. O número de assinantes atinge 420 em Sinop e 970 no total. A circulação aproxima-se de 3200 exemplares diários e entre as cidades de abrangência estão toda a Região Norte do Estado, desde Nova Mutum até Guarantã do Norte. Atualmente está construindo sede própria.

O supervisor comercial, Rivelino Carlos de Oliveira, que nos forneceu as informações acima citadas, também ressalta a interação do Jornal com a comunidade, inclusive dando ênfase à página de opinião Disque Pauta que recebe, segundo ele, contribuições de cidadãos comuns que enviam artigos ou crônicas para serem publicadas.

2.5 O “gênero” notícia: do textual ao discursivo e da atividade

Como já discursemos no subitem 2.3 deste capítulo, os processos discursivos utilizados por enunciadore-jornalistas no momento da produção textual não se apresentam como neutros. Assim, a notícia, vista como um dos gêneros ‘objetivos’ em que se atualiza o discurso jornalístico conseguiria manipular as manifestações de opinião, emitidas pelos enunciadore-jornalistas, dos leitores efetivos deste gênero:

A notícia circula fora dos ambientes restritos da política e da economia e propõe que criemos a expectativa de estar lidando com a “objetividade informativa”. Ao não ser apresentada como se constituindo em espaço qualificado para a opinião, a notícia não cria no receptor potencial as estratégias para captar possíveis opiniões inerentes a qualquer manifestação da subjetividade humana. (SANT’ANNA et. al., 2004, p.285)

É nesse movimento de tensão que pretendemos nos ater para as análises do *corpus* que serão desenvolvidas no capítulo seguinte desta dissertação. A análise que procederemos no rastro

desta discussão teórico-metodológica levará em conta as manifestações da heterogeneidade enunciativa, trazidas nas marcas do discurso relatado²⁷, que poderão surgir em decorrência da tensão opinar/informar, sempre tendo em vista o propósito de observar como os dois Jornais selecionados tratam a crise instaurada na atividade madeireira. As diferentes ‘vozes’ trazidas pelo enunciadador-jornalista serão identificadas para verificar como a dimensão dialógica da linguagem pode (re) dimensionar e (re) atualizar os gêneros discursivos e da atividade, em especial no gênero notícia, mobilizando formações discursivas que se embatem no cerne dos discursos das indústrias madeireiras. Nessa perspectiva propõe Sant’Anna:

Nossa hipótese de que a imprensa é uma das “unidades” que participam do processo de integração regional baseia-se: na contradição inerente à sua forma de constituir-se – estar fora e dentro dos fenômenos sociais e discursivos; na idéia de que essa contradição favorece uma tensão entre informar e opinar; na suposição de que a manipulação de informações participa dessa tensão – mesmo se a entendermos como parte do processo necessário de seleção do que informar ou não, por motivos de ordem prática, como espaço disponível ou recursos para encontrar mais detalhes sobre um tema. (SANT’ANNA, 2004, p.100)

Pretendemos, assim, verificar no conjunto de vozes aquilo que Bakhtin denomina polifonia, ou seja, as possíveis manifestações polêmicas, embates ou mediações tomadas aqui como integrantes do processo da heterogeneidade enunciativa e que atravessam os enunciados discursivos das duas Instituições: *Diário Regional* e *O Capital*, revelando a constituição do processo de construção das notícias na atividade de produção dos enunciadadores-jornalistas. De acordo com Maingueneau (2004) entender o ‘lugar’ de onde se diz é entender as motivações que determinam o gênero.

Desta maneira, compreender o gênero ou tipo do discurso jornalístico da imprensa escrita e as suas diferentes formas de atualizar-se, por meio dos gêneros informativos (notícia) e opinativos (editorial e artigo), requer levar em conta além da tradicional conceituação bakhtiniana entre “conteúdo temático, estilo e construção composicional” as implicações de caráter explicativo entre “tipologias do discurso” e “gêneros do discurso” explicitadas por Maingueneau (ibid, p.59). É importante, desse modo, verificar como os gêneros se apresentam

²⁷ O discurso relatado aqui considerado é o mesmo que Bakhtin considera como o “discurso de outrem” ou o “discurso no discurso”, integrado na construção discursiva de novos discursos como orientação ativa do falante.

nos suportes jornalísticos estudados e que marcas discursivas são utilizadas para a atualização tanto dos gêneros que pretendem informar quanto dos gêneros que pretendem opinar.

Concordamos, todavia, com Brait que “o gênero discursivo diz respeito às coerções estabelecidas entre diferentes atividades humanas e os usos da língua nessas atividades” (2001, p.06). E, para uma análise que pretende averiguar os efeitos de sentido que o gênero notícia, abordando a crise da atividade madeireira, traz à região norte de Mato Grosso e conseqüentemente ao resto do país, sem perder de vista que se trata do uso da língua em uma atividade socialmente legitimada e “remunerada”, iremos nos reportar às reflexões trazida por Vieira a partir dos seus estudos com a Clínica da Atividade, mais diretamente com Faïta (2002) sobre a distinção entre gênero da atividade e gênero do discurso:

Desenvolvendo a problemática do dialogismo e preocupado com o papel da lingüística nas pesquisas em ciências humanas, Faïta (2002) elabora a tese de que a linguagem participa de toda atividade e que, em retorno, a atividade lhe imprime as configurações e as transformações ligadas ao desenvolvimento histórico de toda forma de ação. Vemos, nessa formulação, a possibilidade de engajar uma compreensão de gênero de atividade que, mesmo estritamente ligada aos gêneros do discurso, apresenta independência funcional nas estabilidades da ação, ou seja, uma dupla via de funcionamento dos sentidos, sem que o plano de um gênero englobe hierarquicamente o espaço do outro gênero. (VIEIRA, 2004a, p.134)

Dessa maneira, o estudo de um gênero do discurso em uso (o estado ‘genérico’) tem uma amplitude maior quando associado à situação, pois os participantes de cada evento comunicativo sabem contextualizar o gênero referido no plano da esfera da atividade. Os estudiosos da linguagem nos limites do discurso e da atividade mesma, não podem falar no ponto de vista do trabalhador da mídia, tampouco do trabalho realizado, mas podem encontrar traços dessa atividade primeira se recuperam, nos textos, a rede dialógica dos sentidos.

É exatamente por meio da recuperação das temáticas no viés dialógico da esfera da atividade jornalística, verificada na região norte mato-grossense, especificamente na construção de sentidos relativos ao mundo do trabalho do enunciador-jornalista, que pretendemos estudar as parciaisidades, a não objetividade, os nós entrelaçados que constituem a não-transparência discursiva e os efeitos de sentido depreendidos nas práticas sociais e processos enunciativo-discursivos mobilizados pelo assunto ‘atividade madeireira’ na Amazônia Legal.

As noções, conceitos e deslocamentos teóricos que apresentamos, instrumentalizarão nosso trabalho de pesquisa no resgate da ‘trama’ heterogênea resultante do relato de notícias e as condições histórico-ideológicas que as produziram. Diversas vozes dessa rede dialógica serão recuperadas no capítulo a seguir, bem como os possíveis efeitos de sentido que as organizações de trabalho jornalísticos e suas instituições permitem vincular às práticas de atividades regionais para além da tarefa econômica restrita.

CAPÍTULO TRÊS

MÍDIA E HETEROGENEIDADE ENUNCIATIVA: A MONOFONIA E A POLIFONIA DO DISCURSO DESENVOLVIMENTISTA

Neste capítulo, nos dedicaremos, inicialmente, a apresentar o *corpus* selecionado, o recorte de pesquisa propriamente dito e as noções operatórias que importam para as análises posteriores. Em seguida, serão transcritos quadros demonstrativos dos segmentos envolvidos nas autorias/origens dos enunciados discursivos dos *corpora* e das principais vozes (discurso relatado) recorrentes nos textos das duas empresas jornalísticas: *O Capital e Diário Regional*. Na seqüência, faremos as análises das manifestações enunciativo-discursivas.

Os textos jornalísticos, em especial das notícias, estão ao centro do nosso olhar de pesquisa que, nos limites desse horizonte, também abarcará: por um lado, os materiais prescritos que orientam a produção textual do texto jornalístico e, por outro lado, os materiais “representativos” evocados no discurso dos jornalistas sobre a sua prática de trabalho com o texto notícia. Os prescritos foram compostos a partir de manuais, regimentos e leis que se propõem a orientar a atividade da escrita jornalística nos jornais em questão. As entrevistas foram concedidas por dois enunciadore-jornalistas – EJ1 e EJ2, um de cada jornal pesquisado.

A organização confrontativa dos materiais constitui o que Vieira (2004a) chama de *autoconfrontação enunciativo-discursiva*²⁸, ou seja, um dispositivo metodológico adotado

²⁸ Uma discussão mais detalhada sobre este dispositivo metodológico será realizada no item 3.2.

para a realização do princípio de Autoconfrontação²⁹ em análise de materiais textuais produzidos em atividade de trabalho. Autoconfrontar enunciativo-discursivamente significa utilizar os diversos textos, orais ou escritos, tais como os prescritos, as entrevistas, relatos da atividade, observação de normas, rotinas e projetos das instituições e, finalmente, as notícias produzidas pelos jornalistas e confrontá-los entre si, ou seja, analisar discursivamente a situação de trabalho entre os saberes anteriores e normas solicitadas para a execução da ação, contrapostos à atividade concreta e ao resultado da ação que, em nossa pesquisa, é o texto final, a notícia.

Nosso propósito é observar a rede dialógica do sentido que mobiliza uma circulação temática em três feixes de trocas dialógicas:

- * o prescrito de cada instituição (compreendido como a dimensão idealizada, o projeto discursivo, do que deveria ser o produto do trabalho do jornalista);
- * os ditos dos jornalistas em entrevistas (objetivado como a representação pelo próprio jornalista do que seria o objeto/produto do seu trabalho);
- * os textos jornalísticos selecionados (considerados como o produto material do trabalho do jornalista).

O desenho metodológico, dessa forma, será composto por três diretrizes: o enunciado concreto, representado pelas entrevistas e relatos da atividade jornalística, os textos antecedentes, normas e rotinas e os posteriores, as notícias produzidas, e, finalmente, de acordo com Vieira, “a heterogeneidade da circulação dos sentidos na situação estudada para que ela seja recuperada discursivamente” (2002, p.182). A partir desse desenho metodológico faremos a análise comparativa dos enunciadores e das vozes de autoridade que são trazidos aos textos pelos jornalistas das duas instituições no *corpus* selecionado, visando à verificação da heterogeneidade (polifonia) que se apresenta entre as diferentes vozes relatadas, isto é, na constituição das relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos fios discursivos analisados.

²⁹ A autoconfrontação aqui sugerida é a que mais se aproxima dos moldes apresentados por Vieira (2004a). Para este autor, a autoconfrontação enunciativo-discursiva é um dispositivo metodológico que mobiliza o diálogo de fragmentos da situação estudada, refletindo e refratando a mobilidade de sentido.

3.1 Delimitação do *corpus* e das noções operatórias

Uma vez apresentadas as linhas gerais que norteiam o desenho metodológico da nossa pesquisa, passaremos a comentar mais detidamente sobre a escolha de cada um desses níveis enunciativo-discursivos mobilizados na nossa confrontação, ou seja, sobre o prescrito das instituições, os ditos dos jornalistas em entrevistas e os textos jornalísticos selecionados.

A trajetória de seleção do *corpus* iniciou-se com a coletânea de textos que abordavam o assunto da atividade madeireira. A escolha do assunto deveu-se à recorrência deste no período de agosto a outubro de 2005. A primeira triagem rendeu-nos oitenta e cinco textos (85) ligados ao macro-assunto citado. Entre os micro-assuntos coletados destacam-se: o setor madeireiro, os trabalhadores de indústrias/empresas madeireiras, os órgãos ambientais responsáveis pelo setor madeireiro, o manejo florestal sustentável, o desmatamento, a crise econômica na região, o desemprego entre outros.

Todos os textos foram catalogados por ordem cronológica, dando ênfase, também, à editoria (seções), aos gêneros, a títulos e à autoria/origem. Essa classificação foi importante, principalmente para organizar os dados quantitativos e delimitar os materiais que consideraríamos relevantes. Encontramos setenta e quatro (74) textos do gênero notícia, quatro (04) entrevistas e sete (07) artigos/opinião (ver anexo p.114). Esse panorama nos permite aventar, numa primeira constatação de nossa pré-análise, que os jornais da nossa pesquisa dão ênfase maior para o gênero notícia e uma das possíveis razões pode dever-se ao que Sant'Anna (2004, p.98) apresenta como uma construção discursiva peculiar, ou seja, “a imprensa escrita quer apresentar-se como informadora, capaz de isentar-se de julgamentos. (...) Ou seja, seu esforço é expor objetivamente os fatos recolhidos no mundo empírico e, ao mesmo tempo, participar dos processos sociais que ela quer objetivar.” E nesse sentido, os jornalistas tenderiam a ver a notícia como o “gênero³⁰” que realiza tal propósito, o que, de alguma forma, coincide com o próprio formato prescritivo do trabalho de escrita que se deve realizar textualmente.

A escolha final dos textos para a análise ocorreu após a verificação detalhada dos micro-assuntos que circulavam nas setenta e quatro (74) notícias. Selecionamos, então, dois textos

³⁰ Voltaremos à noção de gênero mais adiante ao relatarmos mais especificamente sobre as estratégias operacionais que fundamentaram esta pesquisa.

(notícias) de cada suporte jornalístico citado. Optamos por escolher quatro (04) notícias para o *corpus* dos textos integrantes do material textual coletado no primeiro mês, agosto, por representar o auge da crise desencadeada pela Operação Curupira e, conseqüentemente, por ter sido o mês de publicação de grande número de textos sobre o assunto, onze no Jornal *O Capital* e dezessete no Jornal *Diário Regional*. O quadro abaixo traz, por ordem cronológica, os títulos dos textos selecionados:

QUADRO 3 : TÍTULOS DOS TEXTOS UTILIZADOS PARA ANÁLISE

JORNAL DIÁRIO REGIONAL		JORNAL O CAPITAL	
11-08	Reflorestamento da região é aprovado pelo governo	13/14/15 - 08	Sinop é o 5 maior exportador de Mato Grosso
19-08	Madeira tem uma queda de 20% nas exportações	20/21/22 - 08	Produzir floresta é alternativa para o agricultor

Assinalamos que estes títulos serão comentados separadamente na parte introdutória das análises do *corpus*, funcionando como uma entrada de análise que depois será aprofundada no corpo do texto.

Em relação às noções operatórias propriamente ditas, fizemos uma distinção entre macro categorias operatórias: dialogismo, polifonia, gênero discursivo e micro categoria operatória: discurso relatado. Se, por um lado, a nossa primeira preocupação foi verificar a ocorrência de diálogos entre os textos e as várias vozes inscritas na materialidade lingüística, por outro, não poderíamos deixar de averiguar, de acordo com as proposições operacionais da Análise Dialógica do Discurso, as diferentes concepções de polifonia no discurso da esfera da atividade madeireira e as relações dialógicas constitutivas desse discurso na região norte mato-grossense.

Assim, ao iniciarmos a organização contextual e pré-análise dos textos, deparamos-nos com duas “vozes” recorrentes, inscritas por dois conjuntos de categorias semânticas distintas: o discurso *desenvolvimentista* e o discurso que se apresenta como *ecologicamente “correto”*. No decorrer de nossas análises, os discursos supostamente em conflito, quando confrontados no dialogismo mostrado (manifestado nas marcas lingüísticas), tenderam a mostrar um

“abafamento de vozes” que produzia (ou reproduzia) como resultado de efeito de sentido apenas um grande discurso ‘autoritário’: o desenvolvimentista.

Desse modo, para evidenciar o mascaramento de vozes manipulado por procedimentos discursivos de enunciadore-jornalistas e especificar a metodologia de análise, recorreremos às reflexões de Barros, inspiradas na polêmica entre textos monofônicos e polifônicos inaugurada por Bakhtin, para estabelecer a distinção entre dialogismo e polifonia, recurso que se mostrou extremamente importante para a seqüência das análises:

O diálogo é condição da linguagem e do discurso, mas há textos polifônicos e monofônicos, segundo as estratégias discursivas acionadas. No primeiro caso, o dos textos polifônicos, as vozes se mostram; no segundo, o dos monofônicos, elas se ocultam sob a aparência de uma única voz. Monofonia e polifonia de um discurso são, dessa forma, efeitos de sentido decorrentes de procedimentos discursivos que se utilizam em textos, por definição, dialógicos. Os textos são dialógicos porque resultam do embate de muitas vozes sociais; podem, no entanto, produzir efeitos de polifonia, quando essas vozes ou algumas delas deixam-se escutar, ou de monofonia, quando o diálogo é mascarado e uma voz, apenas, faz-se ouvir. (BARROS, 2003, p.06)

A esse respeito, ainda, a mesma autora nos esclarece questões pertinentes sobre o dialogismo constitutivo da língua em consonância com a posição bakhtiniana de signo ideológico:

No sistema de língua se imprimem historicamente as marcas ideológicas do discurso. Sabe-se que uma única língua produz discursos ideologicamente opostos, pois classes sociais diferentes utilizam um mesmo sistema lingüístico. Nesse caso, deve-se reconhecer que os traços impressos na língua, a partir do uso discursivo, criam em seu interior choques e contradições que fazem Bakhtin afirmar que em todo signo se confrontam índices de valor contraditório e que, em suma, o signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes. (ibid., p.08)

Dessa forma, as nossas análises deste trabalho partem do princípio bakhtiniano de que a língua, longe de ser neutra, é uma rede complexa (dialógica) de trocas dialéticas. Sendo assim, os grupos sociais tendem a desenvolvê-la de acordo com os valores que julgam pertinentes para as situações de produção, num jogo permanente de embates em que os elementos ora se atraem, ora são rejeitados. Nesse embate ideológico, o mundo social cria seus gêneros discursivos que são indissociáveis das esferas da atividade humana.

Especificamente, em relação à questão do gênero discursivo, deparamos-nos com uma grande diversidade de discussões contemporâneas que nortearam os rumos de nossa pesquisa, entre elas se encontram autores como Brait (2001), Sant'Anna (2004), Maingueneau (2004) e Vieira (2002/2004a). Esta 'contemporaneização' da noção de gênero é importante para procurar dar conta das atualizações das categorias englobantes dos gêneros dos discursos, das tipologias textuais e ainda das esferas da atividade em que circundam o repertório das formas de discurso.

Por assumirmos que os três elementos discursivos: o estilo, o tema e a estrutura composicional, propostos pela concepção bakhtiniana de análise do discurso, fundem-se no todo do enunciado e possibilitam verificar particularidades de gêneros orais e escritos, poderíamos, a princípio, nos basear apenas neste autor. Entretanto, considerando que Bakhtin estudou a prática languageira a partir do gênero secundário do "Romance Polifônico", e que um novo leque científico se nos apresenta nesta área com os estudos da prática languageira em situações concretas de atividades humanas, buscamos ampliar a perspectiva do gênero do discurso/atividade. Assim, concordamos com Maingueneau (2004) quando nos diz que os gêneros de discurso pertencem a diversos tipos de discurso associados a vastos setores de atividade social. De acordo com este autor, ainda, distinguimos o gênero notícia (recorrente setenta e quatro (74) vezes em nossos *corpora*) como integrante do tipo de discurso jornalístico e que faz parte de um conjunto ainda mais amplo de discurso: o da imprensa escrita.

Outra grande contribuição é trazida por Vieira ao fazer a distinção entre gêneros primários e secundários retomando, dessa forma, os moldes dos conceitos bakhtinianos:

Os gêneros secundários, com sua vocação à "generalização", à tomada de distância da realidade concreta, suportam os diferentes processos de abstração, conceitualização, metadiscursividade etc. e são, de qualquer forma, a emanção dos primeiros no funcionamento e na circulação dos quais eles procedem. A relação entre gêneros primeiros e segundos é, então, de continuidade fundada na distensividade das trocas verbais que, verdadeiramente, não começam jamais e nunca se terminam sem ser uma questão de progressão do simples para o complexo tanto em um sentido como no outro. (VIEIRA, 2002, p.163)

Tal compreensão destaca que tanto os gêneros primários como os secundários são extremamente complexos; entretanto, suas formas de realização no mundo social primário, da atividade cotidiana expandida e secundária, de uma atividade institucional específica, são extremamente diferentes. É nessa correlação que Vieira (2002) utiliza a noção de gênero da atividade, que metodologicamente estaria mais afeito aos gêneros primários, e gêneros discursivos, que se aproximam mais dos secundários, entretanto aqui também sem serem mutuamente excludentes.

Tentando deslocar essas reflexões para o nosso material de pesquisa, supomos que é exatamente este processo de aproximação entre gêneros da atividade e do discurso que vemos ocorrer na esfera da atividade jornalística. Segundo Vieira & Philippsen (2007, no prelo) os fatos cotidianos complexos (primários) são captados pelo olhar dialógico/ideológico dos enunciadore-jornalistas e recolocados (gênero secundário) de acordo com as normas institucionais programadas, mas, antes de virarem um gênero discursivo “notícia”, passam pela prática de serem moldados em um “gênero da atividade desse jornalista” que participa da mediação entre os traços primários e secundários – isso tudo sem perder de vista o horizonte social que os limita, ou seja, os vincula ideologicamente a um macrogênero ‘estável’ ditado pela imprensa escrita.

Quanto à micro categoria operatória, o discurso relatado é o grande norteador de nossas análises enunciativo-discursivas e com o qual pretendemos descrever os procedimentos e as manifestações da heterogeneidade enunciativa nos diversos planos enunciativos e discursivos que constituem o trabalho do enunciador-jornalista. Por meio das marcas lingüísticas expressas pelo discurso relatado nas notícias selecionadas, iremos enfatizar não apenas o Outro³¹ presente na construção de sentidos discursivos do jornalista, como também verificaremos a ideologia constitutiva do espaço discursivo da Amazônia Legal. Maingueneau baliza esse raciocínio ao tratar da noção de formação discursiva ligada ao discurso relatado: “o sujeito que enuncia a partir de um lugar definido não cita quem deseja, como deseja, em função de seus objetivos conscientes, do público visado, etc. São as imposições ligadas a este lugar discursivo que regulam a citação.” (1997, p.86)

³¹ Tal como em Maingueneau (2005, p.34), o “Outro” aparece grafado em maiúsculo nos nossos estudos para realizar a distinção entre o outro da psicanálise lacaniana e os Outros das teorias da enunciação, da ideologia e dos discursos.

Assim, cientes da amplitude de possibilidades que o discurso citado pode nos revelar no momento da análise é preciso levar em conta as regras genéricas que regem as atualizações dos gêneros discursivos e da atividade presentes na região norte de Mato Grosso manifestas no campo da economia madeireira. Para tanto, é importante verificarmos as enunciações presentes no fio discursivo das notícias jornalísticas, considerando-se os elementos lingüísticos como possíveis e/ou necessários para estas formações discursivas de acordo com os valores circundantes da região.

Outro aspecto a ser considerado, depois da detecção do discurso relatado identificado na materialidade lingüística, é pensar sobre a “função” deste na situação específica de produção, ou seja, por que se fez necessário a inclusão de tal ou qual citação no contexto apresentado. Compreendemos que a representação fiel da “intencionalidade” discursiva é imprecisa nas relações momento de produção \times função, mas, entender as razões pelas quais o enunciador-jornalista traz vozes de outrem marcadas no texto ou neutraliza-as nas formas de apagamento/silenciamento da citação é importante para revelar os sentidos que são mobilizados no cerne dos discursos da indústria madeireira. De acordo com Sant’Anna:

Oferecer marcas da representação fiel dessa retomada das palavras do outro remetem à questão da verdade e da autoridade. (...) o traço tênue entre a confiança e a desconfiança naquilo que a imprensa escrita divulga, neutraliza-se quando o enunciador emprega, com sucesso, o discurso relatado como parte de suas estratégias para se fazer respeitar pela sociedade. O discurso que instaura uma verdade submete as opiniões, faz-nos desconfiar que talvez estivéssemos errados em nosso ponto de vista quando ele não coincide com o exposto por aquela voz autorizada e verdadeira. (SANT’ANNA, 2004, p.159)

Observamos, também, que o discurso relatado utilizado na mídia impressa tem ainda outro efeito que importa ao jornalista: “quando o enunciador cita no discurso direto a fala de alguém, não se coloca como responsável por essa fala, nem como sendo o ponto de referência de sua ancoragem na situação de enunciação” (Maingueneau, 2004, p.138), ou seja, sabe-se que o enunciador-jornalista é o responsável pela enunciação, no entanto, ele atribui ao outro a responsabilidade do dito, num eterno jogo de vozes que aparecem simultaneamente no gênero notícia.

Utilizamos, então, o discurso citado como norteador das nossas análises. Para a verificação das marcas de discurso relatado nos textos tomamos como norte geral a parte três do livro *Marxismo e filosofia da linguagem*, de Bakhtin/Voloschinov (1995), por ser este, na visão de Vieira (2004a), o introdutor, nos estudos lingüísticos, do funcionamento do discurso relatado como um operador efetivo de uma análise “sintática” do discurso. Para operacionalizar as análises tomamos por empréstimo algumas das propostas exemplificadas por Sant’Anna (2004, p.175, 177, 179, 180), especificamente: o discurso direto, o discurso indireto, o discurso segundo, o intertexto e o discurso narrativizado. A observação de cada um destes itens será investigada no *corpus* da seguinte maneira:

QUADRO 4: IDENTIFICAÇÃO DE MODALIDADES DE OCORRÊNCIA DE DISCURSO RELATADO

CATEGORIAS DE DISCURSO RELATADO	FORMAS DE APREENSÃO
discurso direto	na verificação de recursos tipográficos, tais como dois pontos, aspas, itálico, verbo <i>dicendi</i> ; marcas que atribuem o citado integralmente ao Outro; (p.175)
discurso indireto	em verbos <i>dicendi</i> + que (se, como), capazes de recuperar o ato citado do Outro no enunciado do jornalista; (p.177)
discurso segundo	nos modalizadores do tipo “segundo a, por outro lado” que correspondem a verbos de opinião, tais como: “imagina que, pretende que, afirma que”; (p.177)
Intertexto	na “marca mais atenuada da presença do discurso do Outro. Esse recurso pode estar apresentado como parte de um conjunto de informações dadas pelo enunciador-jornalista, não lhe sendo atribuído nenhum verbo de ação ou, ao contrário, cabendo-lhe uma ação que desencadeia reações”. Os recursos verificados serão números, estatísticas, conteúdos de leis e acordos; (p.179)
discurso narrativizado	na “forma mais apagada da atribuição do discurso a outro e, ao confundir-se com a idéia de “informar objetivamente”, corresponde a uma forma narrativizada máxima de um possível discurso indireto”. O enunciador-jornalista capta, modifica e apaga o dizer do Outro de forma definitiva. (p.180)

Esse último recurso, como a própria autora nos sugere, é polêmico e sua identificação nem sempre é fácil, mas é exatamente nesse ponto “do apagamento do relato” que o gênero notícia pode apresentar dados importantes para verificarmos a “tensão entre informar e opinar” e a constatação de que a linha que separa objetividade informativa e artigos opinativos é muito mais tênue do que supõe os manuais de redação.

Os dados a seguir apresentam os segmentos que as instituições jornalísticas pesquisadas utilizam, nos *corpora* selecionados, para a atribuição das **autorias/origens** como representação da legitimidade dos gêneros notícia, entrevista e opinião. É importante ressaltar aqui que, cada instituição, além das matérias assinadas por enunciadores-jornalistas da própria empresa-jornal e não-assinadas, mas identificadas como de responsabilidade da instituição, traz órgãos oficiais como origem dos enunciados exatamente para dar maior credibilidade e veracidade às informações apresentadas:

QUADRO 5: DEMONSTRATIVO DOS SEGMENTOS ENVOLVIDOS NAS AUTORIAS/ORIGENS DOS ENUNCIADOS DISCURSIVOS DOS *CORPORA* – JORNAL *O CAPITAL*

INSTITUIÇÃO: <i>O CAPITAL</i>		TOTAL DE TEXTOS: 20
AUTORIA/ORIGEM	NÚMERO DE VEZES ENCONTRADA	
1- Empresa Jornal (matérias não assinadas)	10	
2- Agência de notícia (em <i>Site</i>)	04	
3- Órgãos oficiais	04	
4- Matérias assinadas	02	

2- Agência de Notícia (em *Site*) localizados como autoria/origem: Só Notícias, 24 Horas News;

3- Órgãos oficiais apresentados nas autorias/origem: SEMA/MT, SECOM/MT, RADIOBRÁS.

Nos vinte textos selecionados do Jornal *O Capital* encontramos dez matérias não assinadas, ou seja, de responsabilidade direta da empresa jornal. Outras quatro produções aparecem como retiradas de agências de notícias em *Site* nas quais são disponibilizados, após o último parágrafo da notícia, o nome das agências de notícia. Em outros quatro textos a marca de autoria (responsável pela produção) é atribuída a órgãos oficiais: 02 da SEMA/MT, 01 da SECOM/MT e 01 da RADIOBRÁS. Nesses *corpora* selecionados localizamos apenas duas matérias assinadas por enunciadores-jornalistas.

QUADRO 6: DEMONSTRATIVO DOS SEGMENTOS ENVOLVIDOS NAS AUTORIAS/ORIGENS DOS ENUNCIADOS DISCURSIVOS DOS *CORPORA* – JORNAL *DIÁRIO REGIONAL*

INSTITUIÇÃO: <i>DIÁRIO REGIONAL</i>		TOTAL DE TEXTOS: 65
AUTORIA/ORIGEM	NÚMERO DE VEZES ENCONTRADA	
1- Empresa Jornal (matérias não assinadas)	28	
2- Agência de notícia (em Site)	00	
3- Órgãos oficiais	13	
4- Matérias assinadas	24	

3- Órgãos oficiais apresentados como autoria/origem: SEDER, MMA, CDL, IBAMA, CONAMA, AL, Câmara Municipal, Agência Brasil, CPACR, ABIMCI, SEMA/MT.

Nos *corpora* selecionados do Jornal *Diário Regional* o número de matérias assinadas por enunciadore-jornalistas é expressivo: de sessenta e cinco textos selecionados vinte e quatro têm autoria assinada, enquanto vinte e oito textos não são assinados e treze constam como de responsabilidade de órgãos oficiais: 02 do IBAMA, 02 da SEMA/MT, 01 do CONAMA, 01 da SEDER, 01 do MMA, 01 da AL, 01 da CDL, 01 da Câmara Municipal, 01 da Agência Brasil, 01 da CPACR e 01 da ABIMCI. Dessa maneira, percebe-se que não só o enunciadore-jornalista, no interior de suas produções textuais e por meio do discurso citado, utiliza-se do respaldo das vozes de “autoridades” para dar um maior efeito de verdade, certezas técnicas e legalidade dos enunciados jornalísticos como a própria instituição, por meio dos órgãos oficiais, vale-se desse recurso como efeito de pretender mostrar aos co-enunciadores leitores que a empresa não fala sozinha e nem apresenta dados ou informações sem fontes seguras, legítimas e com aval municipal, estadual ou federal. Esta constatação reiterou-se quando analisamos todos os oitenta e cinco textos coletados e quantificamos as ocorrências de discurso relatado (vozes de outrem) nas duas instituições:

QUADRO 7: QUANTITATIVO DAS PRINCIPAIS “VOZES” (DISCURSO RELATADO) RECORRENTES NOS TEXTOS DAS DUAS INSTITUIÇÕES: *O CAPITAL* E *DIÁRIO REGIONAL*

DISCURSO RELATADO	O CAPITAL	DIÁRIO REGIONAL	TOTAL
1- Instituições midiáticas oficiais	02	00	02
2- Instituições de imprensa da Região Amazônica	02	03	05
3- Políticas e governos municipais	09	22	31
4- Políticas e governo estadual	20	44	64

5- Políticas e governo federal	19	52	71
6- Projetos municipais	02	07	09
7- Projetos estaduais	04	03	07
8- Projetos federais	02	13	19
9- O setor madeireiro	25	38	63
10- O setor agrícola	05	14	19
11- O setor pecuário	02	02	04
12- Fóruns ambientais	04	06	10
13- A Operação Curupira	06	09	15
14- A Operação Ouro Verde	02	01	03
15- Instituições Sindicais e Federações	13	51	64
16- Instituições acadêmicas e de pesquisa	01	04	05
17- Instituições industriais e comerciais	13	11	24
18- Instituições de estatísticas	01	02	03
19- Instituições culturais e de artesanato	00	02	02
20- Medidas Provisórias, Portarias e Decretos	01	02	03
21- A Polícia Federal	04	10	14
22- O exército	03	01	04
23- Instituições financeiras	01	04	05
24- Instituições não-governamentais	00	01	01
25- Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST)	01	05	06
26- Instituições filantrópicas	01	00	01

Essa quantificação permitiu-nos, inicialmente, concluir que as empresas jornais e/ou os enunciadores-jornalistas ao utilizarem-se do recurso do discurso relatado, isto é, a citação explícita, marcada, da voz do Outro por meio do discurso direto, indireto, discurso segundo, intertexto (conteúdos de leis, números e estatísticas) e discurso narrativizado se valem, predominante, da voz do governo federal, dezenove (19) aparições no Jornal *O Capital* e cinquenta e duas (52) no Jornal *Diário Regional*, bem como da voz do governo estadual, vinte (20) vezes em *O Capital* e quarenta e quatro (44) em o *Diário Regional*. Este dado revelador poderia, à primeira vista, indicar, pelas lentes discursivas e ideológicas das instituições, a grande preocupação que as políticas governamentais federais e estaduais estão tendo com a região norte mato-grossense.

No entanto, as análises do *corpus* delimitado nos revelaram a afinidade entre dois discursos governamentais distintos, o ambientalista e o desenvolvimentista, que, na verdade, aparecem, na superfície do enunciado, como mediadores dos interesses capitalistas. As instituições citadas no relato discursivo dos *corpora* selecionados são o FCO, o CIN, o MDIC (federais) e a SEDER, a SICME e a CPACR (estaduais), como representantes oficiais das instituições desenvolvimentistas, já o IBAMA, o PRONATUREZA, o SISTEMA DETER, a FUNAI, o

FNDF, o INCRA (federais) e a SEMA, o CONSEMA e a LAU (estaduais), como representantes legítimos das instituições ambientalistas.

Outro dado importante, recorrente sessenta e quatro (64) vezes no discurso relatado dos textos das duas empresas jornais, *O Capital* e o *Diário Regional*, é a voz das Instituições Sindicais e Federações. Esta constatação pode ser significativa para diagnosticar o estado de crise no setor madeireiro que a região vem passando. Estas instituições, citadas na materialidade lingüística, representam o diálogo entre os interesses do capital e os das classes trabalhadoras da atividade madeireira.

Assim, a circulação temática dos meses de seleção dos *corpora*, de agosto a outubro, apresenta com freqüência na superfície discursiva as vozes das ações sindicais que vieram em defesa do trabalhador, promovendo passeatas e manifestações para que a situação fosse normalizada. Porém, mesmo a produção discursiva dando ênfase aos movimentos e instituições defensoras do empregado madeireiro, pouquíssimas vezes pode-se ouvir a voz do próprio trabalhador do setor. Suas angústias, reivindicações ou mesmo sugestões de negociação da problemática pós-curupira não puderam ser captadas pelo leitor porque esta preocupação não foi enunciada nos textos jornalísticos, ou seja, a voz do trabalhador madeireiro, silenciada nos órgãos de imprensa escrita, parecem revelar que este trabalhador não pode ser fonte de credibilidade e verdade dos fatos.

3.2 Reflexões metodológicas sobre a autoconfrontação enunciativo-discursiva

Entre as muitas reflexões sobre as diferentes esferas da atividade, destacam-se teóricos como Clot & Faïta (2000), Clot, Faïta, Fernandes & Scheller (2001), Vieira (2002), Faïta e Vieira (2003) entre outros, preocupados em compreender o movimento dialógico das interações ocorridas em situações específicas da atividade concreta. Para esses pesquisadores, os diferentes domínios da atividade constroem a realidade social através dos gêneros imediatos das trocas verbais em que, além da confrontação de diálogo dos sujeitos trabalhadores a “situação de diálogo também intervém e desenvolve estratégias e possibilidades, a partir dos gêneros da atividade e de discurso que ela detém” (Vieira, 2004a, p.137). Esta mobilização metodológica parte da visão do dialogismo da teoria bakhtiniana de que os enunciados não são sempre passíveis de uma interpretação unívoca e nem há uma relação única entre marcas lingüísticas e suas conseqüentes interpretações. Estas reflexões levaram Bakhtin a rever o

processo de interpretação verbal mobilizando as compreensões ativas e passivas como partes de um todo no ato interpretativo.

Assim, a Clínica da Atividade³², valendo-se destas noções, promove uma nova constituição da análise do trabalho. A perspectiva dialógica passa a ser objeto e princípio diretor desta abordagem, bem como passa a ser a fonte do dispositivo metodológico, “trata-se essencialmente da criação de um enquadramento em que os pares associados à pesquisa, os trabalhadores, possam protagonizar as expectativas e as condições da intervenção, pondo em movimento as maneiras de pensar coletivamente o seu trabalho” (Vieira; Faïta, 2003, p.29). Adotar essa posição conduz a acatar as noções de trocas dialógicas no âmbito do discurso e da atividade, vistas sob uma ótica interdisciplinar que envolvem vários efeitos de sentido, dentre eles da lingüística, da psicologia, da filosofia da linguagem, da ergonomia, da ergologia entre outros.

Para a nossa pesquisa, conforme assinalado anteriormente, adotamos mais especificamente o dispositivo da autoconfrontação enunciativo-discursiva observado na circulação temática de três feixes de trocas dialógicas: o prescrito institucional (rotinas, manuais e normas), a representação do enunciador-jornalista sobre o seu próprio trabalho (entrevista) e o texto jornalístico (notícia). O mecanismo de autoconfrontação sugerido em nosso trabalho de pesquisa tem como propósito confrontar o dito, isto é, a representação discursiva do trabalho do enunciador-jornalista fornecido pelas entrevistas, bem como pelas observações de relatos orais ao prescrito institucional e ao produto material do enunciado concreto, o texto noticioso.

Esse dispositivo metodológico utilizado pretende realizar uma análise dialógica das seqüências selecionadas no *corpus* para que o jornalista possa refletir sobre sua condição de trabalhador na instituição social/ideológica em que está inserido e situar-se como sujeito de um coletivo de trabalho composto também de entornos não evidentes, ou seja, na realização da ação de produzir o texto notícia, além de realizar uma tarefa de um gênero do discurso já estabilizado leva em conta a atividade subjetiva na qual mede a si mesmo e aos demais colegas de trabalho.

³² A Clínica da Atividade surge no final dos anos noventa como um desdobramento do movimento APST. Filia-se à tradição da psicologia do trabalho e inscreve-se na perspectiva da lingüística bakhtiniana do dialogismo e da psicologia vigotskyana do desenvolvimento. O foco dessa vertente teórica está na atividade humana e na análise das relações entre atividade e discurso, visando intervenções em situação de trabalho.

Portanto, é a contraposição da representação discursiva com a atividade real, realizada por uma reflexão conjunta do analista-pesquisador com os dados fornecidos pelo produtor da notícia, que pode ajudar na (re) construção de sentidos para a atividade jornalística na região norte mato-grossense e, conseqüentemente, gerar um efeito transformador dos sentidos possíveis para esta atividade. Assim, considerando-se o *movimento enunciativo* do texto (Maingueneau, 1997), objetiva-se por meio da autoconfrontação enunciativo-discursiva, também chamada clínica e que incorpora o princípio dialógico e o enfoque da teoria do desenvolvimento, não apenas ajudar na reconstrução de sentidos de circulações temáticas e significações que são reenviadas à situação de trabalho, como também verificar as interferências que o gênero notícia tem para o (re) dimensionamento e a (re) valorização/desvalorização das relações sociais e do indivíduo na Amazônia Legal.

Desta maneira, concordamos com Vieira, quando nos esclarece que:

Os princípios da autoconfrontação chamada clínica podem ser incorporados em diferentes níveis de produção e suportes discursivos, ampliando os recursos para perceber a circulação/confrontação dos sentidos da atividade. Apostamos na possibilidade de desenhos metodológicos variados e criativos (cada pesquisa e cada situação articulam seus recursos diferentemente) que façam dialogar materiais diversificados (dados de observação, entrevistas, prescritos, registros orais de atividade) porque estamos convencidos de que não é a sofisticação tecnológica do dispositivo que garante um efeito transformador da atividade, mas sim essa capacidade de escuta dialógica do pesquisador, nos diferentes planos enunciativos-discursivos que a própria atividade permite. (VIEIRA, 2002, p.181)

Ao recorrermos a esse método de autoconfrontação que utiliza a noção de dialogismo proposta pelo círculo bakhtiniano (1979/1992, 1929/92) como fonte do dispositivo metodológico também adotamos a posição de pesquisador, analista do discurso, especificada por Vieira (op. cit., p.181) que exercerá o papel de analista da atividade de trabalho, mobilizando o plano enunciativo-discursivo na recuperação das relações dialógicas na situação específica dos materiais coletados em nossa pesquisa.

A seguir, faremos a exposição do recorte dos *corpora* que compõe o desenho metodológico de nossa pesquisa com vistas à realização da autoconfrontação enunciativo-discursiva, pois, concordamos com Vieira ao afirmar que “todos os métodos de autoconfrontação que se

apóiam na atividade e utilizam o dialogismo para ajudar na reconstrução de sentido favorecem “cl clinicamente” o desenvolvimento do processo de elaboração e expressão de saberes, da experiência dos protagonistas” (2002, p.180). Dessa forma, para perceber a circulação/confrontação dos sentidos na atividade jornalística apresentaremos as trocas dialógicas entre os prescritos, a representação discursiva da atividade do jornalista nas entrevistas e os textos que veiculam as informações da atividade madeireira para os co-enunciadores-leitores no espaço geográfico de amplitude dos jornais.

3.2.1 Compendo os “prescritos” da nossa pesquisa

Nesta pesquisa, os prescritos de cada instituição são compreendidos como o nível de dados enunciativo-discursivos que correspondem a uma dimensão idealizada, o projeto discursivo, do que deveria ser o produto do trabalho do jornalista.

Nesse quesito, deparamo-nos com o que, numa primeira leitura, poderia ser compreendido como um problema de falta de “dados”, mas que para nós é extremamente significativo do ponto de vista das relações entre a atividade idealizada e o realizado. A empresa jornal *O Capital*, que possui em seu quadro de profissionais apenas uma repórter com formação acadêmica em Jornalismo, não adota nenhum material prescrito formal para as edições que entram em circulação semanalmente. A jornalista é então a responsável, juntamente com o editor, pela seleção dos textos que compõem as editorias (seções), estabelecendo as rotinas e normas internas do processo de produção.

Assim, a confrontação do prescrito institucional desta empresa jornalística pode ser apenas verificada nos transcritos da oralidade e recuperada nas relações dialógicas e na reconstrução do discurso na atividade específica deste jornal.

Quanto aos prescritos do Jornal *Diário Regional*, este também não possui um manual próprio, mas, a empresa disponibiliza aos seus jornalistas, três com formação acadêmica em Jornalismo, o *Manual de Redação e Estilo* do Jornal *O Estado de São Paulo*. Dessa maneira, este jornal diário aproxima-se mais da tipologia jornalística, em formato tablóide, dos suportes jornalísticos tradicionais do país. No entanto, como o jornal não apresenta um funcionário revisor, problemas com a grafia e a norma padrão ainda são frequentes.

Para o diálogo entre os materiais coletados em nossa pesquisa de campo, além dos dados de observação dos prescritos já citados, realizamos duas entrevistas com o intuito de ampliar as informações não apenas da representação do objeto do trabalho do jornalista, mas também para recuperar dimensões orais de um prescrito que faria parte da memória desse coletivo. No item seguinte passamos a comentar este nível enunciativo-discursivo.

3.2.2 (Re) compondo os ditos dos enunciadores-jornalistas

Quanto aos ditos dos jornalistas em entrevistas foram considerados como um nível enunciativo-discursivo que permitiria objetivar como se dá a representação pelo próprio jornalista do que seria o objeto/produto do seu trabalho. O método de escolha do entrevistado foi vinculado ao fato da prática da atividade jornalística. Desse modo, pretende-se recuperar discursivamente a heterogeneidade da circulação de sentidos em cada instituição jornalística, bem como suas diferentes implicações na troca verbal e os saberes anteriores que são incorporados nas situações de trabalho.

Apresentamos, a seguir, os motrizes dessas duas situações de mobilização de ditos dos protagonistas da atividade. Quanto às questões, elaboramos um roteiro mínimo, apresentado no quadro abaixo, que deveria ser desenvolvido. Quanto às entrevistas propriamente ditas, vamos apresentar um resumo de cada uma delas. No Jornal O Capital, entrevistamos EJ1 e no Jornal Diário Regional realizamos entrevista com EJ2, no quadro a seguir apresentamos as perguntas e respostas fornecidas pelos protagonistas citados:

QUADRO 8: QUESTÕES NORTEADORAS DAS ENTREVISTAS E RESPOSTAS FORNECIDAS PELOS ENUNCIADORES-JORNALISTAS

NÚMERO DA QUESTÃO	DESENVOLVIMENTO DA QUESTÃO	RESPOSTAS FORNECIDAS POR EJ1	RESPOSTAS FORNECIDAS POR EJ2
1	Ao redigir uma notícia quais são os métodos que você utiliza?	Os métodos para elaboração das notícias são sempre os mesmos, checamos todos os envolvidos no fato, para depois elaborarmos o texto informando à sociedade o fato acontecido. Como nosso jornal impresso é semanal, buscamos as notícias mais importantes que sejam factuais para também informar ao nosso leitor.	Os métodos dos jornais. Aqueles que o editor induz. Mas é claro que tem influência minha. Dou preferência por notícias polêmicas e procuro polemizar mais em cima. Isso porque elas têm um apelo social, acredito que este seja o melhor critério: apelo social.

2	A empresa jornalística em que você atua exige algumas normas ou técnicas que devem ser seguidas pelos jornalistas/articulistas? Quais?	Normalmente atendemos as necessidades estabelecidas pelo órgão de imprensa. No nosso caso estamos a frente da linha editorial do nosso jornal com um único objetivo, levar sempre a informação de forma coerente aos leitores de Sinop.	Sim. Usamos o manual de redação do Estado de São Paulo. Procuramos desmembrar siglas e depois escrever por extenso normas de caixa alta e baixa, exemplo: siglas com até quatro letras escrevem-se com caixa alta, acima é com caixa baixa.
3	Qual é a sua prioridade para a escolha ou seleção de uma notícia?	Geralmente a definição usual da “notícia” inclui outros atributos dos fatos ordinários, como: Atualidade, Proximidade (particularmente a geográfica), a Conseqüência (eventos que mudam ou ameaçam mudar a vida das pessoas), Interesse humano (evocando uma resposta emocional ou ilustrando uma verdade universal), Conflitual (o choque de interesses, na guerra, no esporte, na política) e a Proeminência dos atores envolvidos. Buscamos sempre atender as necessidades do nosso público alvo, classes B e C.	Escolhemos notícias que sejam de interesse coletivo e que têm apelo social. São notícias que procuram mudar para melhor a comunidade. Evitamos notícias de interesse pessoal.
4	Quais são os procedimentos que você adota para a seleção das palavras (materialidade lingüística) que serão empregadas no gênero notícia?	Os gêneros são muito mais do que um conjunto de regras, convenções e características textuais; são os modos pelos quais vemos e interpretamos o mundo, como interagimos nele e com ele. Buscamos utilizar os gêneros de conhecimento da população para assim termos o respaldo do leitor.	Procuo usar uma linguagem simples, que possa ser entendida por todos os leitores, desde um graduado até um alfabetizando. A linguagem simples não deve ser simplória ou chula.
5	A que público destina-se o <i>Jornal</i> e, em sua opinião, qual é a relação do jornalista com o leitor?	B e C. São notícias corriqueiras com interesses voltados a sociedade e região de Sinop. Com certeza ele desperta o interesse no leitor uma vez que noticia os acontecimentos local e regional. O jornalista consegue estabelecer legal esta relação de interesse no momento que transcreve as informações.	Apesar de termos a preocupação de tornar as notícias acessíveis a todos, sabemos que o público alvo do jornal impresso está nas classes A e B.
6	Você acredita que as notícias são sempre imparciais, apolíticas e verossimilhanes aos fatos apresentados?	O principal objetivo é a disputa pelo bem mais precioso do jornalismo, a credibilidade. Para isso, buscam palavras-chave como isenção, transparência, verdade, precisão, imparcialidade. Aí está o grande problema das empresas jornalísticas, e não apenas no Brasil. Não adianta volume de informação, não adianta exército de profissionais, não adianta liderança comercial sem credibilidade. E não há oportunidade melhor para tentar fixar a imagem de credibilidade do que durante as campanhas eleitorais ou ao longo das coberturas de crises políticas.	Não são. Por mais que o jornalista tente ser imparcial, aparecem ranços ideológicos no texto. É do ser humano.

Para a recuperação dialógica dos sentidos expressos nos textos e os dados observados nas atividades dos enunciadores-jornalistas, incorremos, guiados pela análise confrontativa, aos efeitos de sentido que as marcas lingüísticas nos revelam em ambas as representações

fornecidas pelas entrevistas. As respostas, ainda que convergentes em muitos pontos como a linguagem definida por eles como simples e acessível ao público alvo e notícias que devem ser de interesse coletivo, em outros aspectos revelam divergências não só no plano subjetivo, mas também no plano ideológico. Estas diferenças são apontadas por ambigüidades nas marcas ideológicas que constituem a superfície lingüística, as quais se confundem entre exigências institucionais e crenças individuais.

Assim, quando EJ1 afirma, na questão 6, que o principal objetivo do jornalismo deve ser a “credibilidade” e, em seguida, acrescenta que “não há oportunidade melhor para tentar fixar a imagem de credibilidade do que durante as campanhas eleitorais ou ao longo das coberturas de crises políticas”, a ambigüidade presente acontece no enfoque dado para a legitimação da credibilidade, ou seja, o enunciador-jornalista acredita que uma instituição de mídia impressa consegue ser “imparcial, precisa e isenta” quando o assunto é “campanha eleitoral e crise política” e que a “liderança comercial” é menos importante para a instituição do que a credibilidade.

No entanto, colocar os interesses de liderança comercial em segundo plano em detrimento da objetividade e isenção de opinião em campanhas políticas não é um cenário comum na conjuntura brasileira, menos ainda condizente com os objetivos a que se propõe qualquer instituição capitalista, ou seja, ter lucros. Nesse contexto, ser líder de mercado seria o objetivo maior.

Da mesma forma, pode-se refletir sobre a assertiva número 1 de EJ2, quando diz que o melhor critério para redigir uma notícia é o “apelo social”. O aspecto divergente que se revela aqui está na concepção da notícia, isto é, a estabilização desse gênero nos diz que ela é um relato de fatos e acontecimentos dos eventos atuais passíveis de serem veiculadas em mídia impressa ou televisiva, assim, ter “apelo social” revela uma renormalização do gênero, ou seja, trata-se do que Vieira, a partir das noções da ergologia (Schartz, 2000), chama de “renormalização parcial, uma vez que ela sempre guarda os traços de um saber formalizado anteriormente e disponível para uso, estando, de certa forma, próximo da compreensão bakhtiniana dos traços mais ou menos estáveis carregados pelos gêneros do discurso” (2002, p.108).

No entanto, diferentemente de EJ1, EJ2, na questão 1, deixa claro que o jornalismo não é imparcial e que o enunciador-jornalista deixa marcas subjetivas e de opinião mesmo nos fatos

que deveriam ser isentos de registros opinativos: “mas é claro que tem influência minha”. Por outro lado, se EJ1 não quer deixar transparecer que utiliza marcas de opinião, todavia, a ambigüidade é estabelecida, na resposta 5, quando a profissional da informação afirma que “o jornalista consegue estabelecer legal esta relação de interesse no momento que transcreve as informações”.

Todos esses sentidos recuperados no fio discursivo das questões apresentadas nos levam a concordar que, de acordo com Rossi:

Mesmo em assuntos de reduzida influência política, como é o caso de uma partida de futebol, a objetividade é quase inatingível. Afinal, não há como ignorar que 99% dos jornalistas esportivos torcem por uma determinada equipe – e seria ingenuidade acreditar que, ao vestirem a armadura de jornalistas, eles se desfaçam de suas paixões pessoais e consigam comentar uma partida de sua equipe apenas com os dedos que batem nas teclas da máquina de escrever e não com o coração, feliz ou amargurado, do torcedor vencedor ou vencido. (ROSSI, 2000, p.10-11)

Assim, por considerarmos que as notícias sempre deixam marcas de opinião e de subjetividade do enunciador-jornalista, torna-se questionável a “missão” que o *Manual de Redação e Estilo* quer propagar com a obra que já lhe rendeu mais de 500 mil unidades distribuídas não só para instituições jornalísticas, mas para quem pretende sanar dúvidas práticas sobre a língua. Apresentamos, a seguir, a transcrição da citada “missão” da instituição difusora da obra, o Jornal *O Estado de São Paulo*, que aparece antes da apresentação do manual, e destaca as seguintes objetivações:

Editar um veículo de comunicação e informação defensor da democracia, da livre iniciativa, idôneo, moderno e comprometido com o seu permanente aprimoramento. Ser inovador, oferecendo produtos e serviços de qualidade a seus leitores e anunciantes, promovendo o desenvolvimento dos seus recursos humanos e garantindo rentabilidade aos seus acionistas. Buscar constantemente o jornalismo diferenciado e investigativo, difusor de idéias pluralistas e que analise e interprete fatos isentamente e esteja sempre voltado para os interesses do cidadão. (FILHO; LOPES, 1997)

Pensar num veículo de comunicação como “formador de opinião” nos leva a refletir sobre as assertivas acima, fundamentalmente sobre algumas marcas enunciativas reveladoras da natureza da ideologia propagada pela instituição responsável pela obra. Assim, destacam-se

“rentabilidade” e “livre iniciativa” como manifestações da doutrina político-econômica neoliberal ³³, sendo esta última definição a mola mestra do poder dos indivíduos sobre o Estado e representa, nesta nova ordem política e socioeconômica, aquilo que Mészáros classifica como “uma nova *época* histórica, em contraste com as fases anteriores dos desenvolvimentos capitalistas (...) **na qual se destacam** as tendências destrutivas, hoje dominantes, de crescimento canceroso e acumulação de capital” (2004, p.15-16, grifos nossos).

Para uma melhor compreensão da natureza ideológica “neoliberal” propagada pelas sociedades modernas e da legitimação desse sistema ideológico dominante, Mészáros nos fornece as seguintes reflexões:

A verdade é que em nossas sociedades tudo está “impregnado de ideologia”, quer a percebamos, quer não. Além disso, em nossa cultura liberal-conservadora o sistema ideológico socialmente estabelecido e dominante funciona de modo a apresentar – ou desvirtuar – suas próprias regras de seletividade, preconceito, discriminação e até distorção sistemática como “normalidade”, “objetividade” e “imparcialidade científica”. (...) Naturalmente, aqueles que aceitam de modo imediato a ideologia dominante como a estrutura objetiva do discurso “racional” e “erudito” rejeitam como ilegítimas todas as tentativas de identificar os pressupostos ocultos e os valores implícitos com que está comprometida a ordem dominante. Assim, em nome da “objetividade” e da “ciência”, eles precisam desqualificar o uso de algumas categorias vitais do pensamento crítico. (ibid, p.57-58)

Desse modo, torna-se questionável uma instituição jornalística envolta pela ideologia de cunho neoliberal e, conseqüentemente, de interesses de uma pequena minoria dominante auto denominar-se “defensora da democracia”. Da mesma forma, considerar as empresas de jornais como veículos da livre expressão e comunicação de todos os cidadãos não reflete a realidade das práticas discursivas da mídia impressa que impõe barreiras e restrições sociais para os vários gêneros e tipos de discursos que as constituem, ou seja, nem toda a população está “apta” a atender às exigências impostas pelas técnicas e normas de produção das instituições de jornal por falta de escolaridade ou especialização profissional, ou ainda, por divergir

³³ O neoliberalismo representa uma tentativa de adaptar os princípios do liberalismo econômico às modernas concepções econômicas. Nesta doutrina político-econômica o Estado diminui o poder de participação na vida econômica sendo maior o poder das livres decisões individuais. Esta “ordem natural” sustentada pela escola liberal clássica prega a repressão aos sindicatos, a desativação gradual do Estado, a diminuição dos tributos, a privatização das empresas estatais. O mercado e o poder absoluto dos capitalistas, segundo essa doutrina, são os pilares para o desenvolvimento e progresso da sociedade.

ideologicamente dos propósitos da empresa. Concordamos, portanto, com a denúncia de Pinto ao afirmar que:

A chamada *liberdade de expressão* é na verdade um dos grandes mitos democráticos do nosso tempo e, para a maioria das pessoas, o acesso às formas mais prestigiosas de gêneros discursivos dá-se apenas como participantes que ocupam as posições subjetivas subordinadas, com poder de expressão muito limitado. A quantidade de gêneros de discursos que uma pessoa domina e utiliza, na sua prática de produção e/ou consumo de textos, quando o conteúdo o exige, constitui uma espécie de capital sociocultural, em tudo semelhante ao capital econômico-financeiro propriamente dito, e que condiciona o reconhecimento do seu *status* em cada evento comunicacional de que participa e (re) define sua posição dentro das escalas de poder presentes na sociedade. (PINTO, 2002, p.54 grifos do autor)

Dessa maneira, as técnicas, rotinas e procedimentos profissionais não podem ser considerados como ideologicamente neutros pelos profissionais da atividade jornalística, tampouco pelos participantes “ativos” do processo de interação, isto é, pelos co-enunciadores-leitores que têm acesso aos suportes jornalísticos. Nessa mesma posição, a que tolhe a livre expressão, encontra-se o cidadão trabalhador das atividades madeireiras que, desprestigiado socioculturalmente, normalmente com pouca escolaridade, tem sua voz desconsiderada nas marcas lingüísticas das duas instituições jornalísticas selecionadas. Outro aspecto agregado ao mito, citado por Pinto, é o que divulga que as empresas jornais têm canais interativos com a comunidade. Este procedimento é logo desmascarado ao verificarmos que os artigos e notícias passam por uma filtragem de interesse da instituição antes de serem publicados.

Nos aspectos que destacamos até agora, nesse caminho da nossa pesquisa, na confrontação entre os ditos sobre a atividade do enunciator-jornalista e as observações, prescritos e registros aos quais tivemos acesso, fica clara a complexidade entre os gêneros da atividade e os gêneros do discurso que podem ser mobilizados.

Tal complexidade se deixa entrever durante todo o processo de trabalho do protagonista da atividade para a produção do objeto texto do ponto de vista dos efeitos de sentido veiculados – seja pelos prescritos escritos, seja pelos ditos -, ou seja, não há uniformidade entre as noções de tarefa, ação e atividade. Para uma melhor compreensão da distinção entre as três noções acima citadas, Vieira (2004b) nos esclarece que a tarefa é vista como a ação que deve ser feita a partir da prescrição e a atividade como o trabalho que se realiza. Dessa forma, a falta de uniformidade que constatamos se deve fundamentalmente porque o “planificado” e o “vivido”

fazem parte de um processo dinâmico, vivo, criativo e inovador em que os trabalhadores, no nosso caso os jornalistas, deixam marcas objetivas e subjetivas de sua presença e participam ativamente das construções das situações de trabalho, ainda que limitados ao gênero “relativamente estável” da notícia jornalística e a ideologia das instituições da qual participam.

3.3 Apresentação dos textos selecionados para a análise

Buscaremos, no *corpus* selecionado, trabalhar analiticamente, do ponto de vista dialógico e crítico, as relações linguagem/mídia/trabalho/ideologia. Recorreremos, neste recorte de pesquisa, aos dois suportes jornalísticos, representantes da mídia impressa da região norte mato-grossense, que apresentamos anteriormente. Dessa forma, nossa investigação se aprofunda na busca por revelar, descrever e compreender como ocorre o processo de construção do diálogo do trabalho do jornalista nos enunciados discursivos que são disponibilizados nas notícias por ele redigidas. Concebem-se, desse modo, as esferas da atividade jornalística como produtoras de sentidos e responsáveis pela difusão e compreensão das vozes mediadoras entre as práticas discursivas de ambientalistas e desenvolvimentistas no evento ideológico social que se apresenta na região da Amazônia Legal.

Destacamos, inicialmente, que a esfera de atividade das indústrias madeireiras, assunto central dos textos coletados, é apontada como representante do projeto coletivo regional neoliberal e, hegemonicamente, o discurso desenvolvimentista é a palavra autoritária³⁴ que prevalece na recorrência marcada (heterogeneidade mostrada), enquanto as contradições tendem a ser ocultadas no ‘jogo’ que envolve os processos de poder trazidos por marcas de autoridade legitimadas.

Antes de dar continuidade às análises, apresentaremos os critérios utilizados na delimitação da noção operatória do discurso relatado que, segundo Sant’Anna, é o “constituente maior do texto jornalístico de proposta informativa, é marca constitutiva, sem a qual não se pode imaginar a existência de um certo gênero notícia” (2004, p.127). Destacamos, dessa forma,

³⁴ Se Bakthin (1995) nos afirma que *todo signo se torna uma arena onde se desenvolvem as lutas de classe* e que *a palavra é um fenômeno ideológico por excelência*, então, é nesse mesmo contexto que surge a palavra autoritária: produto de discursos ideologicamente opostos em que os traços impressos pela palavra são utilizados pelas classes sociais de acordo com seus interesses, valores e contradições.

que a opção pelo discurso relatado deve-se à praticidade que este recurso operatório tem em identificar as formas de constituição e posicionamentos do enunciador-jornalista por meio das marcas lingüísticas autorizadas por ele na enunciação e que tanto pode atribuir claramente o citado a alguém quando utiliza o discurso direto, indireto e segundo, observando a combinação de marcas de pontuação, uso de aspas e verbos *discendi*, quanto pode valer-se de estratégias mais peculiares de utilizar o dito do outro como pelo intertexto³⁵, recuperando a apresentação de números, estatísticas, dados de exportações/importações, conteúdos de leis, projetos e acordos, e pelo discurso narrativizado, recurso utilizado pelo enunciador-jornalista para apagar o dizer do outro com o propósito de confundir o co-enunciador-leitor com a idéia de “informar objetivamente”.

A reflexão sobre esse conjunto de mecanismos de que se vale o jornalista para a produção do gênero notícia é fundamental para responder a um dos objetivos de nosso trabalho: o de identificar a tensão entre informar e opinar e os sentidos mobilizados nessa prática. A escolha das notícias voltou-se para o recorte temporal que aconteceu no auge da crise da economia madeireira na região (Capítulo Um) e privilegiou textos que abordassem eventos discursivos ligados de um lado à conservação e preservação do meio ambiente e de outro à exaltação da evolução/involução econômica relacionada ao assunto atividade madeireira.

O motivo desta preferência foi evidenciar os contrastes e possíveis conflitos na organização e manifestação da heterogeneidade enunciativa constitutiva de sentidos na comunidade discursiva da região norte mato-grossense, bem como verificar, por meio da dimensão dialógica, as ideologias reveladas no viés discursivo das produções textuais jornalísticas e suas relações sócio-econômico-culturais.

Para retornarmos as reflexões sobre o trabalho do enunciador-jornalista e os sentidos mobilizados por ele nas produções discursivas que retratam a esfera de atividade das indústrias madeireiras, faremos uma breve contextualização analítica da entrada semântica que os títulos oferecem ao leitor que almeja informar-se sobre o estado de crise que acontece na região norte mato-grossense. Concordamos, assim, com Rossi que “como o título é necessariamente a primeira coisa que o leitor vai ter acesso no seu processo de leitura, sua

³⁵ Noção utilizada por Sant’Anna (2004, p.179)

importância é fundamental. Uma excelente reportagem, até com denúncias bombásticas, pode ser neutralizada por um título anódino” (2000, p.44).

Os dois textos de base enunciativo-discursiva desenvolvimentista trazem em seus enunciados:

- **Sinop é o 5º maior exportador em Mato Grosso**

- **Madeira tem uma queda de 20% nas exportações**

As palavras-chave em ambos os enunciados são representantes do mesmo campo semântico: exportador/exportações. As exportações, desse modo, representam assunto de interesse e de importância para a divulgação da notícia. Na primeira notícia, o enunciador dá ênfase maior a um espaço geográfico definido e específico, Sinop, que, no momento presente, de acordo com suas constatações, é a quinta cidade maior exportadora do Estado de Mato Grosso.

Na segunda notícia o enfoque é a madeira, é a este referente que se atribui uma queda nas exportações. Neste título, o enunciador-jornalista se vale, inclusive, de um intertexto para apresentar a notícia: 20%. Esse número, expressivo para a balança comercial das exportações, é um índice de que há algo errado com o produto madeira utilizado para negócios internacionais, a economia apresenta “desaquecimento” no setor. Para introduzir a idéia da diminuição de lucros e chamar a atenção do co-enunciador-leitor para o estado negativo na economia, o jornalista antecipa a temática que será abordada no texto por um pré-título, “chapéu” da matéria, com a ênfase “reflexos da crise”. Assim, o leitor do texto, além de ser informado de que há uma crise, constata, já no título, as conseqüências que o rastro da crise está ocasionando, ou seja, a diminuição nas exportações da madeira.

Envolto por essas expectativas, o leitor se deixa levar pelos efeitos de sentido veiculados pelos enunciadores-jornalistas do discurso desenvolvimentista. As estratégias do discurso relatado marcado são, desse modo, recursos importantes de que se valem os jornalistas para levar o enunciador-leitor a confiar na verdade dos fatos apresentados e legitimar o discurso ideológico-político predominante na esfera da atividade madeireira. É essa mesma constatação que nos leva, ainda, a aventar a hegemonia do discurso desenvolvimentista considerando-o como o discurso autoritário que abafa as vozes dos percursos em conflito e que torna este discurso cristalizado, a única verdade e possibilidade para a região norte de

Mato Grosso: o desenvolvimento capitalista em detrimento das florestas. A hegemonia desse discurso revela que as “vozes” de autoridade, estrategicamente resgatadas pelos enunciadore-jornalistas, reforçam a predominância do crescimento econômico por meio da atividade extrativa.

Dando seqüência ao nosso desenho de análise, verificaremos, também, os efeitos de sentido disponibilizados nas marcas lingüísticas dos títulos dos textos bases dos discursos ambientalistas.

*** Reflorestamento da região é aprovado pelo governo**

*** Produzir floresta é alternativa para o agricultor**

O assunto principal apresentado nos dois títulos é reflorestamento/produzir floresta. No entanto, os assuntos apontam divergências já na apresentação dos títulos, ou seja, se o discurso ambientalista pretende vir em ‘defesa’ do meio ambiente, e esta é a base discursiva ideologicamente produzida, aceita e legitimada para este discurso, então, é intrigante constatar que o governo precisa ‘aprovar’ o reflorestamento, não sendo, portanto, apenas uma escolha do proprietário das terras e residente neste espaço geográfico. Outro ponto que se deixa entrever no título é que a região tem problemas com a base florestal, ou seja, necessita ser reflorestada e, para tanto, recebeu aprovação do governo.

No segundo título, o verbo ser, no presente do indicativo, afirma que a alternativa para o agricultor está na produção de florestas. Desta forma, o enunciador-jornalista deixa claro que o agricultor precisa de uma alternativa, ou seja, há um indício de que a atividade agrícola não vai bem e precisa de mudanças, mas a alternativa mantém-se restrita ao campo econômico da indústria madeireira. Se lembrarmos as tentativas das primeiras famílias de sulistas que chegaram à região para fazer pequenas plantações agrícolas (café, mandioca etc.), que comentamos no Capítulo Um, e que não foram incentivadas, podemos dizer que esse tipo de discurso, de uma agricultura de subsistência ou de pequenos produtores, ou seja, uma outra opção de construção de um projeto discursivo vem sendo constantemente apagada pelos textos que circulam na mídia.

As evidências que encontramos na leitura analítica dos títulos apresentados nos dois jornais refletem que a escolha do título é o ponto de entrada para a interação com o gênero notícia, isto é, é o referente que chamará ou não a atenção do leitor. Outros aspectos que fazem parte desse processo são os critérios que enunciadore-jornalistas ou editores-chefes usam para a escolha dos mesmos, bem como os filtros pelos quais passam o material produzido, ou seja, se são de natureza política, jornalística ou somente gráfica.

Apresentaremos, a seguir, quadros em que localizamos os fragmentos da fala de outrem e que representam parágrafos dos textos do *corpus* composto por quatro notícias (ver anexos p. 123-124 - 125 e 126), duas de cada empresa-jornal, para tecermos novas reflexões. A ênfase na voz do Outro será destacada em negrito, sendo, portanto, os grifos de nossa autoria. Apontaremos, também, os seguintes indicadores de incidência do discurso relatado: os fragmentos de texto, nos quais o jornalista utiliza essa noção operatória; a voz de outrem, ou seja, a quem o produtor da notícia recorre para dar autenticidade e veracidade ao seu texto; as formas de discurso relatado visualizadas nos fragmentos, de acordo com a seguinte seqüência – (1) discurso direto, (2) discurso indireto, (3) discurso segundo, (4) intertexto e (5) discurso narrativizado; as marcas tipográficas por meio de recurso das aspas e o verbo *discendi* (v.) indicador da ação, podendo haver exceções no mecanismo do intertexto, quando não lhe é atribuído nenhuma ação, mas é apresentado desencadeando reações (d.r.).

3.3.1 Textos selecionados do Jornal *O Capital*

Apresentaremos, a seguir, os dois textos selecionados do Jornal *O Capital*. A análise dos fragmentos dos textos será acompanhada da numeração da ordem de apresentação dos mesmos (T1, T2) e ainda da seqüência textual original produzida pelos jornalistas (F1, F2, F3....).

3.3.1.1 JORNAL *O CAPITAL* – TEXTO 1

Ed. 585 Editoria³⁶: Geral, p.04 **Data:** 13/14/15-08

Gênero: notícia

Base de análise enunciativo-discursiva: **discurso desenvolvimentista**

³⁶ Editoria refere-se ao conteúdo editorial que o jornal divide em temas, apresentando um ou mais assuntos ligados a esse tema. As editorias que selecionamos em *O Capital* foram: Geral, Notícias do Campo, Matéria Especial, Cidade Alerta e Opinião.

QUADRO 09: TÍTULO: SINOP É O 5º MAIOR EXPORTADOR DE MATO GROSSO

Fragmentos (F) do Texto 1 (T1)	Voz do Outro	Formas de Discurso Relatado
T1F1 - Sinop é o quinto maior exportador de produtos de Mato Grosso com um volume de negócios em 2004 que chegou a US\$ 55 milhões . O crescimento em relação a 2003 foi de 44% que representou US\$ 38 milhões . Os dados são do Ministério da Indústria e Comércio/Secretaria de Comércio Exterior.	Sinop é quinto maior exportado... O crescimento... Os dados...	(4)Intertexto d.r. v. representar d.r.
T1F2 - Este ano as exportações de compensados estão em queda devido aos problemas cambiais e também foram afetadas pelo mercado internacional, uma vez que o Brasil sofre forte concorrência da China, que compra o produto bruto, beneficia e revende.	(apagamento)	(5)Discurso Narrativizado v. sofrer/comprar/beneficiar/revender
T1F3 - “Eles estão subsidiando a moeda deles em relação a paridade com o dólar e com isso os chineses têm entrado no mercado com preço muito mais acessível do que o da nossa região”, avaliou o presidente do Sindicato das Indústrias Madeireiras do Norte, Jaldes Langer .	O presidente do Sindicato das Indústrias Madeireiras do Norte, Jaldes Langer	(1)Discurso Direto Uso de aspas v. avaliar
T1F4 - Os madeireiros também acabaram diminuindo o volume de vendas, nos últimos meses, devido as mudanças no Ibama em Mato Grosso, após a Operação Curupira, que resultou na suspensão de guias de transporte de madeira, que acabaram atrasando o embarque de compensado para o exterior.	Os madeireiros	(5)Discurso Narrativizado v.acabar diminuindo/acabar atrasando
T1F5 - Há também indústrias com dificuldades para atender novas exigências do órgão para conseguir documentação.	Indústrias com dificuldades	(5)Discurso narrativizado v. atender/conseguir
T1F6 - Em Mato Grosso, de acordo com o balanço das exportações de 2004 , Rondonópolis é o campeão.	O balanço das exportações de 2004	(4)Intertexto d.r.
T1F7 - Só Notícias apurou que o município exportou, ano passado, US\$ 806 milhões. A soja e o algodão são os responsáveis pelo aumento no volume de negócios.	Só Notícias	(2)Discurso indireto v. apurar
T1F8 - A suinocultura e agricultura proporcionaram a Nova Mutum o maior crescimento estadual com 1.200% . Sorriso 186% e, Lucas, 40% .	O maior crescimento estadual ...	(4)Intertexto d.r.

O texto acima foi selecionado dos *corpora* do Jornal *O Capital* e tem como identificação de autoria, logo abaixo do título, o *site Só Notícias*³⁷, sendo, portanto, a atribuição da responsabilidade da notícia feita à própria instituição jornalística. Esse fato pode justificar a extrema cautela na escolha dos elementos identificadores da notícia, ou seja, o redator estrategicamente organiza a indicação do responsável pelo citado ou o seu apagamento para

³⁷ O *Site Só Notícias* é uma das empresas midiáticas mantidas pelo Grupo Capital de Telecomunicações, responsável também pela instituição jornalística *O Capital*.

criar o efeito de isenção de opinião e, ao mesmo tempo, mostrar a veracidade dos fatos apresentados por meio dos aparatos legais, números, estatísticas e dados de exportações que o jornalista revela serem do Ministério da Indústria e Comércio/Secretaria de Comércio Exterior.

Assim, durante todo o entrelace textual há uma mistura entre o recurso do intertexto (T1F1 – T1F6 – T1F8) e o discurso narrativizado (T1F2 – T1F4 – T1F5) que situam o texto no gênero informativo, passando ao co-enunciador-leitor a impressão máxima de objetividade e de precisão dos fatos apresentados, pois o recurso numérico utilizado tem o intuito de não apresentar dúvidas de que Sinop é a quinta maior exportadora do Estado de Mato Grosso.

Para exaltar ainda mais o *ranking* atingido pela cidade mato-grossense, o jornalista revela o montante financeiro resultante do “volume de negócios” ocorrido em 2004 e o crescimento percentual que as altas cifras em dólar trouxeram para o pólo da região norte de Mato Grosso. Dessa forma, o leitor, extasiado com o desempenho positivo do mercado e os altos lucros que não têm destino certo, isto é, não consta na notícia quem são os beneficiados com o excedente numérico das exportações, é levado, em seguida, a se inteirar de um novo cenário político-econômico que ameaça a hegemonia da venda de madeira para o exterior, ou seja, o enunciador-jornalista informa que “este ano as exportações de compensados estão em queda devido aos problemas cambiais e também foram afetadas pelo mercado internacional”.

Esse quadro, exaltado em T1F2 pelo jornalista e com a fonte da informação apagada, é ressaltado pelo verbo *discendi* “sofrer” que enfatiza o desencadear das reações comprar/beneficiar/revender, ou seja, o Brasil é apresentado como vítima da concorrência internacional imposta pelo mercado da China, com o qual a economia brasileira está em desvantagem tanto por “problemas cambiais” quanto pelo “preço muito mais acessível que o da nossa região”, justificativa, segundo o jornalista, apresentada pelo presidente do Sindicato das Indústrias Madeireiras do Norte e disponibilizada em discurso direto no fragmento T1F3. Assim, após o suspense da voz citante apagada em T1F2, em T1F3 o enunciador-jornalista traz uma citação direta para autorizar o relato e apresentar os fatos da crise atual nas exportações, é, desse modo, estrategicamente apresentado ao leitor os motivos pela redução das exportações para não restar dúvida que o mercado internacional é um dos vilões da involução do volume de negócios e, conseqüentemente, dos lucros dos capitalistas da região norte mato-grossense.

Em T1F4 e T1F5 o recurso do discurso narrativizado é utilizado para apontar duas outras conseqüências para o quadro de defasagem comercial nas exportações acima citado: a diminuição do volume de vendas pelos madeireiros e a dificuldade de adaptação das indústrias às novas exigências do Ibama para a regulamentação dos documentos solicitados. Desse modo, sem apresentar as fontes do citado, isto é, se são os madeireiros e as indústrias que fornecem ao jornalista essas informações ou se ele as obtém por outras fontes, o fio discursivo passa a apontar um outro fator como responsável pela crise na diminuição do volume de negócios: a burocracia do Ibama que adotou a medida de “suspensão de guias de transporte de madeira”, medida esta que foi adotada logo após a deflagração da Operação Curupira.

Após a apresentação do estado de crise ao leitor, o enunciador jornalista volta a enaltecer os números oferecidos pelo “balanço das exportações” em T1F7 e T1F8. O primeiro com um discurso indireto, para dar mostras de que os números foram “apurados” por “*Só Notícias*”, ou seja, não são números desprovidos de pesquisa científica, são amparadas por fontes seguras as altas cifras que enchem os olhos dos “responsáveis pelo aumento no volume dos negócios”. Do mesmo modo, despertam a cobiça dos capitalistas que promovem “o maior crescimento estadual”, segundo os números apresentados pelo intertexto em T1F8, e que movem o desmatamento acelerado para a plantação da “soja” e do “algodão”, bem como das queimadas que provocam a poluição ambiental e do esgotamento das fontes de água que são interrompidas para a preparação do solo, relato esse, aliás, esquecido de ser citado pelo enunciador-jornalista ao dar ênfase às estatísticas de crescimento e volume de negócios.

3.3.1.2 JORNAL O CAPITAL – TEXTO 2

Ed. 588 Editoria: Notícias do Campo, p.13 **Data:** 20/21/22-08
Base de análise enunciativo-discursiva: **discurso ambientalista**

QUADRO 10: TÍTULO: PRODUZIR FLORESTA É ALTERNATIVA PARA O AGRICULTOR

Fragmentos (F) do Texto 2 (T2)	Voz do Outro	Formas de Discurso Relatado
T2F1 - “Está faltando madeira no mercado. Os preços estão subindo, o mercado está atrativo”,	O engenheiro florestal Sebastião Renato	(1)Discurso direto Uso de aspas

afirma o engenheiro florestal Sebastião Renato Valverde, um dos palestrantes da Bienal dos Negócios da Agricultura.	Valverde	v. afirmar
T2F2 - Doutor em Economia Florestal pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), Valverde coordena cursos sobre gestão ambiental e de formulação de políticas florestais. O título da palestra dele encerra os principais questionamentos de quem ainda vê o plantio de árvores como uma atividade dispendiosa e com pouco retorno	Valverde/ O título da palestra dele	(5)Discurso narrativizado v. coordenar/encerrar
T2F3 - “Reflorestamento é uma alternativa viável? Tem mercado? Tem renda?” “Vale a pena plantar floresta”, assegura o palestrante.	O palestrante Valverde	(1)Discurso direto Uso de aspas v. assegurar
T2F4 - “Você vende por R\$100 o metro cúbico de eucalipto e não encontra mogno por menos de R\$400”, compara Valverde.	Valverde	(1)Discurso direto Uso de aspas v. comparar
T2F5 - “Do ponto de vista social e ambiental, tem muito mais vantagens. Gera muito mais emprego do que o desmatamento”, conclui o engenheiro florestal.	O engenheiro Florestal Valverde	(1)Discurso direto Uso de aspas v. concluir
T2F6 - Segundo ele , a hora é propícia para investimentos.	Segundo ele (Valverde)	(3)Discurso segundo ³⁸ EO
T2F7 - No Sul e Sudeste do País, as indústrias têm aumentado muito a produção de celulose e papel sem dar a contrapartida necessária na área no plantio – é o alerta sobre o “apagão florestal”	As indústrias	(5)Discurso narrativizado v. ter aumentado
T2F8 - “Ele pode diversificar, diminuir riscos”, garante Valverde (grifos nossos).	Valverde	(1)Discurso direto Uso de aspas v. garantir
T2F9 – Pela legislação , 80% da propriedade localizada em região de floresta amazônica e 35% daquela no cerrado devem ser preservados.	Pela legislação	(4)Intertexto d. r.
T2F10 - No entanto, para crescer, o mercado precisa de ajustes importantes como o incentivo à produção. É o que explica o superintendente executivo do Fórum Nacional das Atividades de Base Florestal, Fernando Castanheira , outro palestrante da Bienal.	O superintendente executivo do Fórum Nacional das Atividades de Base Florestal, Fernando Castanheira	(2)Discurso indireto v. explicar
T2F11 - “A questão institucional ainda é falha”, diz ele.	Ele (Fernando Castanheira)	(1)Discurso direto Uso de aspas v. dizer
T2F12 - “Tem que haver uma mudança dessa mentalidade imediatista. O investimento em capital é de médio prazo mas o retorno é muito grande”, afirma Castanheira (grifos nossos).	Castanheira	(1)Discurso direto Uso de aspas v. afirmar
T2F13 - “O país fica embaixo de neve metade do ano e exporta dez vezes mais que o Brasil”, diz o superintendente (grifos nossos).	O superintendente	(1)Discurso direto Uso de aspas v. dizer

³⁸ O discurso segundo, tal como apresentado por Sant’Anna (2004, p.177) é um recurso utilizado para identificar a personalização da “experiência de um indivíduo”, dessa forma, é comum visualizar a expressão de opinião (EO) por meio da *modalização em discurso segundo* “segundo...” que se localiza entre o discurso direto e o indireto.

O segundo texto selecionado como integrante do *corpus*, editado pelo Jornal *O Capital*, tem como base de análise enunciativo-discursiva o discurso ambientalista e apresenta como fonte de autoria um *Site* denominado *24 Horas News*³⁹. Esta matéria, portanto, foi editada em outro *dispositivo comunicacional*, o *Site*, e transposto para o suporte de mídia impressa, o jornal citado. Este procedimento, constatado no processo analítico, deve ser levado em conta porque, de acordo com Maingueneau (2004), a identificação do dispositivo revela o modo de transporte e de recepção do enunciado, condicionando a própria constituição do texto ao modelo do gênero de discurso.

Este fator constituinte tanto do primeiro texto do *corpus*, de autoria de *Só Notícias*, quanto deste texto deve ser considerado para a reflexão das mudanças que eventualmente possam ter ocorrido no simples fato do “deslocamento midiático”, bem como para a estratégia institucional do Jornal *O Capital* de utilizar tal recurso para a editoria de suas notícias pela equipe redatora da empresa. Esse fato peculiar pode representar a isenção da instituição jornalística com os fatos divulgados atribuindo ao outro dispositivo midiático a responsabilidade pela veiculação da notícia.

A apresentação do segundo texto inicia com um discurso relatado direto, em T2F1, autorizado pelo engenheiro florestal Sebastião Renato Valverde que introduz, nos elementos enunciativos disponibilizados pelo enunciadador-jornalista, traços do discurso desenvolvimentista: “os preços estão subindo”; “o mercado está atrativo”. Essa introdução nos remete a refletir sobre o título do texto que inicia com as marcas “produzir floresta”. Tais marcas, aliadas a outras terminologias do texto: “plantar floresta”, “políticas florestais”, “alerta sobre o apagão florestal” etc., mostram-se em desajuste de sentidos, isto é, revelam que o texto que apresenta, a principiar pelo seu título, uma base discursiva ambientalista passa a exaltar explicitamente nas marcas enunciativo-discursivas a hegemonia predominante do discurso desenvolvimentista neoliberal. Dessa forma, a ideologia do capital sobressai-se nos fragmentos recortados do segundo texto em todos os ditos autorizados pelas fontes de relato.

Esse exaltar da hegemonia neoliberal aparece mesmo na exposição do discurso narrativizado, em T2F2, que atribuímos ao engenheiro florestal Valverde, quando o jornalista remete a temática de suas palestras à ação de reflorestar vista como atividade que requer poucos

³⁹ O *Site 24 Horas News* é um portal de notícias *on-line* que tem a sua sede informativa em Cuiabá – MT.

investimentos e muito “retorno” financeiro. Esse efeito de sentido justifica a entrada no título que apresenta a produção de florestas como “alternativa para o agricultor”. O intuito do enunciador-jornalista, dessa forma, passa a ser convencer o co-enunciador-leitor de que reflorestar vale a pena economicamente, ou seja, “é uma alternativa viável”, “tem mercado” e “tem renda”.

Para tanto, a estratégia constitui-se de empregar o discurso direto em grande quantidade, mais sete vezes (T2F3 – T2F4 – T2F5 – T2F8 – T2F11 – T2F12 – T2F13) por duas vezes de autoridade que primam por atividades de base florestal, o engenheiro florestal já apresentado e o superintendente executivo do Fórum Nacional das Atividades de Base Florestal, Fernando Castanheira. Esse recurso, reiterado pelo discurso segundo em T2F6 e pelo discurso indireto em T2F10, reforça o intuito persuasivo do jornalista em mostrar as vantagens do reflorestamento por meio de fontes seguras e autoridades na gestão ambiental.

Se inicialmente a apresentação das vantagens é feita em forma de questionamento, como em “reflorestamento é uma alternativa viável?”, no restante do entrelaçar discursivo o enunciador-leitor passa a ser informado sobre os lucros que poderá obter caso venha a plantar árvores e, inclusive, colaborar com geração de empregos que será maior com o reflorestamento do que com a extração de árvores, segundo a citação T2F5 do engenheiro florestal. Além do mais, o discurso narrativizado, apresentado pelo jornalista em T2F7, e que não esclarece se a fonte de informação dos fatos são as indústrias de celulose e papel ou se são outras fontes, é utilizado para chamar a atenção para a falta de matéria prima caso as empresas/empresários não se preocuparem com a reposição da floresta.

Outro aspecto que justifica a preocupação esboçada pelo jornalista em encontrar uma “alternativa para o agricultor” parte da legislação, isto é, ao introduzir o recurso do intertexto, em T2F9, para autorizar a natureza da fonte não-pessoa expressa pelo conteúdo de lei da Medida Provisória 2.166-67, de 24 de agosto de 2001, que altera definitivamente a quantidade de extração permitida ao território da Amazônia Legal, o enunciador-jornalista chama a atenção para o cumprimento desse dispositivo legal e às necessárias adaptações que deverão ocorrer na esfera da atividade madeireira. Pois, dos 50% de desmate permitidos anteriormente

apenas 20% podem continuar sendo realizados legalmente, dessa forma, 80% da floresta devem continuar em pé e a saída pode estar no “plantio de árvores⁴⁰”.

Portanto, segundo o superintendente executivo, “o mercado precisa de ajustes”; “tem que haver uma mudança dessa mentalidade imediatista”. Toda essa preocupação com a ação de reflorestar, como podemos identificar pelas marcas lingüísticas expressas na superfície discursiva, revela o efeito de sentido marcado em todos os discursos de ideologia neoliberal: a livre iniciativa para investimentos, pois “o retorno é muito grande”. Ao enaltecer o propósito de encontrar “alternativas para o agricultor” o jornalista coloca em segundo plano a verdadeira vítima das ações extrativas, a floresta, que continua sendo alvo da cobiça e disputa de poder de homens “racionais”.

3.3.2 Textos Selecionados do Jornal *Diário Regional*

Na seqüência de nossa apresentação do *corpus* selecionado, retrataremos os efeitos de sentido disponibilizados pelo trabalho de produção do enunciador-jornalista nos dois textos do Jornal *Diário Regional*. Os procedimentos de análise dos fragmentos textuais permanecem os mesmos dos textos anteriores.

3.3.2.1 JORNAL DIÁRIO REGIONAL – TEXTO 3

Ed. 593 Editoria: Cotidiano, p. 05 **Data:** 19/08

Gênero: notícia

Base de análise enunciativo-discursiva: **discurso desenvolvimentista**

QUADRO 11: TÍTULO: MADEIRA TEM UMA QUEDA DE 20% NAS EXPORTAÇÕES

Fragmentos (F) do Texto 3 (T3)	Voz do Outro	Formas de Discurso relatado
--------------------------------	--------------	-----------------------------

⁴⁰ A prática do plantio de árvores é uma das alternativas apontadas pelo enunciador-jornalista, no entanto, outra prática vem sendo amplamente discutida pelas políticas de base florestal: o Manejo Florestal em Regime de Rendimento Sustentado. Essa prática foi regulamentada com a publicação do Decreto 1.282/94 e pela Portaria 048/95.

<p>T3F1 - Conforme dados apresentados no início da semana, pela Federação das Indústrias no Estado de Mato Grosso (Fiemt) e a Secretaria de Estado de Indústria, Comércio, Minas e Energia (Sicme) sobre os dados de exportação do mês de julho, a crise do setor madeireiro gerou reflexo negativo na economia do Estado.</p>	<p>Os dados de exportação do mês de julho...</p>	<p>(4)Intertexto v. gerar</p>
<p>T3F2 - “Desde a Operação Curupira, a exportação de madeira tem caído em Mato Grosso. Em junho, o valor exportado foi de mais de US\$ 17 milhões. Em julho, o valor caiu para US\$ 13 milhões. Os meses de janeiro e fevereiro são considerados os mais críticos devido às questões que interferem na produção. Percebemos que, com a crise, o mês de julho equiparou-se com esses meses”, explicou o coordenador do Centro Internacional de Negócios (CIN) da Fiemt.</p>	<p>Coordenador do Centro Internacional de Negócios (CIN) da Fiemt</p>	<p>(1)Discurso direto Uso de aspas v. explicar</p>
<p>T3F3 - Hoje, cerca de 300 empresas em Mato Grosso são exportadoras. Dessas, mais de 100 atuam no setor madeireiro. Até o ano passado, Mato Grosso era o quarto maior exportador de madeira do país.</p>	<p>Cerca de 300 empresas em Mato Grosso/ Mais de cem atuam no setor madeireiro/ O quarto maior exportador de madeira do país</p>	<p>(4)Intertexto d. r.</p>
<p>T3F4 - “A tendência é que as exportações do Estado sejam menores do que no ano passado em função das adversidades”, alerta ele.</p>	<p>Ele (o coordenador do CIN)</p>	<p>(1)Discurso direto Uso de aspas v. alertar</p>
<p>T3F5 - “No início do ano nossa expectativa era de que o crescimento fosse em torno de 10% em relação a 2004. Neste mês, registramos um aumento de mais de 34% , ou seja, bem acima das nossas expectativas. Apesar do dólar em queda, Mato Grosso tem conseguido manter os números de exportação”.</p>	<p>O coordenador</p>	<p>(1)Discurso direto Uso de aspas Apagamento⁴¹</p>
<p>T3F6 – No total, Mato Grosso exportou de janeiro a julho, US\$ 2.365.503,903, sendo que o acumulado do mês passado foi de US\$ 1.938.395,918. Grande parte desse sucesso se deve às exportações da soja (grão, farelo e óleo), que teve uma participação de 82,74% no total exportado.</p>	<p>Mato Grosso exportou de janeiro a junho... O acumulado do mês... Às exportações da soja (grão, farelo e óleo), que teve uma participação...</p>	<p>(4)Intertexto v. exportar d. r.</p>
<p>T3F7 – Em relação à importação, os adubos e fertilizantes são os primeiros da lista, com 76,60%. Em comparação ao mesmo período do ano passado, eles tiveram uma queda de 2,47%. Já o segundo colocado que é a importação de máquinas mecânicas, o resultado foi positivo, obtendo 293,83% em relação a 2004.</p>	<p>Em relação à importação... Em comparação ao mesmo período do ano passado... Já o segundo colocado que é a importação...</p>	<p>(4)Intertexto d. r. v. obter</p>

⁴¹ O jornalista/editor dessa notícia não apresenta nenhum verbo *discendi* para introduzir a voz do Outro neste fragmento que apresenta o recurso das aspas. O pressuposto da atribuição dessa voz ao coordenador do CIN deve-se ao fato de ser ele a única autoridade citada no texto e por estar na seqüência da citação atribuída a ele.

A autoria dessa notícia aparece como sendo “da redação”, não sendo, portanto, assinada diretamente por nenhum enunciador-jornalista. Esse recurso é utilizado pelos redatores de jornal quando esses não querem se apresentar como responsáveis diretos pela enunciação atribuindo, desse modo, a autoria diretamente à empresa-jornal. Este texto se difere dos demais por apresentar um pré-título, chamando o enunciador-leitor a inteirar-se dos “reflexos da crise”. Com o pressuposto de que há uma crise, o leitor lê, em seguida, no título da notícia, a informação temática da constituinte maior da crise: a queda nas exportações da madeira. É ela a grande responsável pela crise que redundará na diminuição dos lucros da balança comercial de empresas e corporações. É ela também que diminui a concentração de riquezas e reduz os ganhos dos extratores de matéria prima da madeira como produto bruto.

Este texto, como o anterior, exalta o discurso desenvolvimentista e para tanto se utiliza de dados e números intertextuais (T3F1 – T3F3 – T3F6 – T3F7) que enaltecem a grandeza do *ranking* das exportações/importações por meio de fontes que autorizam a credibilidade da apresentação dos fatos, nesse caso a Federação das Indústrias no Estado de Mato Grosso e a Secretaria de Estado de Indústria e Comércio, Minas e Energia, e o seu valor positivo para os agentes do capital no Estado de Mato Grosso. No entanto, é importante ressaltar que a apresentação do intertexto T3F1 pode ser confundida com uma subdivisão do discurso indireto por trazer a fonte da voz citada, difere-se dele apenas pela força valorativa que é dada aos “dados de exportação”, portanto à fonte não-pessoa que é a grande responsável pelo atual reflexo da crise.

A consequência imediata da queda nas exportações da madeira trouxe consigo o “reflexo negativo na economia do Estado” e, para exaltar ainda mais o estado de crise, o enunciador-jornalista se vale de um relato direto, em T3F2, do coordenador do Centro Internacional de Negócios para ressaltar a grande responsável pelo desencadear da crise: a Operação Curupira⁴². É a partir da deflagração da Operação Curupira que a crise efetivamente se instaura no norte mato-grossense e os reflexos dela se estendem pelo Estado de Mato Grosso. O mesmo coordenador é autorizado pelo jornalista a reforçar o estado de crise em T3F4 admitindo as tendências de maiores quedas nas exportações, no entanto, o mesmo recurso utilizado em T3F5, pela mesma voz de autoridade, deixa explícito no relato que, mesmo com a queda das exportações da madeira após o auge da Operação Curupira, em junho de 2005, e,

⁴² Para maiores informações sobre a Operação Curupira consultar o item 1.3 do Capítulo Um desta dissertação.

mesmo com o “dólar em queda, Mato Grosso tem conseguido manter os números de exportações”.

Para concluir o texto, o enunciador-jornalista utiliza-se de dois intertextos (T3F6 e T3F7), um que apresenta as cifras que renderam os dados de exportação, bem como o percentual dedicado ao campeão das exportações: a soja; e outro que relata o percentual dos produtos que estão no topo da lista de importações do agronegócio: adubos, fertilizantes e máquinas mecânicas. Para a apresentação desses dados a marca da presença do outro é atenuada, isto é, a fonte do conjunto de informações fornecidas pelo jornalista deixa dúvidas sobre a atribuição do dito, por exemplo, é possível deduzir entre os responsáveis pelo dito: a Fiemt/Sicme, o coordenador do CIN, empresas exportadoras que atuam no setor madeireiro ou podem ser ainda de outras fontes não discriminadas pelo autor do texto.

Assim, tanto a indicação do responsável pelo citado quanto a atenuação da marca do outro são utilizadas para criar efeitos de sentido proporcionalmente distintos, um para reforçar a veracidade dos fatos e alcançar a credibilidade do leitor e outro para confundi-lo sobre a objetividade das informações não o deixando perceber as marcas subjetivas de opinião do enunciador-jornalista reveladoras do ponto de vista ideológico e institucional.

3.3.2.2 JORNAL DIÁRIO REGIONAL – TEXTO 4

Ed. 586 Editoria: Cotidiano, p. 09 **Data:** 11/08

Gênero: notícia

Base de análise enunciativo-discursiva: **discurso ambientalista**

QUADRO 12: TÍTULO: REFLORESTAMENTO DA REGIÃO É APROVADO PELO GOVERNO

Fragmentos (F) do Texto 4 (T4)	Voz do Outro	Formas de Discurso Relatado
T4F1 – O projeto de reflorestamento apresentado pelo Comitê BR-163 deu mostras de avanço significativo na última semana.	O projeto de reflorestamento	(4)Intertexto v. dar
T4F2 – Uma viagem ao Paraná para buscar subsídios de operacionalidade já foi marcada e a Secretaria de Desenvolvimento Rural do Estado já deu o aval, confirmando a viabilidade de implantação.	A Secretaria de Desenvolvimento Rural do Estado	(5)Discurso narrativizado v. dar/confirmar
T4F3 - A proposta de plantio de eucalipto como	A proposta de	

alternativa de reflorestamento e geração de renda existe a mais de cinco anos , mas somente nos últimos meses é que a sua implantação começa a ser estudada e elaborada definitivamente.	plantio de eucalipto	(4)Intertexto v. começar
T4F4 – O presidente do Comitê, Jorge Antonio Baldo , explicou que o projeto está muito perto de ser concretizado porque agora não se trata mais de uma questão que diz respeito somente a iniciativa privada.	O presidente do Comitê, Jorge Antonio Baldo	(2)Discurso indireto v. explicar
T4F5 - “O Estado vem sendo cobrado internacionalmente pela preservação e recuperação da Amazônia”, disse ele .	Ele (Jorge Antonio Baldo)	(1)Discurso direto Uso de aspas v. dizer
T4F6 – Afirmado que , com o apoio do Governo Estadual e com as linhas de crédito que já existem, o projeto será viabilizado mais rapidamente, podendo tornar a região uma precursora em reflorestamento.	Afirmado que (Baldo)	(3)Discurso segundo v. afirmar
T4F7 – Entre os avanços do projeto, está uma viagem que será feita por uma comissão à cidade de Ivaté no Paraná, que irá visitar uma indústria que trabalha toda a cadeia produtiva do eucalipto, desde a extração da essência da folha até a produção de MDF (placa de madeira resistente à água).	Uma comissão	(5)Discurso narrativizado v. ir visitar
T4F8 - De acordo com Baldo , a intenção é buscar informações para serem apresentadas e discutidas com a sociedade. “Queremos implantar esse projeto porque vem de encontro aos problemas sociais, econômicos e ambientais que nossa região enfrenta”.	De acordo com Baldo Baldo	(3)Discurso segundo v. buscar (1)Discurso direto Uso de aspas Apagamento
T4F9 - Disse ainda que , a predominância da monocultura e a crescente mecanização das lavouras, têm gerado um grande índice de desemprego e concentração de renda.	Disse ainda que (O presidente do Comitê)	(2)Discurso indireto v. dizer
T4F10 – A proposta inicial de plantar cerca de 3% das áreas abertas na região, compreendendo de Nova Mutum até Sinop, num universo de 2,5 milhões de hectares, é mais uma alternativa de renda para a região Norte do Estado a ser viabilizada.	A proposta inicial...	(4)Intertexto v. plantar

Esse texto do Jornal *Diário Regional* tem autoria expressa, ou seja, é uma matéria assinada por uma enunciativa-jornalista de uma das sucursais⁴³ da empresa jornalística. Logo no primeiro parágrafo, T4F1, o recurso operatório utilizado é o intertexto, estratégia que será empregada mais duas vezes, em T4F3 e T4F10. O critério de introduzir uma notícia por um intertexto pode justificar-se por esse estar vinculado ao domínio das certezas técnicas e legais ou por apresentar números/ estatísticas/ acordos, o que levaria o co-enunciador-leitor desse gênero textual a estabelecer efeitos de sentido de maior credibilidade e verdade dos fatos.

⁴³ Esse termo é empregado pela jornalista Francielle Mezadri e consta nas marcas tipográficas do lado esquerdo, logo abaixo do título e após o nome da responsável pelo texto. Como a matéria noticia o projeto de reflorestamento apresentado pelo comitê da BR – 163, localizado na cidade de Sorriso – MT, pressupõe-se que a jornalista a tenha editado naquela sucursal.

Dessa forma, a jornalista, ao destacar o tema *reflorestamento* e noticiar no título a aprovação deste pelo governo, vale-se, em seguida, do recurso do intertexto para apresentar o projeto desenvolvido pelo Comitê BR-163⁴⁴ exatamente para oferecer ao leitor o sentido da importância e abrangência desse conteúdo por tratar-se não apenas de uma fonte-pessoa, mas de um documento reconhecido e aprovado para a execução da ação reflorestar. Assim, tal como Sant’Anna (2004) sugere, a enunciativa-jornalista ao utilizar-se da estratégia do intertexto em seus enunciados deixa pouco marcado o relato, porém, não se pode desconsiderar que ela teve acesso a tais fontes, ou aos documentos em si ou às pessoas que conhecem o teor dos documentos, e, assim, exponha o seu conteúdo na notícia de forma a levar o co-enunciador-leitor a aceitar que o relato tem fonte segura e o objetivo do projeto de reflorestamento tem amparo legal.

Nos fragmentos T4F2 e T4F7 a jornalista, com o intuito de aproximar-se de um texto objetivo e, portanto, dar-lhe um efeito maior de autenticidade informativa, utiliza o discurso narrativizado. Esse mecanismo ao estabelecer uma confusão da atribuição do discurso ao outro, pois não se sabe se as informações foram obtidas diretamente pela Secretaria de Desenvolvimento Rural do Estado ou por membros integrantes da comissão que efetuarão uma viagem ao Paraná ou ainda se são revelações do próprio presidente do Comitê BR - 163, polemiza o relato e dificulta a identificação da(s) fonte(s) a que teve acesso a redatora, estabelecendo-se, assim, a tensão máxima entre “informar objetivamente e opinar”.

Em T4F3 a jornalista apresenta detalhes sobre o projeto e o apresenta como “proposta de plantio de eucalipto como alternativa de reflorestamento e **geração de renda**” (grifos nossos), e conclui em T4F10 com a assertiva “é mais uma **alternativa de renda** para a região Norte do Estado a ser viabilizada”. A ênfase clara dada pela enunciativa-jornalista ao substantivo “renda” destaca-se como o propósito maior do projeto e pormenoriza e obscurece a própria temática da notícia enaltecida no título: o reflorestamento.

Desse modo, destaca-se, no fio discursivo desses enunciados relatados por projetos e documentos, o respaldo encontrado estrategicamente para a autorização do uso do discurso neoliberal, ou seja, a jornalista, em posse do conteúdo do projeto e da sua aprovação pelo

⁴⁴ O Comitê BR-163 é considerado uma entidade estatutária sem fins lucrativos e de utilidade pública municipal da cidade de Sorriso – MT, aprovado pela Lei Municipal n 482 de 24/04/1996 e pela Lei Estadual n 6.885 de 05/06/1997. Surgiu com o propósito de reivindicar, junto ao Governo Federal, a definitiva consolidação do Corredor de Integração Nacional Cuiabá – MT/Santarém – PA. (Dados disponibilizados no *Site* <http://www.comitebr163.com.br>, acessado em: 02 mai. 2006, às 21h.)

governo, tem autonomia e credibilidade para afirmar que a implantação do projeto é um fator positivo para a região, pois se trata de “mais uma alternativa de renda” e é isso que verdadeiramente interessa para a economia neoliberal propagada na região norte do estado de Mato Grosso. Essa mistura de discurso ambientalista com discurso desenvolvimentista está implícita também nos discursos diretos, T4F5 – T4F8, indireto, T4F4 – T4F9, e discurso segundo em T4F6, todos eles atribuídos ao presidente do Comitê BR – 163, Jorge Antonio Baldo. Uma das razões principais para a viabilização do projeto pelo governo e agora não mais só pela “iniciativa privada” está na cobrança internacional pela “preservação e recuperação da Amazônia”.

Esse fato faz com que o governo brasileiro encontre saída para o desenfreio desmatamento que ocorre nesta região pelos empresários madeireiros, autorizados pelos grandes proprietários de terras que querem utilizar as propriedades para a “monocultura” da soja e a “mecanização das lavouras”. A alternativa então, segundo a ideologia neoliberal que respeita as individualidades e estimula a “concentração de renda”, só poderia estar ligada à “geração de renda”, desse modo, é possível atender satisfatoriamente às exigências dos dois principais pilares desse cenário discursivo: os “ambientalistas” internacionais preocupados com a preservação e recuperação da Amazônia e os senhores capitalistas que atuam nesta região lucrando com o desmatamento.

3.4 O processo enunciativo-discursivo do conjunto de textos anteriormente particularizados

A partir da leitura atenta dos quadros anteriores, ressaltamos as recorrências empregadas pelos enunciadores-jornalistas e os possíveis efeitos de sentido que essas estratégias tendem a evocar nas interpretações dos co-enunciadores leitores. Dessa forma, se concordamos com a teoria bakhtiniana de que a realidade reflete e refrata o sujeito, então, podemos atribuir aos jornalistas um papel primordial na construção de efeitos de sentido tecidos no espaço enunciativo-discursivo da circulação das notícias impressas.

Os recursos empregados para tornar as informações ‘verossímeis, imparciais e objetivas’ tendem a dar credibilidade ao enunciador-jornalista e mesmo à instituição. Entre esses recursos o destaque evidenciado em nossas análises está na heterogeneidade mostrada, isto é, na preocupação em revelar na dimensão dialógica da linguagem impressa vozes legitimadas e autorizadas para que os textos de base informativa tenham caráter de verdade e apresentem o

modelo “ideal” de jornalismo, aquele que delimita as “informações objetivas”, sem expressão de opinião.

O jornalista, dessa forma, imbuído da ideologia institucional e da necessidade em utilizar uma competência discursiva para se revelar conhecedor de uma linguagem hermética, requerida pelo campo discursivo a que este se propõe, acredita que, garantindo a fonte como efeito da restituição exata das palavras de outrem, traz nestas marcas lugares legítimos do seu posicionamento. Desse modo, as posições enunciativas das quais se valem os enunciadores-jornalistas nos textos analisados revelam que, para tecer a rede semântica e as interações que movimentam o fio discursivo, os redatores dão preferência ao recurso do intertexto (11 vezes em T1F1 – T1F6 – T1F8 – T2F9 – T3F1 – T3F3 – T3F6 – T3F7 – T4F1 – T4F3 – T4F10) e do discurso direto (14 vezes em T1F3 – T2F1 – T2F3 – T2F4 – T2F5 – T2F8 – T2F11 – T2F12 – T2F13 – T3F2 – T3F4 – T3F5 – T4F5 – T4F8).

Os usos preferenciais desses tipos de citação revelam que as principais marcas encontradas na materialidade lingüística, e que também permitem recuperar outras vozes autorizadas pelo sujeito responsável pela produção, tendem a mobilizar fontes que se aproximam das certezas técnicas, do campo da legalidade, dos dados estatísticos com números, acordos e projetos de lei. Nesse sentido, do ponto de vista do conteúdo, ou seja, do assunto relatado, se assinalam os dados numéricos (porcentagens, colocação no *ranking* da produção, escalas...), que requerem, supostamente, que o enunciador-jornalista tenha acesso a essas informações diretamente ou por outras fontes do teor documental.

A outra estratégia do relato, o discurso direto, é o recurso preferido dos jornalistas dos suportes analisados. Uma das justificativas para a preferência do discurso direto pode estar relacionada com o que Pinto chama de *efeito de objetividade narrativa* para o qual, estrategicamente, “o enunciador se apaga deixando “os fatos falarem por si mesmos”” (2002, p.93). Dessa maneira, o jornalista apenas se responsabilizaria em transmitir as informações recebidas de outras fontes, com isenção de avaliação, objetividade e transparência para um leitor que desconhece os acontecimentos e quer tomar conhecimento dos fatos.

Portanto, para mostrar a preocupação com a verdade e estimular os efeitos de objetividade os enunciadores-jornalistas, responsáveis pelas produções textuais das notícias apresentadas acima, valem-se de vozes de autoridades para reiterar e validar as informações fornecidas no intuito de transmitir a realidade ‘objetiva’ dos eventos narrados. Assim, por exemplo, os

enunciadores dos discursos de base desenvolvimentista utilizam-se da recorrência do relato direto do coordenador do Centro Internacional de Negócios (CIN) da Fiemt (em T3F2 – T3F4 – T3F5) e do presidente do Sindicato das Indústrias Madeireiras do Norte (em T1F3).

Nos discursos de base ambientalista a recorrência é ainda maior, por exemplo, 3 vezes (T2F11 – T2F12 – T2F13) para o resgate direto da fala do superintendente executivo do Fórum Nacional das Atividades de Base Florestal, Fernando Castanheira, e 5 vezes (T2F1 – T2F3 – T2F4 – T2F5 – T2F8) para o relato do engenheiro florestal Sebastião Renato Valverde.

Essas pistas verificadas na materialidade pretendem, então, não só reconstituir os fatos apresentados no gênero notícia, mas também mostrar que as citações de autoridade reforçam a verdade e legitimidade das informações apresentadas. Esse esforço pela impessoalidade no jornalismo não é recente, e, segundo Mariani, o jornalismo passa a adotar o discurso relatado:

Sobretudo a partir das décadas de 40/50, época em que as matérias assinadas e não-assinadas começam cada vez mais a utilizar uma ‘gramática da impessoalidade’, (...) na tentativa de levar a uma demarcação das fronteiras entre ditos diferentes e, deste modo, produzindo um apagamento do locutor-jornalista, reforçar a idéia de que tanto os fatos quanto os sujeitos falam por si. As falas autonomamente reproduzidas sinalizariam, deste ponto de vista, as origens do dizer ou fontes de sentidos sobre os quais o jornal não tem controle ou responsabilidade. (MARIANI, 1998, p.189)

No entanto, a ‘aparente’ objetividade fragiliza-se quando os textos passam a ser analisados no todo do tecido discursivo. No entremeio das marcas de autoridade e dos dados estatísticos revela-se um enunciador-jornalista que pincela mesclas de opinião e, nas escolhas sintáticas, permeia sutilezas que refletem o encaminhamento semântico do processo discursivo. O discurso narrativizado, que aparece 07 vezes (T4F2 – T4F7 – T1F2 – T1F4 – T1F5 – T2F2 – T2F7) no corpo enunciativo-discursivo, é um exemplo característico da transformação do dizer do Outro, da identificação do discurso do Outro ou ainda do completo apagamento deste Outro. Essa atenuação da presença do Outro não só se confunde com o “informar objetivamente”, como também confunde o co-enunciador leitor sobre as origens dos dados informados. A estratégia do uso do discurso narrativizado, dessa forma, pode ser considerada como uma mescla de apagamento da voz autorizada que se confunde com a ‘impessoalidade’ do discurso do jornalista.

Se no discurso narrativizado a fonte do relato é atenuada e a construção do simulacro do Outro se confunde no discurso do enunciador-jornalista é possível, assim, constatar nessa constituição da dinâmica discursiva que há uma constante tensão entre informar objetivamente e opinar. Isso decorre, fundamentalmente, porque:

O sujeito enunciador produz um efeito de distanciamento – o jornalista projeta a imagem de um observador imparcial – e marca uma diferença com relação ao que é falado, podendo, desta forma, formular juízos de valor, emitir opiniões etc., justamente porque não se ‘envolveu’ com a questão. (ibid, p.60)

Do nosso ponto de vista e de acordo com as marcas enunciativas reveladas nas análises, a proposta político-econômica dominante da região norte mato-grossense associa-se ao projeto do desenvolvimento, aquele que se preocupa com cifrões altos no saldo da balança comercial, com a posição ou *ranking* das cidades e municípios nas exportações, com o aumento da produtividade e com a expansão da devastação das florestas.

3.5 Quando o polifônico é mascarado sob a aparência de uma única voz

Para a última parte deste capítulo deixamos as considerações que nos foram apontadas pela materialidade lingüística da nossa escolha de textos. Ressaltamos que ao nos decidirmos pelo recorte de pesquisa o nosso primeiro intuito foi separar textos nos quais se deixassem entrever muitas vozes e, por conseqüência, que fossem o resultado do embate de vozes sociais; assim, mantendo como o eixo analítico de fundo de nossa pesquisa a concepção bakhtiniana das relações dialógicas, buscamos operacionalizar a análise utilizando-nos dos moldes semânticos sugeridos por Maingueneau (2005). Elegemos, então, a semântica dos discursos como responsável pela polêmica contínua entre os espaços discursivos e procuramos o Outro negativamente no interior do fechamento semântico do Mesmo sob a forma de “simulacro” que dele constrói.

Com esta preocupação, relacionamos inicialmente as principais vozes do discurso relatado recorrentes nos textos das duas instituições jornalísticas: Jornal *Diário Regional* e *O Capital*. Este primeiro contato nos revelou, pelas principais marcas de heterogeneidade apresentadas, as bases de análise enunciativo-discursivas ‘discordantes’ entre si na conjuntura sócio-econômico-social. Dessa forma, escolhemos dois textos de cada instituição em que os

enunciados discursivos se mostrassem polifônicos, ou seja, que revelassem um percurso de vozes em conflito.

No entanto, ao nos debruçarmos sobre a produção discursiva recortada e sobre o diálogo interdiscursivo revelador da heterogeneidade mostrada, percebemos, nos textos do *corpus* de base enunciativo-discursiva ambientalista (3.3.1.2 e 3.3.2.2), que o discurso corrente e ideologicamente legitimado para as condições e fatores que abrangem o meio ambiente se revelava mesclado por vozes autorizadas pelo jornalista, nas marcas discursivas, de um posicionamento ideológico liberal do discurso capitalista, isto é, as bases enunciativas de ambos os discursos, ambientalista e desenvolvimentista, são tão somente discursos mediadores da ideologia neoliberal.

As vozes em conflito, as contradições e restrições são, portanto, ocultadas sob a aparência da hegemonia do discurso de ideologia capitalista (neoliberal) e cristalizada como verdade única, aceita e legitimada. Dessa forma, os conceitos mais comuns sobre o meio ambiente, enaltecidos por Gonçalves e Pomar por meio de definições, como: “a natureza deve ser vista em seu conjunto como a ‘herança da humanidade’ que precisa ser mantida e manejada para garantir a qualidade de vida para hoje e para o futuro” (2001, p.30) são resgatados na superfície lingüística apenas com o intuito de promover ações desenvolvimentistas que visam buscar alternativas para a exploração do meio ambiente, ou seja, com o esgotamento da extração e retirada de matéria prima novos investimentos devem ser pensados para diversificar e ajustar o mercado.

As marcas lingüísticas encontradas em nossos textos apontaram também que a construção discursiva está ainda muito próxima dos primeiros projetos desenvolvidos na década de 70 pelos militares na Amazônia, isto é, aqueles que pregavam o binômio “Segurança e Desenvolvimento” como projeção de Poder Nacional no mundo e necessidade de integração nacional. Nesse sentido, concordamos com Picoli que:

Utilizando-se do poder capitalista, que é inerente a todo o processo de acumulação de capitais, os grupos organizados se beneficiam da natureza, bem como do conhecimento sobre ela, na Amazônia. Além de destruir o conhecimento existente ou detê-lo para si, têm a sua disposição leis protecionistas. (PICOLI, 2004a, p.81)

É esse discurso que se deixa entrever nos ditos enunciativo-discursivos de nossos enunciadores-jornalistas. Há disparidade entre o discurso corrente sobre proteção e conservação ambiental, ou seja, o pretense discurso de defender o ambiente ecologicamente saudável, equilibrado e de uso comum dá lugar ao discurso autoritário e hegemônico do capital. A constatação dessa “realidade” se dá no estabelecimento do efeito de sentido de discurso incontestável e único do capital, autoridade absoluta e reveladora da monofonia mascarada do poder político e econômico.

Entre os assuntos e as terminologias resgatadas dos fragmentos de base enunciativo-discursiva ambientalista temos: “a Secretaria de Desenvolvimento rural do Estado já deu o aval”, “geração de renda”, “não se trata mais de uma questão que diz respeito somente a iniciativa privada”, “problemas sociais econômicos e ambientais”, “os preços estão subindo, o mercado está atrativo”, “pouco retorno”, “renda”, “vantagens”, “investimentos”, “crescer”, “o mercado precisa de ajustes importantes como o incentivo à produção” etc. Portanto, toda a ideologia da base do discurso capitalista também se evidencia nas marcas enunciativo-discursivas do discurso ambientalista e o “mercado” acaba sendo a palavra de ordem nesse discurso que ‘deveria’ ser o da proteção e o das ‘alternativas’ de manejo e sustentabilidade.

Outro fator importante a ser observado é a mudança de comportamento das políticas públicas e ambientais. Por exemplo, as mudanças que estão sendo efetuadas nos decretos e resoluções na legislação brasileira. Entre elas a MP 2.166-67, que diminui a quantidade de exploração e extração permitida legalmente na Amazônia Legal. Essa ‘suposta’ preocupação com o meio ambiente, movida fundamentalmente por pressões internacionais e interesses políticos que vêm na Amazônia a possibilidade de lucrar com a biodiversidade, faz com que o poder público viabilize alternativas voltadas para os interesses mercantis. O próprio presidente do Comitê BR-163 no fragmento T4F5 alerta que: “o Estado vem sendo cobrado internacionalmente pela preservação e recuperação da Amazônia”.

Assinalamos ainda que, ao mesmo tempo em que são apresentadas mudanças legislativas para as práticas de conservação ambiental, o órgão maior de proteção ao meio ambiente e aos recursos naturais renováveis, o Ibama, é retratado pela imprensa em geral como o grande vilão da crise instaurada no norte de Mato Grosso, ou seja, a instituição que deveria zelar pelos recursos da natureza e exigir o cumprimento dos novos decretos legais é apontada como a mentora de um grande esquema de corrupção, denominado “máfia verde”. Esses efeitos de

sentido veiculados pela mídia, numa estratégia de espetacularização, se estendem pela Amazônia Legal e ao resto do país, servindo igualmente aos propósitos do capital porque desqualificam a autoridade e a legitimidade deste órgão ambiental em todos os seus espaços de atuação.

Dessa forma, toda a rede dialógica de sentido que se mobiliza: seja descrevendo a crise, seja apontando as medidas que estão sendo tomadas, seja criticando este ou aquele aspecto do contexto por nós estudado, continua reforçando positivamente o discurso do desenvolvimento, até mesmo quando mobiliza as vozes que defendem a regulamentação do “Manejo Florestal em Regime de Rendimento Sustentado” e que pretende diminuir o ataque veloz e agressivo à biosfera. Entre as muitas críticas tecidas para o descaso e descompromisso efetivo das políticas públicas para com o ambiente, destacamos o exemplo de Smeraldi ao denunciar que: “O governo anuncia planos antidesmatamento para a Amazônia, mas a derrubada de árvores aumenta” (2005, p.76). A falta de sustentabilidade no uso dos recursos naturais é um problema que vem sendo levantado por estudiosos, em uma perspectiva crítica, a exemplo da “denúncia” de Picoli ao alertar que:

O processo de colonização da região entre o Estado e o capital, em nenhum momento preocupou-se em utilizar os recursos naturais de forma sustentável. Esta também é a situação dos países do Terceiro Mundo, mas principalmente das comunidades mais afastadas, que estão sendo agredidas e exterminadas juntamente com os ecossistemas que orientam e determinam suas vidas. (PICOLI, 2004a, p.80)

Como já constatamos, o discurso hegemônico desenvolvimentista aparece na rede dialógica constituída pelos textos que estudamos, e que são representativos dos efeitos de sentido que circulam na mídia impressa, como a identidade regional idealizada, a temática suprema e absoluta desta região norte mato-grossense. A crise econômica e social pela qual a região se encontra neste momento de sua curta história de ocupação, movida pelos moldes capitalistas, é o reflexo dos abusos de poder, da corrupção, dos desvios de verba e das vantagens que as empresas madeireiras e instituições ambientais tiravam da extração ilegal da madeira.

O cenário de crise regional atual, portanto, é o resultado de uma construção progressiva dos processos sociais que contextualizamos historicamente no Capítulo Um, os quais demonstraram que as opções por projetos ideológicos capitalistas na região norte de Mato

Grosso tiveram início desde o período de acesso às terras, bem como revelaram políticas públicas preocupadas com projetos de expansão do domínio geográfico privado e, conseqüentemente, voltadas para a problemática do progresso econômico em detrimento do social.

Dessa maneira, o extremo do discurso de base desenvolvimentista, retratado nos dois textos (3.3.1.1 e 3.3.2.1) analisados, mostra a grande preocupação com a perda do filão de mercado que multiplicava lucros e enaltecia altas cifras no montante financeiro, revelados pelos dados que as formas de discurso relatado nos mostraram em: “um volume de negócios em 2004 que chegou a US\$ 55 milhões”, “o crescimento em relação a 2003 foi de 44% que representou US\$ 38 milhões”, “o município exportou, no ano passado, US\$ 806 milhões”, “o maior crescimento estadual com 1.200%.”, “em junho, o valor exportado foi de mais de US\$ 17 milhões”, “hoje, cerca de 300 empresas em Mato Grosso são exportadoras”, “no início do ano nossa expectativa era de que o crescimento fosse em torno de 10% em relação a 2004. Neste mês, registramos um aumento de mais de 34%, ou seja, bem acima de nossas expectativas”.

Dentre todas essas formulações espetaculares, o ápice de um efeito de sentido que demonstra uma concordância avaliativa quanto a valorização das altas cifras, mostradas com orgulho pela voz capitalista, autorizada pelo intertexto no fragmento textual, emana nesta passagem: “No total, Mato Grosso exportou de janeiro a julho, US\$ 2.365.503,903, sendo que o acumulado do mês passado foi de US\$ 1.938.395,918. Grande parte desse sucesso se deve às exportações da soja (grão, farelo e óleo), que teve uma participação de 82,74% no total exportado.” Tal efeito é conseguido pelo uso da adjetivação positiva trazida pela palavra “sucesso”.

Toda esta espetacularização numérica que os enunciadores-jornalistas fazem ao escolher os elementos enunciativo-discursivos utilizados nas suas produções se deve a um propósito maior: mostrar que após a Operação Curupira houve queda nas exportações, ou seja, no mês seguinte à deflagração os valores caem de “R\$ 17 milhões” para “R\$ 13 milhões” e, ainda, de acordo com o intertexto em T3F1, “a crise do setor madeireiro gerou reflexo negativo na economia do Estado”. Desse modo, as conseqüências imediatas da crise refletiriam na perda de posições do *ranking* das exportações.

Assim, ao apontarmos a constituição do processo de construção das notícias na atividade de produção dos enunciadores-jornalistas nos foi possível confirmar a hipótese, abordada no Capítulo Dois, de que a imprensa é uma das “unidades” que participam do processo de integração regional, ou seja, constatamos, por meio das marcas lingüísticas autorizadas pelos jornalistas e pelas empresas-jornal, que o papel desta mídia na apresentação do mundo do trabalho da atividade madeireira é dar ênfase nas articulações e sentidos ditados pelo discurso econômico neoliberal. Portanto, a esfera da atividade jornalística sinopense é um espaço primordial de circulação e reforço de sentido dessas práticas sócio-econômicas.

A dimensão dialógica trazida na materialidade lingüística de ambos os suportes jornalísticos, dessa forma, foi fundamental para a compreensão de como aconteceu a (re) construção discursiva do trabalho extrativo, das evidências de crise relatadas pelo desaquecimento e retração do setor e das conseqüências que culminaram com as demissões dos trabalhadores madeireiros. Assim, o enfoque constitutivo dos enunciados apresentados pelo trabalho (textos) dos jornalistas manifesta os efeitos de sentido que se estendem pela Amazônia legal e tecem influências e interferências na vida social contemporânea desta comunidade discursiva.

O discurso relatado (citado), que, a princípio é apresentado por um conflito de vozes entre defensores do meio ambiente e defensores do desenvolvimento neoliberal, nos mostrou, nas análises, que o polifônico é mascarado sob a aparência de uma única voz, ou seja, o que acontece no tecido lingüístico é uma “simulação” de embates de valores entre os dois segmentos citados, pois, os elementos lingüísticos que se espraiam nas quatro produções textuais comprovam o “mascaramento” dos reais projetos políticos e econômicos neoliberais que circulam nas práticas languageiras e sociais relacionadas ao trabalho jornalístico.

Outra constatação que os fragmentos textuais nos apontaram é que a floresta que cobre o solo da região norte da Amazônia Legal está sendo substituída pela monocultura da soja. O estado de Mato Grosso já é o líder na produção desse grão e tem como administrador do Estado um governador considerado o maior plantador individual de soja do mundo.

Este é o quadro atual da situação econômica e política da Amazônia Legal depreendido do discurso da mídia impressa analisada, mas, também presente na mídia nacional, a exemplo de uma matéria assinada por Coutinho (2004b, p.67), que propaga aos olhos do mundo que “o cultivo do grão que cobriu o cerrado agora está ocupando as franjas da Floresta Amazônica.

(...) As novas fronteiras da soja tendem a repetir a experiência bem sucedida que deixou um rastro de prosperidade pelos municípios do cerrado brasileiro, sobretudo no Centro-Oeste.”

No entanto, é importante uma vez mais ressaltar que somente os grandes latifúndios são enaltecidos pelos textos que circulam na mídia, enquanto a agricultura de subsistência como projeto discursivo do pequeno proprietário sempre foi desconsiderado pela imprensa regional, como apontamos no Capítulo Um.

A história discursiva da região norte mato-grossense, que resgatamos em todo o nosso desenho teórico-metodológico e analítico de pesquisa, demonstrou que os protagonistas do diálogo com a atividade madeireira e no interior dessa formação social adotam tão somente o ponto de visto da ideologia neoliberal. Assim, tanto empresários, políticos, pesquisadores, coordenadores, superintendentes, engenheiros, porta vozes da indústria e mesmo porta vozes dos trabalhadores refletem efeitos de sentido vinculados ao capital e participam da (re) construção discursiva da mídia em geral e, conseqüentemente, regional que opina, “espetaculariza” os acontecimentos e estabiliza um efeito de “verdade” discursiva.

Finalmente, destacamos que os processos discursivos que mobilizam os gêneros notícia x opinião são construídos nessa prática do capital e dialogam com os diversos planos enunciativos e discursivos que constituem o trabalho do enunciadador-jornalista. Desse modo, constatamos que o discurso jornalístico é um dos responsáveis pelo (re) dimensionamento e (re) atualização dos gêneros discursivos e da atividade, que mobilizam os discursos da indústria madeireira, mas, sob o viés específico do discurso autoritário, que traz como verdade maior o discurso de base enunciativo-discursivo desenvolvimentista.

A cristalização monofônica da voz do capital, da expansão econômica das frágeis fronteiras da Amazônia Legal às custas da extração e devastação, refletem a base de mercado da economia mundial e globalizante, na qual a luta pelo domínio dos recursos naturais nada mais é do que a posse pela exploração gratuita desses recursos até a sua exaustão, com fins unicamente lucrativos.

Nesse contexto, o trabalho analítico que realizamos nos assinalou os sentidos que constituem as notícias desta região por meio do resgate da dimensão dialógica/ideológica da atividade jornalística. A recorrência marcada (heterogeneidade mostrada), presente na trama

'heterogênea' do relato das notícias, permitiu-nos recuperar o ponto de vista monofônico do desenvolvimento que é prevalente nas marcas lingüísticas autorizadas e legitimadas pelos enunciadores-jornalistas. O discurso midiático da Amazônia Legal, portanto, adepto aos moldes neoliberais, oculta a polêmica numa aparência de polifonia.

Na conclusão desta dissertação, que apresentaremos a seguir, teceremos reflexões críticas sobre os efeitos de sentido que circulam na rede dialógica que delimitamos, retomando questões e objetivos que apresentamos na introdução desta pesquisa.

CONCLUSÃO

Para as considerações “nunca finais”, faremos inicialmente, no tópico introdutório, “*Retomando questões e objetivos de pesquisa*” um resgate das questões norteadoras deste trabalho, bem como dos objetivos a que nos propomos no início deste processo científico dialogando com o trabalho analítico e as constatações verificadas e identificadas, fundamentalmente, através de marcas reveladas pela heterogeneidade enunciativa. Na continuidade das considerações, aprofundaremos nossa reflexão no tópico *A monofonia: ocultação da polêmica escondida*, no qual discutiremos as implicações dos efeitos de sentido do funcionamento monofônico dessa rede enunciativa discursiva.

Retomando questões e objetivos de pesquisa

Com relação à primeira questão e ao primeiro objetivo em que o discurso relatado é apontado como micro categoria operatória e norteador de nossas análises a resposta ao “como” tal discurso e as marcas discursivas de opinião aparecem nos textos das duas instituições jornalísticas *O Capital* e *Diário Regional* ficou evidenciada no Capítulo Três, no qual apresentamos os fragmentos do *corpus* selecionado e identificamos as principais manifestações da heterogeneidade enunciativa na construção de sentidos da crise da atividade madeireira na região norte mato-grossense. Os principais efeitos de sentido apreendidos nesse processo revelaram marcas ideológicas do discurso liberal constituídas por duas bases enunciativo-discursivas prioritárias: desenvolvimentista e ambientalista, mediadoras da hegemonia capitalista. Coube, dessa maneira, ao discurso relatado papel central na apresentação e constatação das principais vozes “autoritárias” e de autoridade que legitimaram e validaram a monofonia ideológica presente nas duas grandes bases enunciativas apresentadas.

Essas constatações foram reveladoras, também, de um profundo “efeito de crise” que tem assolado a região norte mato-grossense e ‘afetado’ a principal atividade econômica desta região: a atividade madeireira. Assim, as vozes recuperadas pelos enunciadores-jornalistas buscaram, fundamentalmente, apresentar os acontecimentos geradores de conflitos que estão no cerne da “arena da luta de classe”, ou seja, os valores e antagonismos entre diferentes formações discursivas apresentadas como palco dos choques econômicos e sociais em questão.

É, então, por meio do segundo objetivo, ao que nos propomos descrever, confrontar e analisar os materiais discursivos relevantes para a verificação de “como” ocorre o (re) dimensionamento do mundo do trabalho desenvolvido na esfera da atividade madeireira, que nos foi possível apreender respostas claras à segunda questão, ou seja, “como” a dimensão dialógica da linguagem pode ser verificada e avaliada no discurso da mídia impressa frente ao posicionamento ideológico que as instituições e os enunciadores-jornalistas acabam revelando no viés discursivo. Assim, após a descrição, confronto e análise dos textos selecionados, bem como o resgate das principais vozes legitimadas no relato, pelos jornalistas, nos foram disponibilizadas as marcas necessárias que nos mostraram os diálogos constitutivos presentes nas duas bases enunciativo-discursivas verificadas no fio discursivo. Este caráter dialógico, e, conseqüentemente ideológico, permitiu-nos encontrar traços impressos na materialidade textual de um *discurso autoritário central*: monofônico, cristalizado pela ideologia predominantemente capitalista.

Estas marcas que revelaram ‘abafar’ vozes em conflito em que o diálogo é mascarado por uma voz predominante, a neoliberal, foram importantes não só para demonstrar que o discurso de base ambiental ainda não encontrou seu verdadeiro espaço de legitimidade na região da Amazônia Legal, ou seja, não tem “efeitos de realidade” visto que a floresta continua sendo dizimada em detrimento do poder material e capital, como também permitiram que, de acordo com o terceiro objetivo, identificássemos mecanismos e processos discursivos que mobilizaram os gêneros notícia x opinião e os principais efeitos de sentidos revelados nessa prática. Esses mecanismos foram fundamentais para que, além de constatar o fenômeno da parcialidade, da não objetividade e do mito da impessoalidade, também verificássemos que as marcas ‘formadoras de opinião’ encontradas no gênero notícia são vestígios de uma atividade jornalística em consonância com as múltiplas estratégias discursivas que o discurso

desenvolvimentista e capitalista põe à disposição das sociedades que têm no lucro e no mercado seus alicerces de poder.

Desse modo, o discurso da verdade única fica evidenciado nas duas bases discursivas analisadas deixando escutar a voz do capital travestida pela ocultação e silenciamento da verdadeira voz que deveria emergir no embate sócio-econômico-cultural, a voz do meio ambiente que luta, sozinho, para não ser exterminado e dizimado pela ganância e enriquecimento do homem às custas dos recursos naturais.

Com relação à questão três, assim como o objetivo d, que se voltam para a representação do trabalhador inscrito neste espaço discursivo e geográfico, compreendemos que merecem uma atenção maior em nossas pós-reflexões sendo, portanto, abordados a seguir num sub-item especial desta conclusão.

A monofonia: ocultação da polêmica escondida

Como descrevemos, analisamos e demonstramos no Capítulo Três, o discurso predominante e legitimado neste espaço geográfico é o do desenvolvimento em que as leis de mercado são exaltadas e quantificadas para o enaltecimento da economia capitalista. No entanto, há, nestas mesmas produções discursivas de nosso *corpus*, o silenciamento e abafamento de muitas vozes conflitantes que se ocultam sob a aparência massiva da voz capitalista. As vozes reveladoras de choques sociais, da luta, do desemprego, da opressão, do oprimido entre outras, não aparecem nesse contexto de interação e a polêmica continua silenciada, escondida, disfarçada sob a égide de interesses de um pequeno número de beneficiados reais de todo o patrimônio natural desta região.

Ao verificar o espaço discursivo destinado ao relato do trabalhador, encontramos a referência direta ao emprego do setor madeireiro apenas duas vezes na forma de discurso direto em todos os *corpora* selecionados. Há algumas manifestações dessa voz no discurso narrativizado do enunciador-jornalista para descrever o estado de crise gerado pela Operação Curupira e os conseqüentes desempregos que têm sido gerados na região, como também foram verificadas menções ao trabalhador nos discursos diretos e indiretos dos principais representantes sindicais integrantes da região norte mato-grossense.

No entanto, o trabalhador, sempre a principal vítima da expansão e acumulação capitalista, é ocultado e até mesmo apagado nesse processo que enaltece fundamentalmente o ponto de vista industrial na gestão política e econômica. O empregado madeireiro, dessa forma, nem parece ser o principal perdedor, isto é, o assalariado que é dispensado porque há redução nos lucros dos proprietários do empreendimento e, inclusive, pelo fechamento de muitas empresas.

A força de trabalho que reproduz as regras próprias da região, necessárias aos interesses do setor madeireiro, não revela o processo de marginalização social em que se encontram trabalhadores com pouca escolaridade e integrantes de um processo produtivo que não lhes oferece as condições básicas e a infra-estrutura necessárias para o desempenho dessa atividade. Dessa forma, tornam-se apenas um componente indispensável para exercer as funções rudimentares que surgem nas indústrias de transformação de madeiras.

É este mesmo trabalhador, silenciado e ocultado na materialidade discursiva do trabalho do enunciatório-jornalista, que sofre o primeiro impacto da crise: o desemprego. É nele que se refletem as consequências econômicas da queda de produtividade e da diminuição do número de exportações. Fragilizado desde o princípio, sua identidade de classe se dilui, não se configura como relações sociais estáveis que lhe garantam os direitos mínimos de cidadania. Nessas condições, o trabalho continua precário e o trabalhador é tratado como peça substituível e descartável da grande engrenagem capitalista.

Como reflexão final, assinalamos que os sentidos, disponibilizados pelo corpo enunciatório-discursivo dessa pesquisa por meio do olhar heterogêneo que os horizontes dialógicos da atividade jornalística nos permitiram, revelam “efeitos de realidade” resultantes da história discursiva da Amazônia Legal, no norte de Mato Grosso. As notícias, dessa forma, refletem e refratam, nas marcas de opinião e de subjetividade de enunciatórios-jornalistas, a contraposição da representação discursiva com a atividade real.

Os “efeitos de crise” desenhados no mundo do trabalho da esfera da atividade madeireira e resgatados na trama ‘heterogênea’ do relato das notícias, portanto, apresentam raízes da estrutura político-econômica do poder capitalista desde o início do projeto de ocupação deste espaço geográfico. O enaltecimento do “progresso econômico” em detrimento da “estabilidade social”, da conservação e da proteção ambiental, da biodiversidade e do

ecologicamente saudável marca o “estado de alerta” em que se encontram os trabalhadores da região e os que lutam pela sobrevivência das florestas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDREAZZA, Mário David. *Ministério do Interior: a SUDECO em Mato Grosso*. Coordenadoria de Comunicação Social. Brasília-DF, 1981.

ARIMA, Eugênio Y. *A atividade madeireira e o desmatamento na Amazônia*. Ananindeau-PA. Imazon, 1999.

ARRUDA, Zuleica Alves. *Sinop: território(s) de múltiplas e incompletas reflexões*. Dissertação de Mestrado – UFP/Recife-PE, 1997.

AUBERTIN, Catherine (Org.); BECHER, Bertha K. et al. *Industrializar as fronteiras?* Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1988.

BAKHTIN, M. (1979). *A estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____ (1929). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1995.

BAKHTIN, M. (VOLOCHONOV) (1929). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução: M. Lahud e Y. F. Vieira. Prefácio de R. Jakobson. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BALDO, Jorge Antonio. *O comitê*. Sorriso, 12 mar. 2005. Disponível em: <http://www.comitebr163.com.br>. Acesso em 02 mai. 2006, às 21h.

BARROS, Ana Cristina e VERÍSSIMO, Adalberto (editores). *A expansão da atividade madeireira na Amazônia: impactos e perspectivas para o desenvolvimento do setor florestal no Pará*. Belém: IMAZON, 1996.

BARROS, Diana L. P. de. *Dialogismo, polifonia e enunciação*. In: BARROS, Diana L. P. de e FIORIN, José Luiz (orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2. ed., 2003.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral*. 2.ed. São Paulo: Pontes, 1988.

BRAIT, B. *O discurso sob o olhar de Bakhtin*. Documento de trabalho (Projeto integrado As práticas de linguagem e a construção do sujeito e da Identidade em situação de trabalho), mimeo, 2001.

CARVALHO, David F. *Complexo industrial, inovações tecnológicas e desenvolvimento regional: uma abordagem analítica como suporte ao planejamento do desenvolvimento industrial*. Belém: UFPA/NAEA, 1997.

CLOT, Y.; FAÏTA, D. *Genre et style em analyse du travail, concepts et méthodes*. In: Travailler, n. 4, p. 7-42, 2000.

CLOT, Y; FAÏTA, D.; FERNANDEZ, G.; & SCHELLER, L. *Entretiens en autoconfrontations croisée: un méthode en clinique de l'activité*. In: Rev. Education Permanente – clinique de l'activité et pouvoir d'agir. Gêneve, v.1, n.146, p. 17-25, 1 sem., 2001.

CNEC (Campanha Nacional de Escolas da Comunidade) FACENOP (Faculdade Cenecista de Sinop). *Plano de Desenvolvimento Institucional – 2004 a 2009*. Sinop, jun.2004.

COSTA, Elenilva Maria da. *Trabalho e educação: a internalização de significados no processo de socialização secundária de trabalhadores rurais na indústria madeireira*. Cuiabá-MT. UFMT. Dissertação de Mestrado, 2004.

COUTINHO, Leonardo (a). *Campo high-tech*. Revista Veja. São Paulo: Editora Abril, Ed. Especial 1848, n. 30, p. 24-29, abr. 2004.

_____ (b) *A soja na Amazônia*. Revista Veja. São Paulo: Editora Abril, Ed. Especial 1848, n. 30, p. 67, abr. 2004.

_____ *A floresta pagou a conta do PT*. Revista Veja. São Paulo: Editora Abril, ed. 1945, n.8, p.40, mar.2006.

ENGELS, F. *O papel do trabalho na transformação do macaco em homem*. São Paulo: Global Editora, 4 ed., 1876/1990.

FAÏTA, Daniel. *Análise das práticas languageiras e situações de trabalho: uma renovação metodológica imposta pelo objeto*. In: SOUZA-E-SILVA, M. Cecília Perez e FAÏTA, Daniel (orgs.). *Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França*. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *Análise Dialógica da Atividade Profissional*. Rio de Janeiro: Imprinta Express Editora, 2005.

FAÏTA, D., SCHWARTZ, Y. *Falar do trabalho, trabalhar a fala*. In: FAÏTA, Daniel. *Análise Dialógica da Atividade Profissional*. Rio de Janeiro: Imprinta Express Editora, 1985/2005.

FAÏTA, D., VIEIRA, M. *Réflexions méthodologiques sur l'autoconfrontations croissé*. Revista Delta. São Paulo, vol. 19, n.1, p.123-154, 2003.

FILHO, Martins; LOPES, Eduardo. *Manual de Redação e Estilo de O Estado de São Paulo*. São Paulo: Moderna: O Estado de São Paulo, 3 edição, 1997.

FOUCAULT, M. *L'Archeologie du Savoir*. Paris: Gallimard, 1969. [*Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.].

FREITAS, J.V.; FREITAS, E.Y. & HUMMEL, A.C. *Uso dos Recursos Florestais na Amazônia: manejando a floresta para a produção de madeira*. 2001.

GONÇALVES, R. e POMAR, V. *O Brasil endividado. Como nossa dívida externa aumentou mais de 100 bilhões de dólares nos anos 90*. São Paulo: Fundação Perseu de Abreu, 2001.

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO. *O agronegócio da madeira em Mato Grosso – Programa de Desenvolvimento*. Câmara de Política de Desenvolvimento Econômico, maio 1999. (versão para discussão).

GREGOLIN, Maria do Rosario V. *A mídia e a espetacularização da cultura*. In: GREGOLIN, Maria do Rosario V. (Org.). *Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos: Claraluz, 2003.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *A lenda do ouro verde*. Campinas/SP: Dissertação de Mestrado. UNICAMP, 1986.

JORNAL DIÁRIO NEWS. *2005 é um ano nulo para a atividade madeireira*. Cuiabá, 07 out. 2005. Disponível em: <http://www.icv.org.br/publicue/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm>. Acesso em 22 nov. 2005, às 10h.

KOWARICK, M. *Amazonas/Carajás. Na trilha do saque*. São Luiz: Anita, 1995.

LÉNA, Philipe, OLIVEIRA, Adélia Engrácia de. *Amazônia: a fronteira agrícola 20 anos depois*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1992.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Tradução Freda Indursky. Campinas: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 3 edição, 1997.

_____. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: 3.ed. Cortez: 2004.

_____. *Gênese dos discursos*. Curitiba: Criar Edições, 2005.

MARIANI, Bethânia. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Rio de Janeiro: Revan; Campinas, SP. UNICAMP, 1998.

MARX, K; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. Rio de Janeiro, Zahar, 1965.

MENEGOLO, Leandro W. *Práticas discursivas no trabalho de avaliar textos em vestibular: da atividade à constituição dos sentidos*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem/Moura-Vieira. Orientador). Cuiabá, o autor, 2005. 156 p.

MÉSZÁROS, István. *O poder da ideologia*. Trad. Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2004.

MORAES, Dênis de. *A lógica da mídia no sistema de poder mundial*. In: Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación. Vol. VI, n.2, May – Ago. 2004.

MOREIRA, M.A. *Teorias de Aprendizagem*. São Paulo: EPU, 1999.

MORENO, Gislaene. *Terra, poder e corrupção: a política fundiária em Mato Grosso – 1970/1990*. In: Revista Mato-Grossense de Geografia. Departamento de Geografia [do] Instituto de Ciências Humanas e Sociais [da] Universidade Federal de Mato Grosso. Ano 2, n. 1 e 2, dez. 1996/1997. Cuiabá: Editora Universitária, 1998.

MÜLLER, G. & CARDOSO, Fernando H. *Amazônia: expansão do capitalismo*. Brasiliense. CEBRAP. São Paulo, 1977.

NOUROUDINE, Abdallah. *A linguagem: dispositivo revelador da complexidade do trabalho*. In: SOUZA-E-SILVA, M. Cecília Pérez e FAÏTA, Daniel (orgs.). *Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França*. São Paulo: Cortez, 2002.

OLIVEIRA, Cristiane. *Sinop perde R\$ 18 milhões em um ano*. Diário Regional. Sinop: BR Editora Gráfica Ltda, ed. 869, p.6, jul., 2006.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Interpretação, autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996.

PHILIPPSSEN, N. & MOURA-VIEIRA, M.A . *O gênero notícia e a polêmica oculta no jogo de forças do campo social*. 2007 (no prelo).

PICOLI, Fiorelo (a). *Amazônia: a ilusão da terra prometida*. Sinop: Editora Fiorelo, 2004.

_____ (b). *Amazônia: pegadas na floresta – uma abordagem da superexploração no trabalho*. Sinop: Edição do autor, 2004.

PINTO, Milton José. *Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos*. São Paulo: Hacker Editores, 2 ed., 2002.

POSSENTI, Sírio. *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

PRATES, Ilsa de F. *A reunião no trabalho do professor: espaço dialógico da atividade de ensino*. (Mestrado em Estudos de Linguagem/Moura-Vieira. Orientador). Cuiabá, a autora, 2006. 76 p.

REVISTA CAPITAL. Sinop: Gráfica Grafpel, ano II, ed. 4, p.17-24, out.2004 (a).

REVISTA CAPITAL. Sinop: Gráfica Grafpel, ano II, ed. 5, p.16, dez. 2004 (b).

REVISTA CAPITAL. Sinop: Gráfica Grafitec, ano III, ed. 8, p.10, set. 2005.

REVISTA RDM. Cuiabá: Grupo Diário de Cuiabá, ano VII, ed.138, p.30-32, mar.2006.

REVISTA RDM. Brasília: Poligráfica Editora Brasiliense Ltda, ano I, ed.1, p.22-24, set.2001.

RIZEK, André. *Ratos e, agora, cupins*. Revista Veja. São Paulo: Editora Abril, ed. 1908, n.23, p.123, jun.2005.

ROSSI, Clóvis. *O que é jornalismo*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. *Espetacularização ou midiaticização da política*. Paper apresentado no Painel “Mídia e política: do espetáculo às redes”. CD-ROOM Anais do XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Belo Horizonte: INTERCOM/PUC, Minas, 2 a 6 set. 2003.

SANT’ANNA, Vera Lúcia de Albuquerque. *O trabalho em notícias sobre o Mercosul: heterogeneidade enunciativa e noção de objetividade*. São Paulo: EDUC, 2004.

SANT’ANNA, V., DAHER, M. del C., ROCHA, D., SILVA, L., GIORGI, M., C., CARVALHO JR, P. de. *Greve no ABC: o processo das lutas sindicais na voz da imprensa*. In: FIGUEIREDO, M., ATHAYDE, Milton, BRITO, J., ALVAREZ, D. (orgs.). *Labirintos do trabalho: interrogações e olhares sobre o trabalho vivo*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

SCHNEIDER, R.R.; ARIMA, E.; VERÍSSIMO, A.; BARRETO, P. & SOUZA JUNIOR, C. *Amazônia Sustentável: limitantes e oportunidades para o desenvolvimento rural*. Série Parcerias Banco Mundial 1. 56p. Brasília, 2000.

SCHWARTZ, Y. *Travail et philosophie: convocations mutuelles*. Toulouse: Octares, 1992.

SHAEFER, José Renato. *As migrações rurais e implicações pastorais. Um estudo das migrações campo-campo do Sul do país em direção ao norte do Mato Grosso*. São Paulo: Loyola, 1985.

SHIVA, V. *Biopirataria. A pilhagem da natureza e do conhecimento*. Trad. Laura Cardelline Barbosa Oliveira. Petrópolis: Vozes, 2001.

SILVA, Mário C. V. *Análise das práticas de linguagem na atividade de ensino: a atividade do professor no viés do trabalho*. Rel. de Pesquisa (Iniciação Científica UFMT/Moura-Vieira. Orientador.) 2004.

SINDUSMAD (Sindicato das Indústrias Madeireiras do Norte do Estado de Mato Grosso). *A espetaculosa Operação Curupira*. Sinop, 11 set. 2005. Disponível em: http://www.sindusmad.com.br/pop_noticia_conteudo.php, acesso em: 20 out. 2005, às 22h.

SITICOM (Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção e do Mobiliário da Região Norte do Estado de Mato Grosso). *Informativo Siticom*. Sinop, dez.2005.

SMERALDI, Roberto. *Grilagem e desmatamento*. In: Amigos da Terra – Amazônia Brasileira, edição n.39, ago, 2005.

SOUZA, Cacildo Paulino de. *Gêneros discursivos nas redações de vestibular: confrontando diálogos de examinadores e candidatos*. (Mestrado em Estudos de Linguagem/Moura-Vieira. Orientador). Cuiabá: o autor, 2006. 115 p.

SOUZA, Edison A. SOUZA, Edison A. de. *Sinop: história, imagens e relatos. Um estudo sobre a colonização de Sinop*. Associação Brasileira das Editoras Universitárias. Cuiabá, 2004.

_____. *O papel da UNEMAT para o desenvolvimento regional*. Comunicação apresentada no Seminário Universidade, Sociedade e Produção de Conhecimento do Projeto Conexões dos Saberes, com o tema “Universidade pública para quem?”. Pró-Reitoria de Extensão, UFF, 2006.

SOUZA, Ernani Lúcio Pinto de. *A organização industrial do setor madeireiro no município de Sinop, Mato Grosso – uma análise da estrutura de mercado*. Dissertação (mestrado em Planejamento do Desenvolvimento), Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, UFPA, Belém, 1999.

TEIXEIRA, Anísio. *A Educação no Brasil*. São Paulo: Nacional, 1969.

VASCONCELLOS, G. F. e VIDAL, J. W. B. *Poder dos trópicos. Meditação sobre a alienação energética na cultura brasileira*. São Paulo: Casa Amarela, 1998.

VIEIRA, Marcos (a). *A atividade, o discurso e a clínica: uma análise dialógica do trabalho médico*. Tese (doutorado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC, São Paulo, 2002.

_____. *A esfera do trabalho clínico entre os gêneros da atividade e do discurso*. In: Polifonia (Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem – Mestrado [do] Instituto de Linguagens, Universidade Federal de Mato Grosso – Ano 7, n.08, p.129-148. Cuiabá: Editora Universitária, 2004.

_____. (b). *Autoconfrontação e análise da atividade*. In: FIGUEIREDO, M., ATHAYDE, Milton, BRITO, J., ALVAREZ, D. (orgs.). *Labirintos do trabalho: interrogações e olhares sobre o trabalho vivo*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

VIEIRA, Marcos; FAÏTA, Daniel. *Quando os outros olham outros de si mesmo: reflexões metodológicas sobre a autoconfrontação cruzada*. In: Polifonia (Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem – Mestrado [do] Instituto de Linguagens, Universidade Federal de Mato Grosso – Ano 6, n.07, p.27-65. Cuiabá: Editora Universitária, 2003.

VIEIRA, M. & PHILIPPSEN, N. I. *A atividade dialógica/ideológica do enunciador-jornalista sobre os gêneros primários*. 2007 (no prelo).

VIGOTSKI, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem*. (trad. Paulo Bezerra). São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ANEXO A - Apresentação dos *corpora*

Macrotemas: Economia e Política

Temas:

- a) atividade madeireira; madeira; madeireiro; trabalhadores de indústrias/empresas madeireiras
- b) órgãos ambientais responsáveis pelo setor madeireiro; legislação
- c) manejo florestal sustentável; desmatamento; reposição florestal
- d) região norte mato-grossense; crise econômica; desemprego

Jornal O Capital

Meses de circulação⁴⁵: agosto, setembro e outubro

Ano: 2005

EDIÇÃO	DATA	SEÇÃO	GÊNERO	TÍTULO	AUTORIA ORIGEM	NÚMERO PÁGINA
579	30/31-07 01 - 08	Geral	Notícia	Myakawa recusa cargo de “gerente substituto” do Ibama em Mato Grosso	Só Notícias	03
579	30/31 - 07 01 - 08	Notícias do Campo	Notícia	Frigorífico deve gerar mais de 4 mil empregos	M/N/A ⁴⁶	09
580	02/03 - 08	Geral	Notícia	Machado define nova política ambiental no Estado	Assessoria/ Sema - MT	04
580	02/03 - 08	Notícias do Campo	Entrevista	Novo secretário de Desenvolvimento Rural planeja fomento à agroindustrialização	Secom - MT	09

⁴⁵ No mês de agosto a circulação do Jornal foi 3x na semana, às terças-feiras, às quintas-feiras e aos sábados. Nos meses de setembro e outubro o Jornal circulou apenas aos sábados.

⁴⁶ M/N/A = matéria não assinada e, portanto, de responsabilidade direta do Jornal O Capital.

583	09/10 - 08	Geral	Notícia	Ibama anuncia extinção das ATPF's	Redação/ Secom - MT	04
584	11/12 - 08	Geral	Notícia	Sinop está superando crise	Redação com Só Notícias	03
584	11/12 - 08	Geral	Notícia	Artista expõe peças em madeira	M/N/A	12
585	13/14/15 - 08	Geral	Notícia	Sinop é o 5º maior exportador de Mato Grosso	Só Notícias	04
585	13/14/15 - 08	Matéria Especial	Notícia	Sindicato Rural de Sinop exige participações nas decisões	M/N/A	05
587	18/19 - 08	Notícias do Campo	Notícia	Pauta da madeira sobe até 15%	Ângela Fogaca	09
588	20/21/22 - 08	Notícias do Campo	Notícia	Produzir floresta é alternativa para o agricultor	24 Horas News	13
593	09 - 09	Geral	Notícia	Dilceu se reúne com Secretário Estadual para discutir questões de Meio Ambiente	M/N/A	11
595	24 - 09	Matéria Especial	Notícia	Ibama e Sema são os maiores culpados do caos	M/N/A	05
596	01 - 10	Matéria Especial	Notícia	Blairo prometeu: Sema ficará responsável pelas funções do Ibama	M/N/A	05
596	01 - 10	Cidade Alerta	Notícia	Trabalhadores fazem 'panelaço'	José Carlos Araújo	12
597	08 - 10	Geral	Notícia	Lideranças de Sinop se reúnem com vice-presidente José Alencar	M/N/A	04
598	15 - 10	Opinião	Artigo	O epicentro da crise	Voz Capital	02
598	15 - 10	Geral	Notícia	Senai de Sinop oferece curso de confecção de brinquedos de madeira	M/N/A	11
599	22 - 10	Matéria Especial	Notícia	Inadimplência em Sinop no mês de setembro chega a 88%	M/N/A	05
600	29 - 10	Matéria Especial	Notícia	Operação Ouro Verde prende 34 pessoas por extração e transporte irregular de madeira na	Radiobrás	05

				Amazônia		
Total = 20	Total = 20	Geral= 09 Notícias do Campo= 04 Matéria Especial=05 Cidade Alerta= 01 Opinião= 01	notícia=18 entrevista =01 opinião= 01			

Jornal Diário Regional

Meses de circulação⁴⁷: agosto, setembro e outubro

Ano: 2005

EDIÇÃO	DATA	SEÇÃO	GÊNERO	TÍTULO	AUTORIA ORIGEM	NÚMERO PÁGINA
0579	03 - 08	Agronegócio/ Economia	notícia	Sorriso discute reflorestamento	Da Assessoria	05
0581	05 - 08	Cotidiano	notícia	Mudança não prejudica gestão compartilhada	Da Assessoria	09
0582	06 - 08	Cotidiano	notícia	Comércio espera aumento de 20%	Da Assessoria	09
0583	07/08 – 08	Cotidiano	notícia	Expectativa frustrada	M/N/A	06
0584	09 - 08	Cotidiano	notícia	ATPF's estão extintas, diz Ibama	Da Assessoria	09
0585	10 - 08	Polícia	notícia	Demissões	M/N/A	06
0586	11 - 08	Cotidiano	notícia	Ibama carece do dobro de servidores	Cleide Dantas – Especial DR	09
0586	11 - 08	Cotidiano	notícia	Reflorestamento da região é aprovado pelo governo	Francielle Mezadri – Da Sucursal	09
0588	13 - 08	Cotidiano	notícia	Sindicato Rural discute exclusão	Marco Aurélio JR – Da Redação	09
0588	13 - 08	Cotidiano	notícia	Vendas caem, mas comércio ainda aposta no Dia dos Pais	Cleide Dantas – Especial DR	09
0590	16 - 08	Agronegó-	notícia	Setor prevê queda	Ubiratan	05

⁴⁷ Este Jornal tem circulação diária, menos às segundas-feiras. No jornal de domingo constam as datas do domingo e da segunda-feira.

		cio/ Economia		de 60% em 2006	Braga – Da Assessoria	
0591	17 - 08	Agronegó- cio/ Economia	notícia	Famato acionará Ibama para garantir seu direito	Da Redação	08
0592	18 - 08	Polícia	notícia	ATPF falsificada	M/N/A	12
0593	19 - 08	Cotidiano	notícia	Madeira tem uma queda de 20% nas exportações	Da Redação	05
0593	19 - 08	Polícia	notícia	Cortar a Amazônia?	M/N/A	08
0593	19 - 08	Entrevista	entrevista	Inspiração de Deus criou Sinop	Eduardo Gomes – Especial para o DR	12
0601	28/29 – 08	Entrevista	entrevista	A atividade pode ser eterna	Onofre Ribeiro – Especial para o DR	08
0605	04/05 – 09	Geral	notícia	Aumenta fiscalização contra o desmatamento no Estado	Da Assessoria	08
0607	07/08 – 09	Polícia	notícia	Nota fiscal de madeira é apreendida em posto fiscal	Da Redação	12
0610	11/12 – 09	Política	notícia	Dilceu e Machado ouvem classe de madeireiros e dos agricultores	Da Assessoria	02
0612	14 - 09	Polícia	notícia	Carga ilegal e motorista são presos na BR-163	Da Redação	06
0613	15/16 – 09	Polícia	notícia	18 carretas apreendidas na 163	Pedro Garcia – Da Redação	12
0615	18/19 – 09	Polícia	notícia	Madeireiros	M/N/A	06
0615	18/19 – 09	Semana	notícia	Começam a aparecer os primeiros resultados	M/N/A	07
0619	23 - 09	Cotidiano	notícia	Machado visita Nortão para se inteirar da crise	Da Assessoria	05
0619	23 - 09	Cotidiano	notícia	Colapso	M/N/A	06
0619	23 - 09	Agronegó- cio/ Economia	notícia	MT: 10º maior exportador do País	Da Redação	08
0620	24 - 09	Cotidiano	notícia	O que é plano de manejo sustentável	Da Redação	06
0620	24 - 09	Cotidiano	notícia	Trabalhadores preparam protesto	Marco Aurélio JR – Da Redação	06

0621	25/26 – 09	Polícia	notícia	Caminhões apreendidos ainda estão no pátio da Polícia Militar	Da Redação	08
0622	27 - 09	Opinião	Artigo	Canseira	M/N/A	03
0622	27 - 09	Social	opinião	Xis da Questão	Luciano André	04
0622	27 - 09	Cotidiano	notícia	Siticom protesta contra desemprego	Marco Aurélio JR – Da Redação	05
0622	27 - 09	Cotidiano	notícia	Sindicatos juntos amanhã	Da Redação	05
0622	27 - 09	Cotidiano	notícia	Região Norte recebe mais uma unidade da Sema	Da Assessoria	05
0623	28 - 09	Política	notícia	Nilson lidera 28 prefeitos na audiência no Paiaguás, hoje	Marco Aurélio JR – Da Redação	02
0623	28 - 09	Agronegócio / Economia	notícia	Empresas comprometem o FCO	Da Assessoria	08
0624	29 - 09	Política	notícia	Setor quer que Ibama fique fora	Jorge Maciel – Da Editoria	02
0624	29 - 09	Cotidiano	notícia	Sinop é palco de manifestações	Marco Aurélio JR – Da Redação	05
0624	29 - 09	Geral	notícia	Setor beneficiado com seu escritório regional	Da Assessoria	07
0624	29 - 09	Polícia	notícia	Juiz diz que despachante de Sinop era um dos chefes	Da Assessoria	12
0625	30 - 09	Opinião	Artigo	Um caixão (de madeira) em Sinop	Onofre Ribeiro	03
0626	01 - 10	Cotidiano	notícia	Inaugurada mais uma associação madeireira	Pedro Garcia – Da Redação	06
0626	01 - 10	Cotidiano	notícia	Panelaço	M/N/A	06
0626	01 - 10	Polícia	notícia	Polícia apreende madeira roubada em terras indígenas	José Ribamar Trindade – Especial para o DR	12
0627	02/03 – 10	Entrevista	entrevista	Associar esforços para crescer	Francielle Mezadri – Da Redação	11
0628	04 - 10	Opinião	Artigo	Sinop e Colíder: imagens de MT	Onofre Ribeiro	03
0628	04 - 10	Cotidiano	notícia	Abin pede relatório sobre crise	Marco Aurélio JR – Da Redação	06
0628	04 - 10	Polícia	notícia	Madeireiro é transferido de	Da Redação	12

				Colíder para a cadeia de Sinop		
0629	05 - 10	Geral	notícia	Madeireiros farão 'marcha' até Cuiabá e falam em 'fantasmas'	Da Redação	07
0629	05 - 10	Polícia	notícia	Ibama deve liberar carretas até o final desta semana	Da Redação	12
0630	06 - 10	Opinião	Artigo	Demonização da crise madeireira	Onofre Ribeiro	03
0631	07 - 10	Cotidiano	notícia	Juiz proíbe manifestações em prédios do Ibama no Estado	Marco Aurélio JR – Da Redação	05
0631	07 - 10	Cotidiano	notícia	Instituto cria medida temporária	Da Redação	05
0631	07 - 10	Geral	notícia	Relator diz que fará 3 ressalvas antes da votação no plenário	Danielle Coimbra – Agência Brasil	07
0636	14 - 10	Cotidiano	notícia	Sine registra menor índice de emissão de seguro-desemprego no setor madeireiro e maior no comércio	Marco Aurélio JR – Da Redação	05
0637	15 - 10	Cotidiano	notícia	Madeireira faz hoje caminhada em prol à saúde do trabalhador	Da Redação	06
0639	18 - 10	Opinião	Artigo	Nossos riscos e nossas oportunidades	Onofre Ribeiro	03
0640	19 - 10	Cotidiano	notícia	Comissão de aproximadamente 200 produtores do Estado se reúne amanhã com Maggi para discutir crise	Da Redação	06
0640	19 - 10	Agronegócio/ Economia	notícia	MT mantém em alta nível de exportações	Da Redação	08
0642	21 - 10	Cotidiano	notícia	Siticom desafia ambientalistas	Marco Aurélio JR – Da Redação	05
0643	22 - 10	Cotidiano	notícia	Telefones do Ibama são cortados por falta de pagamento de conta	Da Redação	05
0643	22 - 10	Cotidiano	notícia	Desmatamento	M/N/A	06
0648	28 - 10	Cotidiano	notícia	Engenheiros agilizarão processos	Da Redação	05

0650	30/31 – 10	Semana	notícia	Madeira	M/N/A	07
------	---------------	--------	---------	---------	-------	----

Total de textos: 65

Editorias/Seções:

- Agronegócio/Economia = 06
- Cotidiano = 29
- Entrevista = 03
- Geral = 04
- Opinião = 05
- Polícia = 12
- Política = 03
- Semana = 02
- Social = 01

Gêneros:

- artigo = 06
- entrevista = 03
- notícia = 56

ANEXO B – Entrevista com enunciadador-jornalista do jornal *Diário Regional*

Dados do entrevistado:

Nome: EJ2

Idade: 26

Formação acadêmica: Letras – UNEMAT e cursando o 4 semestre de Jornalismo na FACENOP

Questões/respostas da entrevista

PES-1-Ao redigir uma notícia quais são os critérios que você utiliza?

EJ2-Os critérios dos jornais. Aqueles que o editor induz. Mas é claro que tem influência minha. Dou preferência por notícias polêmicas e procuro polemizar mais em cima. Isso porque elas têm um apelo social, acredito que este seja o melhor critério: apelo social.

PES-2-A empresa jornalística em que você atua exige algumas normas ou técnicas que devem ser seguidas pelos jornalistas/articulistas? Quais?

EJ2-Sim. Usamos o manual de redação do Estado de São Paulo. Procuramos desmembrar siglas e depois escrever por extenso normas de caixa alta e baixa, exemplo: siglas com até quatro letras escrevem-se com caixa alta, acima é com caixa baixa.

PES-3-Qual é a sua prioridade para a escolha ou seleção de uma notícia?

EJ2-Escolhemos notícias que sejam de interesse coletivo e que tem apelo social. São notícias que procuram mudar para melhor a comunidade. Evitamos notícias de interesse pessoal.

PES-4-Quais são os procedimentos que você adota para a seleção das palavras (materialidade lingüística) que serão empregadas no gênero notícia?

EJ2-Procuro usar uma linguagem simples, que possa ser entendida por todos os leitores, desde um graduado até um alfabetizando. A linguagem simples não deve ser simplória ou chula.

PES-5-A que público destina-se o *Jornal Diário Regional* e, na sua opinião, qual é a relação do jornalista com o leitor?

EJ2-Apesar de termos a preocupação de tornar as notícias acessíveis a todos, sabemos que o público alvo do jornal impresso está nas classes A e B.

PES-6-Você acredita que as notícias são sempre imparciais, apolíticas e verossimilhantes aos fatos apresentados?

EJ2-Não são. Por mais que o jornalista tente ser imparcial, aparecem ranços ideológicos no texto. É do ser humano.

ANEXO C – Entrevista com enunciadador-jornalista do Jornal *O Capital*

Dados do entrevistado:

Nome: EJ1

Idade: 29 anos

Formação acadêmica: Jornalismo com habilitação em Comunicação – UNIVEL

PES-1-Ao redigir uma notícia quais são os critérios que você utiliza?

EJ1-Os critérios para elaboração das notícias são sempre os mesmos, checamos todos os envolvidos no fato, para depois elaborarmos o texto informando à sociedade o fato acontecido. Como nosso jornal impresso é semanal, buscamos as notícias mais importantes que sejam factuais para também informar ao nosso leitor.

PES-2-A empresa jornalística em que você atua exige algumas normas ou técnicas que devem ser seguidas pelos jornalistas/articulistas? Quais?

EJ1-Normalmente atendemos as necessidades estabelecidas pelo órgão de imprensa. No nosso caso estamos a frente da linha editorial do nosso jornal com um único objetivo, levar sempre a informação de forma coerente aos leitores de Sinop.

PES-3-Qual é a sua prioridade para a escolha ou seleção de uma notícia?

EJ1-Geralmente a definição usual da “notícia” inclui outros atributos dos fatos ordinários, como: Atualidade, Proximidade (particularmente a geográfica), a Consequência (eventos que mudam ou ameaçam mudar a vida das pessoas), Interesse humano (evocando uma resposta emocional ou ilustrando uma verdade universal), Conflitual (o choque de interesses, na guerra, no esporte, na política) e a Proeminência dos atores envolvidos. Buscamos sempre atender as necessidades do nosso público alvo, classes B e C.

PES-4-Quais são os procedimentos que você adota para a seleção das palavras (materialidade lingüística) que serão empregadas no gênero notícia?

EJ1-Os gêneros são muito mais do que um conjunto de regras, convenções e características textuais; são os modos pelos quais vemos e interpretamos o mundo, como interagimos nele e com ele. Buscamos utilizar os gêneros de conhecimento da população para assim termos o respaldo do leitor.

PES-5-A que público destina-se o *Jornal O Capital* e, na sua opinião, qual é a relação do jornalista com o leitor?

EJ1-B e C. São notícias corriqueiras com interesses voltados a sociedade e região de Sinop. Com certeza ele desperta o interesse no leitor uma vez que noticia os acontecimentos local e regional. O jornalista consegue estabelecer legal esta relação de interesse no momento que transcreve as informações.

PES-6-Você acredita que as notícias são sempre imparciais, apolíticas e verossimilhantes aos fatos apresentados?

EJ1-O principal objetivo é a disputa pelo bem mais precioso do jornalismo, a credibilidade. Para isso, buscam palavras-chave como isenção, transparência, verdade, precisão, imparcialidade. Aí está o grande problema das empresas jornalísticas, e não apenas no Brasil. Não adianta volume de informação, não adianta exercito de profissionais, não adianta liderança comercial sem credibilidade. E não há oportunidade melhor para tentar fixar a imagem de credibilidade do que durante as campanhas eleitorais ou ao longo das coberturas de crises políticas.

ANEXO D - TEXTOS SELECIONADOS

Sinop é o 5º maior exportador de Mato Grosso

Só Notícias

Sinop é o quinto maior exportador de produtos de Mato Grosso com um volume de negócios em 2004 que chegou a US\$ 55 milhões. O crescimento em relação a 2003 foi de 44% que representou US\$ 38 milhões. Os dados são do Ministério da Indústria e Comércio/Secretaria de Comércio Exterior. A madeira (compensado) é o principal produto exportado de Sinop. Vai para os Estados Unidos, Alemanha, França, Bélgica além do mercado asiático para ser transformado em portas, janelas e móveis.

Mas Sinop não deve repetir o mesmo desempenho positivo registrado em 2004. Este ano as exportações de compensados estão em queda devido aos problemas cambiais e também foram afetadas pelo mercado internacional, uma vez que o Brasil sofre forte concorrência da China, que compra o produto bruto, beneficia e revende.

"Eles estão subsidiando a moeda deles em relação a paridade com o dólar e com isso os chineses tem entrado no mercado com preço muito mais acessível do que o da nossa região", avaliou o presidente do Sindicato das Indústrias Madeireiras do Norte, Jaldes Langer. Os madeireiros também acabaram diminuindo o volume de

vendas, nos últimos meses, devido as mudanças no Ibama em Mato Grosso, após a Operação Curupira, que resultou na suspensão de guias de transporte de madeira, que acabaram atrasando o embarque de compensado para o exterior. As remessas estão se normalizando aos poucos, embora o fornecimento das autorizações para transporte de produtos florestais -ATPF's- ainda é lenta devido a falta de servidores no Ibama. Há também indústrias com dificuldades para atender novas exigências do órgão para conseguir documentação.

Em Mato Grosso, de acordo com o balanço das exportações de 2004, Rondonópolis é o campeão. Só Notícias apurou que o município exportou, ano passado, US\$ 806 milhões. A soja e o algodão são os responsáveis pelo aumento no volume de negócios. Cuiabá está em segundo com US\$ 320 milhões. Em terceiro vem Campo Novo dos Parecis com US\$ 102 milhões. Primavera do Leste, outro município com forte vocação agrícola, exportou US\$ 58 milhões.

Nova Mutum, Sorriso e Lucas do Rio Verde também tiveram forte crescimento nas exportações em 2004. A suinocultura e agricultura proporcionaram a Nova Mutum o maior crescimento estadual com 1.200%. Sorriso 186% e, Lucas, 40%.

Produzir floresta é alternativa para o agricultor

24HorasNews

Mais do que equilibrar o passivo ambiental resultante de anos de exploração desordenada, o reflorestamento é considerado, hoje, um excelente negócio. "Está faltando madeira no mercado. Os preços estão subindo, o mercado está atrativo", afirma o engenheiro florestal Sebastião Renato Valverde, um dos palestrantes da Bienal dos Negócios da Agricultura, que será realizada em Cuiabá entre os dias 24 e 26 de agosto.

Doutor em Economia Florestal pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), Valverde coordena cursos sobre gestão ambiental e de formulação de políticas florestais. O título da palestra dele encerra os principais questionamentos de quem ainda vê o plantio de árvores como uma atividade dispendiosa e com pouco retorno: "Reflorestamento é uma alternativa viável? Tem mercado? Tem renda?". A resposta é incisiva. "Vale a pena plantar floresta", assegura o palestrante.

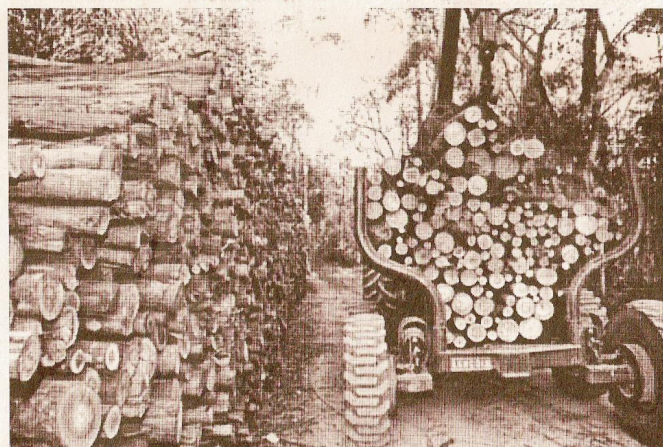
A madeira de reflorestamento, principalmente o eucalipto, pode ser usada no mercado de celulose (fabricação de papel), carvão vegetal e já começa até a substituir madeiras nobres como o mogno e a cerejeira. "Você vende por R\$ 100 o metro cúbico de eucalipto e não encon-

tra mogno por menos de R\$ 400", compara Valverde. Sabendo disso, que empresário não preferirá mudar a essência que usa na fabricação de móveis e placas? E não pára por aí. "Do ponto de vista social e ambiental, tem muito mais vantagens. Gera muito mais emprego do que o desmatamento", conclui o engenheiro florestal.

Segundo ele, a hora é propícia para investimentos. No Sul e Sudeste do País, as indústrias têm aumentado muito a produção de celulose e papel sem dar a contrapartida necessária na área no plantio - é o alerta sobre o "apagão florestal". Já nos Estados da região Norte, a demanda é lenha para secagem de grãos, por madeira para serrarias e para fabricação de compensados.

Se o momento é adequado, o lugar também. Mato Grosso é o elo entre estes dois mercados: pode produzir eucalipto e pinho e também outros tipos de essências. As condições para isso não poderiam ser melhores: ampla insolação, temperaturas altas e abundância de chuvas.

Reunindo tudo isso, a produtividade atinge índices considerados excepcionais. Para cada hectare com sete anos de cultivo, retira-se entre 250 e 300 metros cúbicos. E esta é uma opção para o



Silvicultura já é realidade em outros Estados.

produtor de grãos. "Ele pode diversificar, diminuir riscos", garante.

Uma das opções que se vislumbra ao agricultor é a área de reserva legal. Pela legislação, 80% da propriedade localizada em região de floresta amazônica e 35% daquela no cerrado devem ser preservados. No entanto, a reserva pode servir como uma fonte alternativa de renda, fazendo-se o manejo para retirar madeira. No entanto, para crescer, o mercado precisa de ajustes importantes como o incentivo à produção.

É o que explica o superintendente executivo do Fórum Nacional das Atividades de Base Florestal, Fernando Castanheira, outro palestrante da Bienal. "A questão institucional ainda é

falha", diz ele, ao apontar a ausência de linhas de financiamento para produção de floresta e a abundância de burocracia. Ao lado das críticas aos governos, a crítica à falta de visão. "Tem que haver uma mudança dessa mentalidade imediatista. O investimento em capital é de médio prazo mas o retorno é muito grande", afirma. O exemplo de como o bom gerenciamento supera "barreiras" como o tempo vem do Canadá. "O país fica embaixo de neve metade do ano e exporta dez vezes mais que o Brasil", diz. Isso não se dá por falta de potencial brasileiro, pelo contrário. Nas florestas tropicais, é possível encontrar até 300 espécies diferentes por hectare, com diversidade de cores, resistências e densidades próprias.

REFLEXOS DA CRISE

Madeira tem uma queda de 20% nas exportações

DA REDAÇÃO

Conforme dados apresentados no início da semana, pela Federação das Indústrias no Estado de Mato Grosso (Fiemt) e a Secretaria de Estado de Indústria, Comércio, Minas e Energia (Sicme) sobre os dados de exportação do mês de julho, a crise do setor madeireiro gerou reflexo negativo na economia do Estado.

“Desde a operação Curupira, a exportação de madeira têm caído em Mato Grosso. Em junho, o valor exportado foi de mais de US\$ 17 milhões.

Em julho, o valor caiu para US\$ 13 milhões. Os meses de janeiro e fevereiro são considerados os mais críticos devido às questões climáticas que interferem na produção. Percebemos que com a crise, o mês de julho equiparouse com esses meses”, explicou o coordenador do Centro Internacional de Negócios (CIN) da Fiemt.

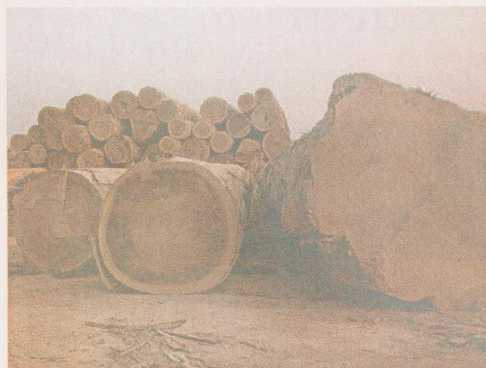
Hoje, cerca de 300 empresas em Mato Grosso são exportadoras. Dessas, mais de 100 atuam no setor madeireiro. Até o ano passado, Mato Grosso era o quarto maior exportador de madeira do país. “A tendência é que as exportações do Estado sejam menores do que no ano passado em função das adver-

sidades”, alerta ele.

Apesar da queda na exportação de madeira, as exportações do Estado continuam surpreendendo. “No início do ano nossa expectativa era de que o crescimento fosse em torno de 10% em relação a 2004. Neste mês, registramos um aumento de mais de 34%, ou seja, bem acima das nossas expectativas. Apesar do dólar em queda, Mato Grosso tem conseguido manter os números de exportação”. No total, Mato Grosso exportou de janeiro a julho, US\$ 2.365.503,903, sendo que o acumulado do mês passado foi de US\$ 1.938.395,918. Grande parte desse sucesso se deve às exportações da soja (grão, farelo e óleo), que teve uma participação de 82,74% no total exportado.

Em relação à importação, os adubos e fertilizantes são os primeiros da lista, com 76,60%.

Em comparação ao mesmo período do ano passado, eles tiveram uma queda de 2,47%. Já o segundo colocado que é a importação de máquinas mecânicas, o resultado foi positivo, obtendo 293,83% em relação a 2004. Estados Unidos, Canadá e Rússia são os países que mais exportam para Mato Grosso.



SETOR SENTIU QUEDA APÓS OPERAÇÃO CURUPIRA

Reflorestamento da região é aprovado pelo governo

FRANCELLE MEZADRI
DA SUCURSAL

O projeto de reflorestamento apresentado pelo Comitê BR-163 deu mostras de avanço significativo na última semana.

Uma viagem ao Paraná para buscar subsídios de operacionalidade já foi marcada e a Secretária de Desenvolvimento Rural do Estado já deu o aval, confirmando a viabilidade de implantação.

A proposta de plantio de eucalipto como alternativa de reflorestamento e geração de renda existe a mais de cinco anos, mas somente nos últimos meses é que a sua implantação começa a ser estudada e elaborada definitivamente.

O presidente do Comitê, Jorge Antonio Baldo, explicou que o projeto está muito perto de ser concretizado porque agora não se trata mais de uma questão que diz respeito somente a iniciativa privada.

“O Estado vem sendo cobrado internacionalmente pela preservação e recuperação da Amazônia”, disse ele afirmando que, com o apoio do Governo Estadual e com as linhas de créditos que já existem, o projeto será viabilizado mais rapidamente, podendo tornar a

região uma precursora em reflorestamento.

Entre os avanços do projeto, está uma viagem que será feita por uma comissão à cidade de Ivaté no Paraná, que irá visitar uma indústria que trabalha toda a cadeia produtiva do eucalipto, desde a extração da essência da folha até a produção de MDF (placa de madeira resistente à água).

De acordo com Baldo, a intenção é buscar informações para serem apresentadas e discutidas com a sociedade. “Queremos implantar esse projeto porque vem de encontro aos problemas sociais, econômicos e ambientais que nossa região enfrenta”. Disse ainda que, a predominância da monocultura e a crescente mecanização das lavouras, têm gerado um grande índice de desemprego e concentração de renda.

Com a implantação do projeto, o eucalipto pode deixar de ser somente uma alternativa de reflorestamento.

A proposta inicial de plantar cerca de 3% das áreas abertas na região, compreendendo de Nova Mutum até Sinop, num universo de 2,5 milhões hectares, é mais uma alternativa de renda para a região Norte do Estado a ser viabilizada.



Foto: Anônimo / DR

PROPOSTA É REFLORESTAR 3% DA ÁREA DE NOVA MUTUM A SINOP

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)